

11-6-1900  
Off. Luiz de A. ...  
BIBLIOTHECA DA LIVRARIA DO POVO

# HOMENS E FACTOS

DA

# HISTORIA PATRIA

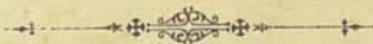
ESTUDOS BIOGRAPHICOS

Segundo a ordem estabelecida no programma  
das escolas primarias

PELO

*Dr. José Maria Velho da Silva*

Professor jubilado de Rhetorica,  
Poetica e Litteratura Brasileira do Gymnasio Nacional



RIO DE JANEIRO

Livraria do Povo — QUARESMA & C. — Livreiros editores  
65 e 67 — RUA DE S. JOSE' — 65 e 67

A  
920.081  
5588  
11/25



# HOMENS E FACTOS

# CONTOS DA CAROCHINHA

## LIVRO PARA CRIANÇAS

Contendo sessenta contos populares, moraes e proveitosos de varios paizes

**Nova edição** enriquecida de grande numero de esplendidas gravuras e vinhetas, accrescentada de mais vinte primorosissimos contos, inteiramente novos, e com uma deslumbrante capa impressa a cores, representando a avósinha contando aos netinhos os — **Contos da Carochinha**,— I elegante volume de perto de 400 pags. enc. 3\$000.

Os **Contos da Carochinha**, que acabamos de publicar, são essas historias que todos nós ouvimos em pequeninos, contadas por nossas mães, por nossos avós e velhos parentes, e que sabem todas as crianças de todos os paizes.

Escriptos em linguagem facil, como convém ás crianças, os **Contos da Carochinha**, são pois, um livro valioso, um livro eterno, porque no Brazil até hoje nada se tem publicado que o iguale; elles são eternos, datam de seculos, e seculos durarão ainda.

A's mães de familia, aos educadores e ao povo em geral recommendamos este precioso livro, unico que póde guiar as crianças no caminho do bem e da virtude, alegrando e divertindo ao mesmo tempo.

---

LIVRARIA DO POVO—RUA DE S. JOSÉ, 65 E 67

BIBLIOTECA NACIONAL FEDERAL

Este volume foi registrado

com o número

de ano de.....

4702

1946

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

---

Os resumos biographicos á que precedem estas considerações obedecem á ordem estabelecida no programma do *curso elementar da Escola primaria de primeiro gráo*, são portanto, proveitosos ao estudo dessa bem lembrada exigencia.

Cada uma das Biographias comprehende, sem sobejidões que enfadem, todos os feitos illustres e gloriosos, ou os desmandos subversivos e maleficos, que caracterisam o personagem de quem se trata. O homem historico representa um complexo de qualidades tão altas e gloriosas. que parecem collocarem-n'o á cima do commum da humanidade, ou é um scelerado, uma intelligencia derrancada, um espirito malefico e um instincto turbulento, porém cheio de audacia, de arrojo, de poder e de tenacidade, symbolisando todas as libertinagens, abominações e iniquidades de seu tempo.

Perpetuar esses prototypos, ainda que antipodas na nobreza dos sentimentos e na excellencia das obras, é de muito proveitoso conselho, á uns, como exemplos para admirar e seguir com o desejo de imitar, á outros como originaes detestaveis para abominar e fugir, com o sentimento de aversão.

Themistocles nascido de paes obscuros, tornou-se um dos mais illustres athenienses ; invejando os esplendidos triumphos de Miltiades, o heroe

de Marathona, confessava que, as glorias deste general, tiravam-lhe o somno; procurou imital-o e com este ideal subiu á suprema altura. Eis o que pode o exemplo. Vespasiano porém, que exerceu encargos importantes durante as atrocidades e tyrannias sem nome, de Caligula e de Nero, subiu ao throno e horrorisado pelas iniquidades e torpesas d'aquelles execrandos modelos, derramou torrentes de beneficios e é um dos grandes benemeritos d'entre os imperadores de Roma. O certo é, que os mediocres, ineptos e imprestaveis não encontram nunca porta aberta para as paginas da Historia; ficam por isso, innominados e portanto sem registro no livro dos seculos; todavia Erostrato, por exemplo, era um dos mais obscuros de Athenas e lá lhe esvoaçou pela mente o sonho de tornar-se celebre.

Uma grande maldade foi seu idéal; lançou fogo ao templo de Diana em Epheso, monumento magestoso, que constituia uma das sete maravilhas, que assombravam a humanidade e que glorificavam o poder, o gosto e o aperfeiçoamento supremo das obras da humanidade. Foi tambem lançado ás chamas de uma fogueira e assim pagou com o supplicio a infamia do crime, achando por sua abominavel audacia uma seteirinha por onde se lhe arrojasse o nome para o registro perpetuo de uma maldade humana audaciosamente commettida. E' por isso que, um dos encyclopedistas francezes, do seculo XVIII, sustentava que, a coragem não caracteriza o individuo; antes ao contrario é ella que se caracteriza e distingue segundo os instinctos do individuo á quem se vincula e com quem se identifica; Bayard, diz elle, o cavalheiro *sem medo e sem mancha*, um dos varões mais illustres, mais corajosos e mais cheios de virtudes, que a França possuiu foi de uma coragem inexcedivel; Cartucho, o grande salteador, chefe de uma quadrilha de bandidos audaciosos, que trouxe

por muitos annos Pariz e seus suburbios aterrados pelo grande numero de roubos e de assassinatos, foi tambem de uma coragem inaudita.

O homem historico é sempre o motor da machina social de seu tempo, qualquer que seja o impulso que sua iniciativa lhe tenha dado; se é benefico, prospero, farto de larguezas, copioso de felicidades e de bem-estar para todos, a gratidão popular lhe erige altares e leva-o em triumpho até a consumação dos seculos, se ao contrario, é ferrenho, caprichoso e arbitrario, retrogrado, malefico e cheio de contradicções insensatas, o desprezo, ou o odio o acompanham na memoria de todos; e esse desprezo e esse odio transmite-se de geração em geração e, é sempre um condemnado e um reprobado da Historia.

Em qualquer dos revezamentos excita-se o interesse, ou para contemplar a altura a que pode chegar o espirito justo, recto e bemfazejo do homem são, ou o aviltamento, a protervia e a iniquidade a que pode descer o espirito malfazejo do impio. Eis a razão do interesse, que inspiram sempre as Biographias, entre todos os povos cultos.

Ainda mais; estas narrações não contém diversões tão delongadas, que lhe difficultem a unidade, fazendo cançar, pela espera do desfecho. Cada uma d'ellas forma um todo, uma historia completa. Mesmo quando o contexto possa comprehender grande numero de successos, mostrando como o personagem de quem se trata, elevou-se ao gráu mais culminante, ou abysmou-se na maior decadencia; como prosperou, ou envileceu-se e finalmente, em que estado deu os ultimos passos de sua carreira no estado da vida; referindo-se á este ultimo termo, fazendo-se sentir o encadeamento de circumstancias, que o conduziram á grandeza e á admiração, ou ao aviltamento, ao odio e ao desprezo; ainda com toda esta concatenação de circumstancias multiplas, deve o briographo encadear toda esta vasta e complicada

urdidura, de modo que, a ligação e desfecho nos dê completa unidade; sem o que ficaríamos sempre á espera do complemento da narrativa.

O genero historico e as obras nelle comprehendidas, em cujo numero entram as biographias, têm por fim narrar factos authenticos e incontestaveis; por tanto exige: *fidelidade* debaixo de cuja qualidade generica ficam comprehendidas a *veracidade*, a *exactidão* e a *imparcialidade*. Deve o escriptor conhecer profundamente os factos, aos quaes não hade ajuntar circumstancia alguma, que lhes dê um colorido estranho; não ommittirá successo algum, que diminua a gravidade das acções más e criminosas; ou que possa amesquinhar o merecimento das acções boas e illustres. Quanto á *imparcialidade*; deve o escriptor estar isento de todo e qualquer espirito de partido, de todas as affeições de patria, familia, profissão; não devendo ter prevenções de qualquer natureza a favor, ou contra, a respeito do que expõe.

A biographia, como dito fica, foi sempre considerada um dos ramos mais interessantes da historia e por isso cultivada e aceita desde tempos remotos. Cornelio Nepote no primeiro seculo antes de J. C., escreveu a vida dos Grandes Capitães da Antiguidade, Plutarco com a clareza de seu admiravel estylo e com a excellencia e perspicacia de um espirito de profundo investigador, escreveu nos primeiros annos da era christã, as vidas dos homens illustres da Grecia e de Roma, pondo-nos este insigne biographo, em communicação familiar com os heróes que nos apresenta, Diogenes Laerce tambem se occupa da vida de homens notaveis, Suetonio deixou-nos além de outros importantes escritos, a *Vida dos doze cezares* e mais algumas noticias acerca de homens de lettras, Eunapio e outros, que nos deixaram noticias interessantes de varões illustres, que sem estes arautos de feitos gloriosos, não possuiríamos hoje a tra-

dição memoravel de tão preclaros exemplares. Finalmente no grande periodo do ressurgir das letras pelo invasão de Mahomet II em Constantinopla e expulsão dos gregos, que acharam a grande e valiosa protecção do papa Leão X e de Lourenço de Medicis, o *Magnifico*; nesse periodo luminoso, que se denomina o *Renascimento* apparecem os homens mais eminentes nas letras, entre elles Petrarca, Boccacio, Brantome, Paul Jove e outros que escreveram n'este genero obras de mór valia e grande apreço. Isto mostra a grande estima que, tem merecido sempre as obras deste genero, que nos põe diante dos olhos varões eminentes que nos offerecem salvo conducto para caminharmos incolumes pela estrada das sciencias e das letras.





## Homens e Factos da Historia Patria

---

**Christovam Colombo.** — Este celebre navegador nasceu em 1435, ou 1441; segundo uns, em Genova, segundo outros em Cuccaro, em Savona; mas o mais provavel, é que fosse em Cologneto. Foi filho de um tecelão. Estudou profundamente geometria, astronomia, geographia e cosmographia; viajou por quasi todas as partes do mundo conhecido.

Conjecturou a existencia de outras regiões; propoz o projecto de suas descobertas ao rei de Portugal e depois aos genovezes, mas por ambas as partes foram desprezadas suas offertas de descobrimentos e foi tido como visionario. Dirigindo-se á Hespanha e depois de 8 annos de constantes solicitações, obteve de Fernando e de Isabel, que então reinavam, trez navios com que se embarcou em Palos, em Andaluzia, a 3 de agosto de 1492.

Aportou primeiro á ilha de S. Salvador, uma das Lucayas, (1) descobriu depois Cuba e S. Domingos, voltando á Europa em Março de 1493. Descobriu a maior parte das pequenas Antilhas em sua segunda viagem. Em uma terceira viagem feita em 1498 descobriu o conti-

---

(1) Archipelago do oceano athlantico, perto da America setentrional.

nente e percorreu a costa da America meridional desde a foz do Orenoco até ao Caracas.

Victima de calumnias cahio em desgraça, foi enviado preso e carregado de ferros para Hespanha, alcançou a liberdade, porém opprimido de desgostos e de molestias, morreu em 1506, sem que ao menos tivesse a gloria de dar seu nome ao continente que descobrira.

Devem-se á Colombo grandes progressos na navegação e foi o primeiro que se serviu do astrolabio.

**Pedro Alvares Cabral.** — Em 22 de Abril de 1500 este celebre navegador portuguez, que commandava a frota que ia para as Indias com o fim de continuar a empreza de Vasco da Gama, desviando-se das calmarias da Costa da Africa afastou-se para Oeste e descobriu uma vasta região desconhecida, de que tomou posse em nome d'El-rei D. Manoel, o Afortunado, que então reinava em Portugal; foi esse immenso territorio denominado Terra da Vera-Cruz, pouco depois chamado Brazil. Cabral despachou Gaspar de Lemos para Lisboa, levando noticia a El-rei, do descobrimento do vasto continente que o acaso lhe deparara e dirigio-se para as Indias, fez alliança com o rei de Cochim e de Cananor e regressou a Portugalem 1501.

**José de Anchieta.** — Este verdadeiro apostolo e notavel missionario do Novo Mundo, nasceu em Teneriffe (1) em 1533. Fez seus es-

---

(1) A maior das ilhas Canarias.

tudos na Universidade de Coimbra e com a idade de 18 annos entrou para a Companhia de Jesus, desenvolvendo sempre admiravel intelligencia e grande aproveitamento.

Foi enviado para o Brazil em 1553, contando apenas 20 annos de idade. Cathequisou os indigenas da capitania de S. Vicente, mais tarde S. Paulo,. Foi extraordinaria sua influencia, já por suas grandes virtudes, já por sua notavel eloquencia. Converteu ao catholicismo grande numero de tribus selvagens e anthropophagas. Nas solidões das florestas virgens escreveu muitas e importantes obras, entre ellas, uma *grammatica da lingua mais usada na Costa do Brazil*.

Em 1567 fez expulsar os francezes do Rio de Janeiro, onde entrou vindo da Bahia. Fundou escolas na Bahia, em Pernambuco e no Espirito-Santo. Civilisou os Tubinambás, os Aymorés e os Papanazes e construiu importantes monumentos religiosos. Na idade de 52 annos foi nomeado Geral da companhia e falleceu em 1597.

**Salvador Corrêa de Sá.**—Pareceu-nos que seria deficiente a noticia deste benemerito varão se, ainda que em poucas palavras, não fallassesmos da grande importancia que a notavel individualidade de seu operoso e venerando tio Mem de Sá teve nos destinos deste paiz, assim como seu respeitavel e illustre primo Estacio de Sá á quem o Brazil deve valiosos serviços.

Mem, ou Mendo de Sá, posto que nascido em Portugal, occupou honroso e merecido lugar na nossa história patria. Foi elle o terceiro governador geral do Brazil, tendo sido nomeado para

este honroso e difficil cargo, em 1558, havendo-o exercido por espaço de 15 annos consecutivos. Vencendo as maiores difficuldades pela falta de todos os recursos; tendo recebido ordem do governo da metropole, em 1560, para vir da Bahia, então séde do governo do Brazil, ao Rio de Janeiro, para expellir os francezes, que delle se haviam apoderado, e vindo para esta ardua e arriscada empreza com o diminuto contingente de 120 portuguezes e 140 indios, conseguiu por sua bravura derrotar o inimigo que dispunha de 120 homens aguerridos, que occupavam a pequena ilha de Villegaignon, com o almirante que lhe deu o nome desde 1555.

O denodado governador não tendo forças para deixar guarnecido o paiz, arrasou a fortaleza e retirou-se para a Bahia. Vendo que não havia força para guarnição dos pontos conquistados voltaram os francezes novamente a occupar suas antigas posições, fazendo novas e mais seguras fortificações.

Em 1564 nomeara o governo de Portugal a Estacio de Sá commandante da expedição, que vinha outra vez contra os francezes.

Sabendo Mem de Sá, em 1566, que seu sobrinho se achava em perigosa situação, angariou voluntarios, buscou contingentes em S. Vicente e no Espirito-Santo e chega ao Rio de Janeiro em 18 de Janeiro de 1567, em auxilio de seu sobrinho. Dois dias depois em seguida a um sanguinolento combate, conseguiu completa victoria contra os francezes; fundou a cidade a que denominou de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em commemoração do dia 20 desse mez,

em que se venera o dito Santo; poz termo a guerra do gentio na capitania dos Ilhéos e Porto Seguro, venceu a conjuração dos Tamoyos, fez outros importantes serviços e voltou para a Bahia, onde falleceu em 1572.

Estacio de Sá, foi capitão e primeiro governador do Rio de Janeiro; tendo sido enviado para o Brazil em 1565. Foi elle quem lançou os primeiros fundamentos desta nossa cidade; alcançou victoria sobre os francezes e os tamoyos confederados contra os portuguezes; sendo suas forças de guerra muito inferiores as do inimigo.

Por ser esta dita victoria alcançada no dia em que a igreja celebra a festa de S. Sebastião, tomou a cidade o nome deste Santo.

No momento em que derrotava o inimigo acolhido ao forte de Villegaignon e se cantava o admiravel triumpho, a seta de um indio atravessou-lhe a face e depois de horriveis padecimentos por espaço de 30 dias falleceu em 1567.

Salvador Corrêa de Sá succedeo á seu primo Estacio de Sá.

Este benemerito varão, já distincto por sua coragem e notaveis serviços na guerra contra os francezes e tamoyos, foi por seu tio, Mem de Sá julgado digno de ser o successor de seu heroico primo e foi por elle nomeado capitão-mór do Rio de Janeiro, tomando posse do seu governo, apenas se retirou para a Bahia seu tio, governador geral do Brazil.

Continuou e alargou os fundamentos da cidade, fortificou os dois lados da barra, sem dispendio algum para o Estado, coordernou o go-

verno civil da cidade fazendo as nomeações nos diversos encargos por provisão sua de 14 de Março de 1568, desbaratou os francezes, que tinham náos em Cabo Frio, occupadas no contrabando do pau brazil, em que traficavam com os indigenas, desbravou as matas virgens para alargar as dimensões da cidade, pacificou os tumultos e dissensões do povo e governou como um chefe de familia prudente e judicioso sôe proceder para com os seus governados. Foi substituido no governo por Christovam de Barros, por alvará regio de 31 de Outubro de 1571.

**Henrique Dias**, — era este heroe brasileiro, de côr preta e raça africana. Reinava em Portugal D. João IV, governava Pernambuco Mathias de Albuquerque. Começou Henrique Dias a servir nas luctas de Pernambuco contra os hollandezes com alguns companheiros da sua côr e raça, desde logo tornou-se celebre por seu valor, disciplina e perspicacia; era temido como um dos mais audaciosos e incansaveis inimigos dos hollandezes. Tomou a fortaleza do Recife guarneçada por artilheria grossa e grande numero de fossos, foi nomeado capitão, havendo já sido acclamado pelos seus; com 40 pretos de seu commando soccorreu Iguarassú com a maior intrepidez, sendo ahi ferido.

Desde 1633 a 1636 entrou em todos os combates, havendo-se sempre como heroe. Coube-lhe o maior quinhão de gloria na batalha de Porto Calvo em 1637, teve por isso o fôro de fidalgo, o habito de Christo e a patente de cabo e governador dos homens pardos e creoulos, tendo o

soldo mensal de 40 cruzados. Occupou sempre as posições mais arriscadas na defeza da Bahia, na derrota do principe Mauricio de Nassau; assim como nas batalhas dos Guararapes.

Heróe como poucos, nunca foi derrotado durante 21 annos de guerras sanguinolentas. Foi grande pelo valor e pela honra. Morreu mestre de campo, em 31 de Agosto de 1661. Depois de feitos tão heroicos, de uma bravura digna da historia e tamanha lealdade e nobreza de character morreu quasi esquecido e muito proximo da indigencia. Foi mais uma victima da ingratição dos que tanto lhe deviam.

**Antonio Felippe Camarão** (Poty era seu nome indigena). Não é bem conhecido em qual das provincias do Brazil nasceu este denodado filho das selvas, sabendo-se porém, que já em 1614 tinha predominio e mando sobre os seus. Baptisando-se tomou o nome de Antonio.

Foi o mais habil capitão de emboscadas na invasão de Pernambuco pelos hollandezes, mostrando sempre a maior audacia e ardimento nos numerosos combates que teve, dirigindo os seus indios. Apoderou-se com a maior ousadia de fortes reductos hollandezes, devastou fazendas, assenhoreando-se de grande quantidade de mercadorias.

Enviando os hollandezes uma forte columna ao encontro do nosso heroe, foi por elle desbaratada nos combates feridos a 20 e 24 de Agosto de 1636. De sorte que sendo postas em debandada as numerosas e disciplinadas forças hollandezas, por Felippe Camarão com os poucos in-

dios que dirigia, ficou elle senhor das posições ; sendo por este grande feito, condecorado com o habito de Christo e recebendo o tratamento de dom.

Entrou sempre com a maior valentia, em todos os combates, que decorreram de 1637 a 1638; cobrindo-se da maior gloria em 19 de Abril de 1648 commandando a ala direita do exercito, na sanguinolenta batalha dos Guararapes, em que foram os hollandezes completamente derrotados. Falleceu este heróe de uma febre, nesse mesmo anno de 1648.

**Tira-Dentes.**—Era o antonomastico porque é mais conhecido o infeliz Joaquim José da Silva Xavier, de quem vamos tratar summariamente.

Nascera este malaventurado brasileiro, no Pombal, termo da villa de São João d'El-Rei, da então capitania de Minas Geraes.

Foram seus paes Domingos da Silva dos Santos e Antonia da Encarnação Xavier.

Era o visconde de Barbacena governador de Minas e Luiz de Vasconcellos e Souza vice-rei do Estado do Brazil, quando appareceu em Minas a idéa de um levante contra as instituições portuguezas, com o fim de proclamar a republica; isto em que a principio se pensava muito a medo e por isso, muito escondidamente, foi pouco a pouco se divulgando e a traição de animos pervertidos trouxe a lume o que na realidade talvez não passasse de planos chimericos e de pasatempos frivolos e mesmo, talvez, sem intento formal de execução possivel ; tanto mais que eram havidos como entrados no conventiculo,

homens letrados, notaveis por sua illustração e cargos publicos, que exerciam com distincção, outros eram militares de patentes altas. outros, sacerdotes respeitaveis, e nestas condições bem e claramente deviam conhecer os perigos a que se arrojavam e a carencia de todos os elementos para tão temeraria empresa; quando as leis de então ressentiam-se, ou antes, eram a expressão do espirito ferrenho e barbaro daquelles tempos de nefanda memoria em que os codigos olhavam para a vida da humanidade, como para a de qualquer alimaria.

Vamos expôr em poucas palavras o que motivou a idéa do levante e as medidas execrandas de que foram victimas os varões illustres que sonharam no meio das trevas de seu tempo, uma emancipação platonica.

A capitania de Minas era obrigada a remeter para Portugal o quinto de todo o ouro produzido e apanhado na sua mineração; depois por difficuldades na cobrança, ficou obrigada á um imposto por capitação, que produzia a renda annual de cem arrobas.

Foram as minas empobrecendo e desapparecendo o ouro; ainda por maiores difficuldades na cobrança, passaram-se alguns annos sem se cuidar nella.

Achava-se a capitania falta de todos os recursos e seus habitantes no maior desalento, quando apparece repentinamente a noticia de que, se ia fazer a derrama, isto é, que ia ser o povo obrigado a pagar de uma só vez, toda a divida atrazada, que orçava por umas 700 arro-

bas de ouro; o que se tornava impossivel, sob pena de ficar tudo reduzido á ultima miseria.

Ao receber-se a angustiosa noticia de uma medida que tomada, trazia a ruina de uma população inteira, o terror e a indignação apoderaram-se de todos e inspiraram conceitos mais, ou menos vehementes e recalitrantes aos espiritos mais exaltados; accumulando-se a isto odios antigos contra muitos dos governadores, que tratando unicamente de enriquecer a si e aos seus á custa do trabalho do pobre povo colonial, olhavam para elle como os lacedemonios para os seus ilotas.

Entre os espiritos mais ardentes e arrebatados sobresahia o alferes de cavallaria paga, Joaquim José, da Silva Xavier, que pela habilidade que possuia de tirar e pôr dentes, era chamado, como acima se dice, o *Tira-Dentes*.

Era o alferes Xavier, homem de animo deliberado e cheio de enthusiasmo patriotico; porém indiscreto e destituído de instrucção, e não podendo pesar os grandes riscos de sua propaganda, pelo pouco alcance de seu intendimento, procurava fazer partidarios por toda parte, sem distincção de lugar e de pessoas; vinha para o Rio de Janeiro fallando do levante, nas estradas, nos pousos, nesta cidade a muitas pessoas a quem não conhecia, nem podia contar com a sua participação e segredo; e sendo elle homem incauto e sem doutrina, suas convicções eram cegas, aferradas e immutaveis, e menos habil de todos para a comprehensão e execução de um plano de governo, tornou-se tão saliente que foi tido como chefe do levante e classificado como cabeça, o que

se vê dos innumerados autos de perguntas do iniquo e barbaro processo de inconfidencia.

Foi preso o nosso malfadado compatriota n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro no dia 6 de Maio de 1789, havendo-se refugiado em casa de Domingos Fernandes, á rua dos Latoeiros, hoje de Gonçalves Dias, foi encarcerado em um dos segredos da fortaleza da Ilha das Cobras, onde se conservava carregado de ferros e privado de toda e qualquer communicação.

Declarou no primeiro auto de perguntas, seu nome, naturalidade e filiação, como se acha no principio; disse ter 41 annos de idade, ser solteiro, e que se achava occulto por lhe haverem dito diversas pessoas que o vice-rei ia mandar prendel-o, que viéra á esta cidade por causa de uns requerimentos que havia feito, que conversara sobre a derrama, que tinha sido lançada aos povos de Minas, e do geral descontentamento que alli grassava; confessou que sabia do levante, que foi elle quem idéou tudo, sem que nenhuma outra pessoa o movesse, nem lhe inspirasse cousa alguma, que fizera tudo isso desesperado por ter sido preterido quatro vezes, injustamente.

Houve-se portanto o nosso animoso compatriota com inteira e varonil probidade evitando escrupulosamente arriscar a segurança dos seus alliados no levante; porém nos seguintes e interminaveis autos de perguntas tergiversou e cahio em varias contradicções.

Estes desacertos, não podem, de certo, macular o accusado, quando vemos que os outros, que eram letrados e mesmo os que haviam exercido cargos de magistratura, cahiram em muito

mais graves contradições e revelações mais compromettedoras e desleaes para com os seus amigos e confederados.

Os juizes da alçada mais pareciam partes offendidas e interessadas em causa propria, que magistrados integros, justos e imparciaes; mostravam-se mais desejosos de apanhar eshitações e ambiguidades para o supplicio, que o descobrimento da verdade para a evidencia dos factos; mettiam os accusados em um dedalo de suggestões e perguntas capciosas com tamanha e tão prolongada insistencia, que produzia o canção e com elle a quasi inconsciencia das respostas.

Considere-se mais, que os infelizes arrancados dos seus commodos e domicilios, eram algemados, acorrentados e mettidos em segredos, na escuridão das enxovias, incommunicaveis, famintos e quase em desnudez; e ver-se-ha se póde haver coordenação nos pensamentos e perfeita imputabilidade nos dizeres.

Cumpre dizermos, que o andamento deste moroso e enredado processo durou mais de 2 annos, por isso foi rubricado por um vice-rei, e a communicação para a metropole foi assignada por outro; pois que o conde de Rezende succedeu á Luiz de Vasconcellos em 9 de Julho de 1790, e dentro desse circulo negro de nossa historia patria, teve principio e aquella pavorosa abominação.

O tribunal da alçada condemnou 11 dos conjurados á pena ultima, sendo declarados infames filhos e netos, confiscados seus bens, arrasadas as casas e prohibição de novas edificações nos respectivos terrenos!!!

Foi commutada esta hecatombe humana ordenada pelo cruento e sanguinario tribunal, por decreto da rainha D. Maria I, tendo sido lida a iniqua sentença a 18 de abril de 1792.

Todos os indultados da pena de morte, foram condemnados a desterro para os desertos e mortíferos sertões d'África oriental e occidental; uns em degredo perpetuo, outros por 10 annos e todos com a comminação da pena de morte, se voltassem ao Brazil.

Os cinco réos ecclesiasticos porém, foram remettidos para Lisboa em virtude da carta régia de 24 de Junho de 1792, para serem lá punidos conforme a Rainha o entendesse.

Finalmente, foi a sentença de morte executada no *infame réo Joaquim José da Silva Xavier* por ser *o unico que na fórma da dita carta se faz indigno da real piedade da dita Senhora* (a rainha). Assim foi qualificado o desditoso alferes Tiradentes.

Foi este o vergonhoso desfecho daquella sanguinolenta tragedia, que teve por assumpto o clamor patriotico de uma pleiade illustre de brazileiros distinctos, por executores juizes de animo preventivo e de severidade inexoravel, e por modelo os julgamentos indiciarios dos seculos barbaros.

Para não descrevermos todos os horrores dessas scenas execraveis e para que se conheção que foi feito do desditoso Silva Xavier e de seus martyrios em vida e profanações depois della, poremos como remate deste ligeiro apontamento biographico, a cópia da certidão do desfecho da lugubre tragedia, eil-a: «Francisco Luiz Alva-

res da Rocha desembargador dos aggravos da relação desta cidade e escrivão da commissão expedida contra os réos da conjuração formada em Minas-Geraes, certifico que o réo Joaquim José da Silva Xavier foi levado ao lugar da forca, levantada no campo de São Domingos, e nella padeceu morte natural e lhe foi cortada a cabeça, e o corpo dividido em quatro quartos; e de como assim passou na verdade, lavrei a presente certidão e dou minha fé. Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1792.» — *Francisco Luiz Alvares da Rocha.*

A cabeça e os quartos do desditoso Tiradentes foram erguidos em postes altos, a cabeça foi mandada collocar no lugar mais publico de Villa-Rica e os quartos por diversos pontos da estrada de Minas até que o tempo os consumisse !!

**José Bonifacio de Andrade e Silva.**—

Este sabio e notavel brasileiro, nasceu na antiga Villa de Santos (provincia de S. Paulo) a 13 de Junho de 1763. Feitos seus primeiros estudos em sua terra natal, foi para a celebre Universidade de Coimbra, tendo 17 annos de idade. Frequentou com grande aproveitamento os cursos de direito civil e philosophia natural, graduando-se em ambas as faculdades.

Foi para Lisboa com o fim de seguir a magistratura, porem ahi foi persuadido pelo duque de Lafões a deixar esse intento e seguir as sciencias naturaes, para o que tinha a maior aptidão.

Foi no meado socio da Academia Real das Sciencias e por ella snbsidiado para ir aperfeiçoar os seus conhecimentos, em diversos paizes

da Europa, percorreu a Hespanha, França, Italia, Allemanha, Dinamarca, Suecia, Noruega, Hollanda, Suissa e Inglaterra, voltando a Portugal em 1801. Foi nomeado intendente geral das minas, com honras de desembargador da relação do Porto, e ao mesmo tempo lente de metalurgia e geognosia.

Durante os 10 annos de suas viagens pela Europa conviveu com os maiores sabios e foi recebido socio das principaes sociedades litterarias e scientificas.

Escreveu importantes memorias sobre diversos objectos de sciencias; sendo uma dellas acerca de 12 novos mineraes por elle descobertos e foi encarregado da direcção de obras importantes.

Na invasão franceza em Portugal prestou relevantes serviços como major e tenente coronel do batalhão academico; foi depois da guerra nomeado intendente da policia no Porto; sendo em 1812 eleito unanimemente secretario perpetuo da academia real das Sciencias.

Regressou á Patria em 1819, prestando relevantes serviços nos acontecimentos politicos de 1821 a 1822.

Concorreu poderosamente para a proclamação da independencia, fez parte do primeiro ministerio, desenvolvendo prodigiosa actividade e grandes recursos, em um periodo de transformações importantes, em que era necessario tudo criar para o futuro de uma nacionalidade que começava a erguer-se. Seus inimigos politicos urdiram contra elle graves intrigas, que foram acreditadas pelo imperador D. Pedro I e em vir-

tude de que, foi deportado, voltando ao Brazil no fim de 7 annos, achando D. Pedro arrependido admittindo-o á sua antiga amisade e inteiramente congraçado.

Os successos de 7 de Abril de 1831 o fizeram entrar de novo na actividade da vida politica. D. Pedro abdicando a corôa nomeou-o tutor de seu filho o Sr. D. Pedro II e de suas augustas irmãs. José Bonifacio houve-se neste espinhoso encargo com a lealdade propria da nobreza de seu character. Falleceu no dia 6 de Abril de 1838.

### **D. Pedro I, o fundador do imperio.**

—De 1807 a 1808 decorreu o periodo em que se accumularam os maiores e mais efficazes elementos para o progresso e desenvolvimento do Brazil.

O exercito francez commandado por Junot havia invadido as fronteiras de Portugal, e o principe D. João, regente do reino pelo estado de demencia em que se achava a rainha sua mãe D. Maria I, fugindo da invasão franceza, embarcou-se com toda a familia real e numerozo sequito em grande numero de navios acompanhados por uma parte da esquadra ingleza, e deixando Lisbôa, em 29 de Novembro de 1807, depois de uma viagem delongada por temporaes, entraram a barra do Rio de Janeiro em 7 de Março de 1808. Por este facto ficou abolido o systema colonial.

Os nossos portos, que até então só recebiam embarcações procedentes da metropole, ficando assim restringido o seu commercio, foram abertos ao commercio de todas as nações. Crearam-se as

academias militar, de marinha e medico-cirurgica, assim como a aula do commercio e estabeleceu-se a imprensa regia.

Este complexo de medidas veio despertar aspirações que dormiam e que, mais tarde, ganhando incremento vieram pôr em campo a independencia ; acrescendo mais para incentivo, o decreto de 16 de Junho de 1815, que elevou o Brazil á categoria do reino, intitulando-se os soberanos : reis do reino unido de Portugal, Brazil e Algarve. (1). Por morte de D. Maria I, em 1816, o principe D. João, regente, subio ao throno, com o titulo de rei D. João VI.

O principe D. Pedro, herdeiro presumptivo da corôa, era filho deste principe e de sua esposa D. Carlota Joaquina, filha do rei Carlos IV de Hespanha, e nascera no palacio de Queluz proximo á cidade de Lisboa, em 12 de Outubro de 1792, casando-se nesta corte, em 1818 com a archiduqueza d'Austria, D. Maria Leopoldina, mais tarde, imperatriz do Brazil.

A revolução de 1820 com que Portugal instituiu o regimen constitucional, trouxe a sua assembléa constituinte e esta decretou para o Brazil a imposição forçada da volta da familia real, a supressão dos tribunaes, a restricção das franquezas dos portos, a recolonisação e divisão das provincias, que seriam immediatamente submettidas ao governo portuguez, e tudo isto

---

(1) Os reis de Portugal intitulavam-se D. F. por graça de Deus, rei do reino unido de Portugal, Brazil e Algarve, d'aquem e d'alem mar, em Africa senhor de Guiné e da conquista e navegação da Ethiopia, Arabia, India e Persia, etc., etc.

com ameaças do emprego de força contra qualquer tentativa de resistencia.

Tentando assim por todos os meios desautorisar um paiz vastissimo e rico, que já se tinha acostumado ao goso de immunidades e de uma tal ou qual autonomia.

Estas e outras medidas impoliticamente e absurdamente determinaram peremptoriamente a proclamação da independencia e a fundação do imperio.

A 26 de Abril de 1821 partio para Lisboa o rei e toda a familia excepto D. Pedro, que ficou á testa do governo do Brazil como regente e lugar tenente do rei seu pae.

O Brazil achava-se offendido em seus brios desejoso de oppôr barreiras á iniqua prepotencia da metropole; o principe D. Pedro vacillava entre as ordens terminantes das côrtes portuguezas e os interesses da autonomia brazileira, e alguma razão havia para tanto; era filho e lugar-tenente deixado pelo rei, seu pae a quem devia obediencia; posto que seu proprio pae prevendo os acontecimentos o aconselhasse a que não deixasse para qualquer aventureiro a corôa a que tinha direito, que no caso de separação decisiva pozesse-a ella na cabeça e não outro.

Os eleitores haviam se reunido na praça do Commercio no dia 20 de Abril de 1821, para elegerem deputados á assembléa constituinte portugueza; não podemos negar que, essa reunião excedera-se em seu mandato, e se tornara um tanto desordenada; porém esse desvio de novatos no offiço, não attenúa, nem justifica o procedi-

mento atroz da divisão portugueza, denominada —auxiliadora. (1)

Esta divisão marchou pela madrugada, contra os eleitores e povo reunidos na praça do Commercio, e sem que precedesse intimação alguma, disparou diversas descargas de balas e invadindo o salão, expellira os membros da assembléa eleitoral á baioneta calada, matando alguns e ferindo muitos.

Essa ferocidade e mais o attentado de 25 de Junho do mesmo anno, em que a mesma divisão obrigou o príncipe a jurar as bases da constituição portugueza e a mudar o ministerio e a outras medidas violentas, deram causa á lamentavel e anti-social desunião e represalias entre brasileiros e portuguezes; o que nunca deveria ter existido entre povos irmãos.

Os brasileiros estavam divididos em partidos; uns eram pela independencia com D. Pedro á testa do governo; outros queriam prestar obediencia ás côrtes portuguezas; porém os arbitrarios e oppressivos decretos d'ellas emanadas e as violencias da divisão portugueza, trouxeram a união dos partidos entre os brasileiros; cessaram as divergencias e uniram-se todos em um só pensamento, isto é: na declaração da independencia e na fundação de um throno para o príncipe D. Pedro.

Os decretos das côrtes portuguezas chegaram ao Rio de Janeiro a 10 de Dezembro de

---

(1) Constava dos batalhões 11, 15,3 de caçadores e artilheria montada, era seu commandante o general Jorge de Avilez Zusarte de Souza Tavares.

1821, abolindo os tribunaes e ordenando a retirada do principe para Portugal foi o rebate para a junção de todos os brazileiros em um só pensamento de resistencia a aquelles decretos, que mais pareciam desorganizadores, que constituintes.

Chegaram ao principe, representações do povo de S. Paulo; o povo fluminense por intermedio do Senado da Camara dirigiu-lhe egualmente sua representação, e o dia 9 de Janeiro de 1822 imprimio nas paginas da nossa historia patria as palavras legendarias de D. Pedro: — *Como é para bem de todos e felicidade geral da nação diga ao povo que Fico.*

Rompeu-se o véo que occultava a luz e deixava todos mergulhados no nevoeiro das incertezas, a obediencia aos decretos das côrtes portuguezes converteu-se em resistencia formal; o Brazil fez ouvir sua voz autorizada bradando soberanamente: basta. D. Pedro tornou-se o idolo do povo no meio do entusiasmo geral.

No dia 11 do mesmo mez houve terceira sedição das tropas portuguezas; foi porém facilmente dominada; sahiudo ellas para Portugal no dia 15 do mesmo mez.

D. Pedro havia nomeado José Bonifacio de Andrade ministro do reino e de estrangeiros, e decretou a convocação de procurador das provincias.

A provincia de Minas mostrara-se desassossegada, seu governo provisorio negou obediencia ao principe, este parte para alli á 25 de Março; é recebido com o maior applauso e en-

thusiasmo, e volta á côrte no meio de geraes aclamações.

Apparecem novas medidas aggressivas contra o Brazil. A 13 de Maio é-lhe conferido pelo Senado da Câmara em nome do povo o titulo de: *Defensor perpetuo do Brazil*, que elle jubilosamente aceitou.

Em 14 de Agosto parte para São Paulo, onde se estavam dando manifestações duvidosas reconcilia os animos e deixa a todos, como por encanto, em unidade de pensamento. No dia 7 de Setembro, em sua volta de São Paulo, que se pode considerar uma verdadeira marcha triumphal; parando a margem do Ypiranga, para ler despachos chegados do reino; tal impressão lhe produziu no animo essa leitura, que repentinamente descobrio-se e com quanto vigor e enthusiasmo lhe cabiam nas posses, soltou o brado: «Independencia, ou morte».

O anno de 1822 foi o mais auspicioso e cheio de glorias para o principe.

Em 12 de Outubro, é elle proclamado imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, e no 1° de Dezembro, é solememente coroado. A 3 de Maio de 1823, é installada a assembléa constituinte; a 17 de Julho, é demettido o ministerio dos Andradas; a 11 de Novembro o imperador nomeia outro ministerio; em seguida foi dissolvida a assembléa constituinte pela força militar, e José Bonifacio, Antonio Carlos, Martins Francisco e outros foram desterrados para a Europa.

D. Pedro por estes factos perdeu grande parte da popularidade e do amor dos povos que

seus feitos anteriores e seus grandes serviços haviam grangeado; desde então o numero de seus adversarios politicos foi avultando e solapando os alicerces de sua gloria e do throno que se erguera sobre os enthusiasmos e applausos do Brazil inteiro.

O imperador encarregou o conselho de estado, de organizar o projecto da constituição, de que desempenhou-se satisfactoriamente; foi o projecto remettido e submettido ás camaras municipaes em Janeiro de 1824; effectuando-se o juramento da mesma constituição a 25 de Março desse mesmo anno.

A verificação desta medida pareceu moderar os animos, attenuando os ressentimentos; porém essa especie de armisticio foi de pouca duração; o trabalho de demolição continuou sorrateiro.

Seguiu-se a revolta da banda oriental; veio depois a guerra da Cisplatina, que durou de 1825 a 28 e que com a maior injustiça e por trabalho aturado de antagonistas obstinados tornou-se impopular; pois que o imperador defendia os interesses e a integridade do Brazil.

O reconhecimento da independencia foi tambem pretexto para a opposição, apresentava algumas clausulas do tratado como subservientes ao predominio portuguez.

Em Maio de 1826 instalou-se a assembléa legislativa e em seu seio continuou vehemente e numerosa opposição. Portugal havia reconhecido a independencia por influxo da Inglaterra, com o onus de dois milhões de libras esterlinas; a guerra da Cisplatina tinha produzido profundo

desequilíbrio entre as rendas e as despesas publicas não se tratava da necessaria economia, nem os ministros tinham a requerida habilidade e perspicacia para o difficil encargo.

O Rei D. João VI fallecera em 1826; foi D. Pedro reconhecido e acclamado pela regencia, rei de Portugal. Esta nova phase veio dar novos pretextos aos adversarios do imperador; entretanto elle abdicou a corôa de Portugal em sua filha D. Maria da Gloria.

D. Pedro tendo ficado viuvo, pelo fallecimento de sua primeira consorte, a 11 de Dezembro de 1826, celebrou seu segundo consorcio com a princeza D. Amelia de Leuchtemberg a 17 de Outubro de 1829.

Na segunda legislatura, em 1830, appareceu mais viva e mais numerosa a opposição liberal. Propalou-se que havia um plano de revolução para a monarchia absoluta, sendo o imperador estranho á semelhante idéa; foi ainda elle quem se oppoz em conselho, á idéa ali proposta da dissolução da Camara; no entanto a opposição lançava sobre elle a accusação de todos os factos, e era responsabilisado por tudo, sendo elle aliás irresponsavel.

Tomara grande desenvolvimento a idéa da federação das provincias, a opposição crescia successivamente.

O imperador conheceu que se achava abandonado por grande numero de brazileiros adictos ao partido liberal, conhecendo por si mesmo, e não atravez do prisma de seus ministros, o verdadeiro estado e circumstancias do paiz, e lembrando-se de seus gloriosos trium-

phos de 1822, resolveu-se á ir visitar a provincia de Minas, onde sabia que existia grande numero de seus adversarios politicos. Desta vez porém, voltou cheio de desenganos e magoado pela indifferença e tibieza com que ali fôra recebido; desde então parece, que lhe passou pela mente a idéa da abdicação.

Regressando de sua viagem da provincia de Minas chegou á Côrte a 11 de Março; porém sua entrada solemne foi marcada para o dia 15.

Nos dias 12, 13 e 14 deram-se graves conflictos; com a maior imprudencia reuniram-se os subditos portuguezes de todas as condições sociaes desde os adoptivos, e dos que o não eram, desde os mais bem collocados negociantes até os das mais baixas posições, e procuravam acintosamente fazer estrondosos festejos ao imperador. Illuminações, fogos de artificio e grande numero de fogueiras estendiam-se pelas principaes ruas do commercio; vivas estrepitosos e provocadores retumbavam em voserias de ensurdecer; e os grupos de brazileiros eram corridos á pedras e a garrafas. (1)

Produziram-se reacções e vindictas sanguinolentas, e odios reciprocos inveteraram se; porém com o progresso, melhor orientação da sociedade e a razão calma estão felizmente extinctos.

Os liberaes exaltados lançavam todo o odio

---

(1) O povo em sua linguagem pittoresca, denominou «garrafadas de Março» á esses desaguizados, filhos de mãos conselhos de partidarios cegos e que por isso não recuam, ainda mesmo diante dos mais profundos precipicios.

destes desacatos sobre D. Pedro, aproveitando-se malignamente de sua naturalidade portugueza. Estes azedumes iam fermentando os odios e complicando os máos desejos de sediciosos.

Alguns senadores e deputados reuniram-se e fizeram ao imperador uma representação contra as affrontas recebidas; sendo entregue a dita representação ao ministro do imperio á 17 de Março.

No dia 20 foi o ministerio demittido; os liberaes moderados o receberam formalmente, os exaltados porém, continuaram a excitar a revolução contra o imperador. Tudo apresentava um aspecto assustador, parecia sentir-se os signaes precursores de um terremoto. No dia 5 de Abril o imperador demittiu o ministerio e nomeou outro, onde entrava Villela Barbosa, Marquez do Paraná, que era odiado por ter sido um dos ministros na occasião da dissolução da constituinte, este ministerio foi mal recebido, considerando-o os liberaes como acintosamente escolhido por contraposição aos seus principios.

No dia 6 affluiram para o Campo de Sant'Anna grupos de povo excitados por discursos ardentes e revolucionarios, reclamando a reintegração do ministerio de 20 de Março, que fôra demittido.

Os juizes de paz, que tambem se haviam reunido, dirigiram-se á S. Christovão, em nome do povo pedindo a demissão do ministerio, a que o imperador respondeu: que o não fazia, que elle era constitucional e que de accôrdo com a constituição estava em pleno direito na livre escolha dos ministros.

Cresciam successivamente os grupos de populares. O brigadeiro Francisco de Lima e Silva, então general das armas foi á S. Christovam comunicar ao imperador o que havia, fazendo-lhe ver como se achava o povo e suas exigencias; o imperador manteve-se firme no proposito de não reintegrar o ministerio demittido.

A' noite os corpos da guarnição marcharam para o Campo e fraternizaram com o povo. A vista da attitude ameaçadora que as coisas tinham tomado, o brigadeiro Francisco de Lima enviou ao paço de S. Christovão o major Miguel de Frias Vasconcellos a participar a S. M. a posição em que se achavam os negocios e a pedir-lhe que aquiescesse ao pedido do povo; o imperador insistio na sua recusa; tendo como um acto illegal a interferencia do povo no que lhe era privativo pela constituição, e tomando uma resolução repentina recolheu-se e voltou trazendo na mão o papel em que escrevera e assignara o acto de sua abdicção, entregando-o a Miguel Frias. Isto passava-se ás 2 horas da madrugada do dia 7 de Abril de 1831.

Pela madrugada o ex-imperador sahio do palacio de S. Christovam e embarcou com sua familia em escaleres para a náu ingleza *Waspite*; no dia antecedente porém, nomeara tutor de seus filhos, que ficavam no Brazil, ao que fôra ministro da independencia, o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva.

No dia 13 sahia á barra do Rio de Janeiro, para sempre, o fundador do imperio.

D. Pedro na Europa fez prodigios de valor; sentou sua filha D. Maria da Gloria, no throno

glorioso dos seus avoengos, desenvolvendo o heroísmo e a bravura militar tão proprias de sua pronunciada vocação para as armas e coroados seus esforços por esplendidos triumphos, outorgou aos portuguezes, uma constituição e com ella as liberdades patrias contra as quaes combatera incessantemente seu irmão D. Miguel de Bragança.

Depois de tantas vicissitudes, de uma vida tão affanosa e de haver abdicado duas corôas, falleceu á 24 de Setembro de 1834, em Lisboa, no palacio de Queluz, no mesmo aposento onde 36 annos antes vira a luz do dia.

**O Sr. D. Pedro II, ex-imperador do Brazil.**—Este principe filho de D. Pedro I e de sua virtuosissima esposa, D. Leopoldina, archiduqueza d'Austria, nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro, na quinta da Bôa-Vista, em S. Christovam, no dia 2 de dezembro de 1825; tendo perdido sua mãe, a imperatriz, fallecida a 11 de dezembro de 1826, tendo elle apenas um anno de idade.

Seu pai, o imperador abdicando a corôa em 7 de Abril de 1831, foi elle no mesmo dia aclamado imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, contando 5 annos; ficando á seu lado como conselheiro e mestre, o douto e provector patriota José Bonifacio de Andrada, tutor que lhe havia dado seu pae no dia antecedente ao de sua abdição. Começa desta data o periodo das regencias em nome do imperador menor.

Foram os primeiros nomeados membros da regencia provisoria: José Joaquim Carneiro de Campos, marquez de Caravellas, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e o general Francisco de Lima e Silva; succederam-lhes como regentes effectivos: o mesmo general Lima e Silva, José da Costa Carvalho, marquez de Monte-Alegre e João Braulio Muniz até 1835, em que foi nomeado regente o padre Diogo Antonio Feijó, e finalmente Pedro de Araujo Lima, marquez de Olinda até 1840.

Este periodo foi de grandes perturbações e calamidades para o paiz.

Os laços de união do imperio estiveram ameaçados de romperem-se a cada momento pela propaganda da separação das provincias. A indisciplina do exercito, que foi por isso dissolvido, organisando-se um corpo de officiaes soldados para segurança e garantia dos cidadãos, lutas de maior gravidade romperam em quasi todas as provincias; sendo mais notaveis e ameaçadoras as do Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul; todas estas turbulencias e revoluções eram congenialmente anarchicas, perturbando tudo, derramando o sangue dos membros da mesma familia, fazendo de irmãos, inimigos encarniçados, atrazando e mesmo paralyzando todo o progresso e desenvolvimento do paiz.

Entretanto, no meio de todas estas dissensões, o imperador em sua menoridade ia recebendo admiravel instrucção, de que seu grande entendimento e prodigiosa applicação iam collhendo fructos, que faziam pasmar seus desvelados preceptores.

Tinham-lhe sido dados os mais habeis professores quer nacionaes, quer estrangeiros. Fez seus estudos de humanidades com o maior aproveitamento; estudou philosophia, mathematicas, sciencias naturaes; de sorte que ainda em poucos annos de idade, já se fazia notar pela variedade de seus conhecimentos litterarios e scientificos.

Os dois partidos politicos de então; isto é, o liberal e o conservador, ou por canção das lutas interminaveis, ou por descrentes da efficacia dos governos de substituição, entenderam, que a mudança de scenario traria a regeneração dos competidores e poria os mares mais bonançosos para rumo de melhor acerto.

Segundo a lei do Estado o imperador era menor até 18 annos; porém pelas condições anormaes em que tão prolongadamente estava o paiz; os partidos, ou antes o partido liberal entendeu dever antecipar a maioridade.

Corria o anno de 1840, o principe tinha apenas 15 annos; os liberaes, entre elles Hollanda Cavalcanti, mais tarde visconde de Albuquerque, Vergueiro, os Andradas, Alvares Machado e outros propuzeram na Camara a maioridade do principe, a que se opposrea Pedro de Araujo Lima, depois marquez de Olinda, então regente, que decretando o adiamento das Camaras, irritou os animos; e uma numerosa commissão e avultado numero de povo dirigiram-se ao paço de S. Christovam, fizeram ver ao principe o precipicio em que se ia submergindo o paiz e suas instituições, e rogaram-lhe com a maior instancia que acceitasse as redeas do governo para salvação de todos; o principe no

meio da maior commoção declarou que accitava.

Isto passava-se no dia 22 de Julho; no dia seguinte foi declarado maior pelo presidente da assembléa geral e em seguida prestou o devido juramento.

Este successo excitou o maior enthusiasmo; o contentamento manifestava-se na população inteira.

Em 18 de Julho de 1841 foi o Sr. D. Pedro II sagrado e corôado, procedendo-se á estas ceremonias na capella imperial, no meio de indiscriptivel regosijo publico.

No dia 23 de Julho do anno seguinte, foi assignado em Vienna, o contrato do casamento do imperador com a princeza D. Thereza Christina, filha do rei Francisco I das duas Secilias. Recebeu as benções nupciaes em 4 de Novembro de 1843.

Lutas incessantes e sanguinolentas haviam trazido o paiz em difficuldades e desassocegos por espaço de nove annos consecutivos; a transição para a concordia e progresso não podia fazer-se de relance; já muito fôra chegar-se a tranquillidade por gradações ainda que delongadas fossem.

A provincia do Maranhão foi pacificada em 1841, pela tactica e energia do general Luiz Alves de Lima, depois barão, conde, marquez e duque de Caxias; pouco tempo depois surge a revolução nas provincias de S. Paulo e de Minas, suflocada pelo mesmo general no combate de Santa Luzia em 1842.

O mesmo general, já tão coroadado de louros, pacífica a provincia do Rio Grande do Sul, que se devorava em uma guerra de incrível tenacidade e duração; pondo-se termo á essa luta desastrosa no 1º. de Março de 1845.

Apparece uma revolta em Pernambuco, que teve seu termo em 2 de Fevereiro de 1849. Foi esta a ultima revolução, das muitas com que os caprichos e ambições insoffridas não tremiam diante da subversão a que iam levando o paiz.

Em 29 de Setembro de 1848 organizou-se o ministerio composto do marquez de Olinda, marquez de Monte Alegre, Euzebio de Queiroz, visconde Itaborahy, M. F. de Souza e Mello.

Foi com este ministerio que o imperador poudo, em 1850 empregar as mais energicas medidas para a repressão do trafego de africanos.

Quando amainou todo aquelle temporal desfeito, que parecia querer submergir o imperio, rebenta nova e tremenda tempestade, que podia ser-nos de funestos resultados a não ser o bom senso do imperador e dos homens notaveis que dirigiam a governação do Estado.

Rosas, o sanguinario dictador de Buenos Ayres, estava dominado da desmedida ambição do mando despotico e universal de todos os Es. tados do Rio da Prata, que constituiam o antigo vice-reinado da Hespanha, comprehendendo toda Confederação Argentina e as republicas do Uruguay e Paraguay.

Para chegar a seus insidiosos fins empregava tudo quanto lhe suggeria a perversidade de seus instinctos; tendo á seu serviço homens da mesma, senão de peor estofa.

Os officiaes e soldados inimigos cahidos em seu poder, eram immediatamente degolados ou espingardeados (1) Como se tudo isto não bastasse, creou uma associação monstruosa, intitulada *Mas-horca*, cujos membros a qualquer hora do dia, ou da noite saqueavam os domicilios e assassinavam os que lhe eram indicados, sem que lhes valece nenhuma autoridade ou força publica, que eram obrigadas a não se opporem aos serviços patrioticos da *Mas-horca*.

Havia Rosas provocado a França e a Inglaterra ; navios destas nações, bloquearam Buenos Ayres desde 18 de Setembro de 1845 até 15 de Julho de 1847, sem que nenhuma vantagem obtivessem ; cançados e vendo a inutilidade de seus esforços retiraram-se.

Só Montevideo poudo resistir á invasão do sanhudo e feroz dictador, apezar de estar asse-diada pelo exercito ao commando de Oribe desde 1842. O governo do Brazil sabia que Rosas preparava-se para declarar-lhe guerra logo que houvesse vencido a resistencia de Montevideo.

Não podia o feroz dictador perdoar ao Brazil os passos que havia dado na Europa para que se respeitasse a independencia do Paraguay obtida por este Estado desde 1810.

O almirante fancez Lepredour retirou o bloqueio em 11 de Junho de 1848, compromet-

---

(1) Faz horror considerar-se o numero destes assassinatos, sem ao menos apparencia de processo, commettidos por Oribe, Geronimo Costa Lucio Mancila, cunhado de Rosas e outros. Rivera Indarte calcula em 22.404 as victimas só no periodo de 1839 a 1843.

tendo-se a França, dessa data em diante a abonar ao governo de Montevidéo, quarenta mil piastras por mez para a defeza da praça.

Em 1850 o governo francez diminuiu o subsidio ; começou então o Brazil a fornecer as sommas necessarias, desde o 1º de Julho deste mesmo anno.

A 23 de Setembro o general Guido ministro argentino, nesta Corte pediu seus passaportes e retiou-se.

A' sua chegada á Buenos Ayres a *Mas-horca* fez estrondosas passeatas pelas ruas, com insultos e gritos de morte contra o Brazil.

O ministro Arana dirigio congratulações officiaes a Guido por haver elle : *deixado um paiz cujo governo desleal e perfido era um inimigo asqueroso da America.*

A 25 de dezembro de 1850 foi assignado entre o Brazil e Paraguay um tratado de alliança contra Rosas. Foi por essa occasião que o Brazil enviou os seus mais habeis officiaes como instructores, que lhe ensinassem a estrategia e o manejo das armas.

A 16 de Março de 1851, o ministro, conselheiro Paulino José Soares de Souza communicou ao ministro da republica Oriental do Uruguay que o Brazil havia resolvido defender Montevidéo contra o exercito do general Oribe.

Urquisa e Virasoro, governadores, dos Estados, d'Entre-Rios e Corrientes, romperam todas as relações com o dictador. A 29 de Março foi assignado em Montevidéo um tratado de alliança entre o Brazil, a republica do Uruguay e o Estado de Entre-Rios.

O exercito brasileiro composto de 20 mil homens e commandado pelo inclito e bravo general conde de Caxias, penetrou na republica oriental; a esquadra brasileira commandada pelo almirante Greentell, ameaçava Buenos-Aires e protegia a passagem do exercito alliado. Oribe capitulou a 19 de Outubro, depois de trazer Montevideo em rigoroso assedio pelo espaço de 10 annos.

Outro tratado foi assignado em 21 de Novembro entre o Brazil, Uruguay, Entre-Rios e Corrientes.

O primeiro exercito dos alliados marchou sobre Buenos-Ayres, Greentell forçou a passagem de Tonelero em 17 de Dezembro de 1851, e a guerra terminou pela batalha de Monte-Caseros em 3 de Fevereiro de 1852. O dictador Rosas fugio, homiziando se a bordo de um navio inglez que o conduzio para Inglaterra. ✕

Os alliados fizeram sua entrada triumphal em Buenos-Ayres no dia 18 de Fevereiro, no meio do enthusiasmo geral da população, que dava os maiores testemunhos de reconhecimento aos brasileiros.

Não se pode deixar de reconhecer o vigor e habilidade com que o governo brasileiro se conduzio n'este negocio. Podendo o Brazil lisongear-se de haver obtido por seus esforços e discernimento o que duas nações poderosas não puderam fazer com os seus prolongados bloqueios de Buenos-Ayres.

Desassombrado o paiz das lutas, que o atravavam, ia entrando em phase de prosperidades, quando surgem novos embaraços.

A Inglaterra sempre orgulhosa de suas forças marítimas, e por isso, altiva e prepotente, a pretexto da repressão do contrabando de africanos, e acoroçoados seus agentes pelo affrontoso e famigerado *bill aberdeen*; ia commettendo os maiores e mais insolentes abusos, nas visinhanças dos portos e á vista das autoridades brazileiras. Não satisfeita com as demasias e ultrages commettidos por sua marinha de guerra contra a autonomia e dignidade de um povo independente e amigo, procura novos pretextos para novas affrontas.

Um navio mercante de nacionalidade ingleza naufragou no Albardão, costas do Rio Grande do Sul; Christie, ministro inglez, no Rio de Janeiro, reclamára a quantia de seis mil libras esterlinas como indemnisação de perdas e danos; esta reclamação não foi attendida; pelo menos tão de afogadilho quanto o desejava a cubiça do minisro inglez.

Dois annos depois, em 1862, uns officiaes da marinha ingleza, vestidos a paizana, insultaram um corpo de guarda, foram presos; reconhecida porém a sua qualidade de officiaes inglezes, foram postos em liberdade; ainda novo pretexto para a má vontade e despeito do ministro inglez; pede uma satisfação ao governo brazileiro, pelo insulto, dizia elle, feito á sua poderosa nação; este caso não foi julgado na linha d'aquelles, que se consideram offensivos á uma nacionalidade, e como represalia, o audacioso ministro fez aprisionar por navios de sua esquadra algumas embarcações da nossa marinha mercante.

Tendo obtido autorização de seu governo ; empregou todos os meios os mais violentos para que lhe fosse entregue peremptoriamente a quantia que por indemnização do naufragio, reclamára desde dois annos antes ; mandando que os navios de sua esquadra aprisionassem os nossos navios mercantes até que fosse integralmente satisfeita a quantia exigida.

O povo exasperado prorompia em ameaças de represalias contra os subditos inglezes ; o imperador estava possuido da maior indignação, e abandonando o paço de S. Cristovam, dirigiu-se, acompanhado do povo, para o paço da cidade ; o desejo de vingança era indiscriptivel ; os planos e projectos nasciam e morriam confusos e tumultuarios. como sôe ser nos momentos das grandes crises.

O bom senso, porém, lême que dirige as acções com segurança á seu verdadeiro fim, mostrou que n'aquella occasião, não podiamos aceitar, ou provocar luta, que vantajosa nos fosse contra uma violencia improvisa, que vinha de planos perfida e antecipadamente preparados.

O governo teve de ceder á injusta exigencia, que era uma verdadeira extorsão ; o dinheiro foi entregue, acompanhado porém, de um protesto energico e pensadamente fundamentado e com elle fez o Sr. D. Pedro II enviar ao insolente ministro os seus passaportes, fazendo igualmente retirar de Londres a legação imperial.

O conflicto foi submettido ao juizo arbitral de Leopoldo I° rei da Belgica, que julgou justos e indisputaveis os direitos do Brazil, na questão sujeita.

Nossas relações diplomaticas com a Inglaterra ficaram suspensas por espaço de trez annos

Finalmente em 1865, estando o Sr. D. Pedro II no acampamento de Uruguayana, ahi recebeu o ministro inglez Thornton, que vinha em nome de seu governo, pedir-lhe o restabelecimento das relações de amizade entre os dois paizes, fazendo-lhe ver quanto a rainha, o governo e o povo inglez haviam lamentado o que se houvera passado; a que o imperador respondera entre outras expressões, que: depois desta satisfação, as relações amigaveis ficavam restabelecidas, e que a Inglaterra se tinha mostrado verdadeiramente grande, reconhecendo o bom direito que assistia ao Brazil».

Com quanto a natureza deste trabalho não comporte larguezas e divagações em seus assumptos, não podemos deixar em silencio o periodo mais glorioso de nossa historia patria, em que a politica comprehendendo sua missão houve-se com suprema dignidade, e o denodo e brio militar do nosso exercito igualou-o ao exercito francez do primeiro imperio, havendo ainda, para maior primazia do brazileiro, ter elle de percorrer um territorio sem carta geographica, arrostar sertões invios, lagoas e terrenos alagadiços invadiaveis.

Trataremos pois das lutas com a republica do Uruguay e da guerra do Paraguay, posto que o mais resumidamente que possivel seja.

Corria o anno de 1863, era Aguirre chefe do partido denominado *blanco* e presidente da republica do Uruguay, quando rompe a revolução, tendo á sua frente o general Flores, chefe do

partido *colorado*, que com a maior energia buscava derrocar o poder de Aguirre, que por seu despotismo e caracter desleal havia creado grande numero de adversarios.

Aguirre e seu governo desprovidos de recursos para a resistencia, iam com a maior protervia, apoderando-se do alheio, á mão armada.

Como se sabe, a republica oriental do Uruguay, cuja capital é Montevideo, confina com o Brazil, é portanto, limitrophe de seu territorio; n'essa vasta zona existe grande numero de cidadãos brasileiros estabelecidos com fazendas de gados; possuindo grandes boiadas e varios generos de commercio.

As propriedades desses brasileiros eram invadidas e saqueadas, suas boiadas conduzidas á força, seus proprietarios insultados, os empregados brutalmente espancados e muitos violentamente arrancados de seus domicilios e obrigados a sentar praça e servirem no exercito.

O governo brasileiro fez suas justas reclamações, que foram sempre espaçadas sob pretextos capciosos e por fim desattendidas; no entanto Aguirre procurava o arrimo e a protecção do Paraguay, que diligenciava clandestinamente.

Desattendidas as reclamações do governo do Brazil, o respectivo ministro, que era o Sr. Conselheiro Saraiva, apresentou o seu *ultimatum*, sendo este rejeitado, a 9 de Agosto de 1864.

O ministro retirou-se de Montevideo, e o exercito brasileiro commandado pelo general João Propicio Mena Barreto, barão de São Gabriel, invadio a republica oriental, apoderan-

do-se de Paysandú a 2 de Janeiro de 1865, de acordo com o general Flores, que foi reconhecido beligerante. O exercito sitiou Montevidéo, e a esquadra imperial sob o commando do almirante Tamandaré, poz em bloqueio o porto ; a praça capitulou á 20 de Fevereiro.

Solano Lopes, o dictador do Paraguay, sem preceder declaração de guerra começara a fazer hostilidades contra o Brazil, em 1864 ; em 12 de Novembro aprisionára o vapor brasileiro Marquez de Olinda em que ia o deputado, coronel Carneiro de Campos, nomeado presidente de Matto-Grosso ; em seguida fez invadir a parte meridional desta provincia, pelo general Barrios com 4.200 homens e 10 vasos de guerra, e pela fronteira do rio Apa, pelo general Resquin com 5.000 homens.

Matto-Grosso estava desprovido de todos os recursos para defender-se ; sobretudo, de uma aggressão inopinada e que por isso, ninguem a esperava ; todavia o distincto general Porto-Carreiro, então coronel, tendo apenas 155 soldados de seu commando, teve a audacia de resistir durante 3 dias, no pequeno e desguarnecido forte de Coimbra, do dia 26 ao dia 28 de Dezembro de 1864, aos 4.200 homens de Barrios ; e depois de haver esgotado todas as munições, poudo operar sua retirada honrosa, embarcando-se com sua familia, na pequena canhoneira Amambahy.

Em Dourados tambem, a pequena força de 15 homens commandados pelo tenente Antonio João Ribeiro, resistio com o maior heroismo, á 220 soldados paraguayos, e o Camorone brasileiro

com os seus 15 homens, á imitação da velha guarda de Napoleão, no Waterloo, foram aniquilados pela superioridade numerica; mas não se entregaram aos invasores de sua patria.

Francisco Solano Lopes era a expressão da fatuidade philauciosa em seu maior gráo de manifestação, medianamente intelligente e dotado de uma certa perspicacia, era audacioso e visionario, era, na phrase de um grande orador portuguez: encarnação monstruosa dos brios do heróe e do instincto do algoz..... crueldade de Mario consorciada á pujança de Annibal.»

Tinha metamorphoseado o Paraguay em uma praça d'armas, e muito em silencio e com todo o vagar tinha militarizado o paiz inteiro, e com a maior aleivosia tinha disciplinado generaes e soldados á custa de instructores brazileiros. ✕

O dictador Carlos Lopes morrera á 10 de Setembro de 1862, nesse mesmo dia, seu filho Solano Lopes o succedeu no governo. Durante a dictadura de seu pae, visitara elle rapidamente a Europa; aos 18 annos de idade era general e commandou um exercito de observação em Corrientes.

Em sua curta viagem ficou deslumbrado pelos exercitos e aquartelamentos europeus; assim como em França ficou possuido do maior assombro pelas solemnidades do segundo imperio.

Passa como certo que seu projecto, era alargar o Paraguay pela annexação da republica argentina, pela conquista das provincias de corrientes e de Entre-Rios e ilha de Martim Garcia, e que tencionava fazer-se acclamar imperador,

O certo é que em 1865 encontrou-se na alfandega de Buenos-Ayres o modelo de uma corôa imperial, que Benitez seu ministro em Pariz lhe enviara.

Lopez em 1864 tinha á seu serviço um exercito de 80.000 homens, tendo apenas o Brazil 15.000 homens, em tempo de paz; porém por um verdadeiro prodigio de patriotismo, organisou-se como por encanto, grande numero de batalhões de voluntarios de todas as provincias do imperio, orçando por 59 o numero de batalhões organisados com os voluntarios da patria, afora a guarda nacional que foi mobilisada.

Em Abril de 1865, sem declaração de guerra, fez Lopez, marchar contra a republica argentina um exercito de 30.000 homens sob o commando de Robles, e a esquadra paraguaya apoderou-se de duas canhoneiras argentinas ancoradas diante da capital da provincia.

Foram pois, as partes offendidas, obrigadas á aceitar a guerra, e no 1º de Maio de 1865 foi assignado em Buenos Aires o tratado da triplice alliança entre Corrientes, a republica Argentina e o Brazil. Os brazileiros tiveram como primordio de seus triumphos, a victoria naval de Riachuelo em 11 de Junho de 1865, ganha pelo almirante Barroso, elevado á barão do Amazonas.

Uma divisão paraguaya commandada por Duarte, que marchava pela margem direita do Uruguay, foi desbaratada em Yatay, pelos alliaados commandados pelo general Flores, em 17 de Agosto, e as tropas paraguayas commandadas por Estigarribia, que haviam invadido a provincia do Rio Grande do Sul, foram forçadas á ren-

der-se em Uruguayana á 17 de Outubro de 1865, em presença do imperador, que com seus dois genros assistiram á rendição dos paraguayos.

Em Abril de 1866 os exercitos alliados achavam-se promptos para tomar a offensiva e invadir o Paraguay, estavam no territorio de Corrientes fronteiros ao Passo da Patria. A esquadra brasileira achava-se reunida no mesmo ponto fechando a entrada do Rio Paraguay. O general Mitre era o commandante em chefe dos alliados, sendo 11.500 homens, de sua nacionalidade, 33.000 brasileiros, que formavam o 1º corpo do exercito imperial sob o commando do general Osorio, e 1.680 uruguayanos commandados por Flores. Lopez com um exercito muito mais numeroso, esperava o exercito alliado, no Passo da Patria, na margem direita do Paraná, proximo da confluencia do Paraguay, seu exercito era protegido pelos dois grandes rios, por lagoas e entrincheiramentos. Os brasileiros tinham occupado com 1.000 homens ao commando do coronel Villagran Cabrita, a ilha, ou antes, o banco de Itapirú, fronteiro ao forte do mesmo nome; apesar das difficuldades que se apresentavam á passagem do exercito e seu desembarque estas operações realisaram-se com o melhor exito, protegidas pela esquadra ao mando do almirante Tamandaré; Osorio foi o primeiro que desembarcou, com 10.000 brasileiros, em 16 de Abril de 1866.

No mesmo dia repelio o ataque dos paraguayos e no dia seguinte de igual modo o segundo ataque, proximo do forte de Itapirú que caiu em seu poder; por esse facto, as outras divisões

do exercito alliado desembarcaram livremente, sem dar um tiro; Ozorio e os seus bravos tinham-lhes franqueado o caminho com o combate da Confluencia, no dia 16 de Abril e com o de Itaipurú a a 17.

Os encorajados e as canhoneiras brasileiras forçaram Lopez á abandonar seus entrincheiramentos do Passo da Patria, indo fortificar-se atrás das linhas que ficavam entre Humaytá e Curupaity. Os alliados depois da passagem do Paraná, achavam-se ainda no Passo da Patria, sendo sua vanguarda dirigida pelo general Flores em Estero-Bellaco. Esta vanguarda compunha-se de algumas divisões brasileiras e de um pequeno exercito oriental.

Lopes arroja repentina e inopinadamente grande numero de divisões commandadas pelo general Dias, que caíram de improviso sobre aquellas forças, neste primeiro impeto coube a vantagem aos paraguayos; porém chegando o denodado general Ozorio, a derrota transformou-se em heroica victoria, era o dia 2 de maio de 1866.

Poucos dias depois os alliados continuaram sua marcha para diante e foram acampar em Tuyty em frente ás trincheiras de Sauce e Rojas, á 20 de Maio.

A' 24, Lopes julgandoprehender e bater o exercito alliado, lançou contra elle suas melhores tropas commandadas pelos generaes Resquin, Barrios e Dias.

Ferio-se uma sanguinolenta batalha, triumpharam os alliados, a derrota do exercito de Lopes foi completa.

✕ Ozorio adoeceu e passou o commando do 1º corpo do exercito brasileiro ao general Polidoro da Fonseca Quitanilha Jordão.

A 16 de Julho deo-se uma luta encarnçada no lugar denominado Boqueirão, que foi tomado pelos alliados; porém no dia 18 querendo elles passar avante, soffreram um revez em Sauce.

Finalmente, no mez de Agosto chegou um reforço do 2º corpo do exercito brasileiro commandado pelo general Conde de Porto Alegre, que de acôrdo com a esquadra, opeou do lado do rio Paraguay.

No dia 2 de Setembro, depois de um bombardeamento, em que os brasileiros perderam o couraçado *Rio de Janeiro*, pelo encontro de um torpedo, Porto Alegre tomou de assalto o forte de Curuzú. Reclamando elle novos reforços para continuar a sua marcha para adiante, suscitaram-se discussões de competencias e primasias e nestes entrementes teve Lopes sufficiente espaço para fortificar Curupaty a mais não poder.

Finalmente Mitre com a menor parte do exercito argentino e com o auxilio do 2º corpo do exercito brasileiro, chegou a Curuzú para atacar Curupaty.

Deu-se o assalto á 22 de Setembro de 1866, foi uma derrota. O exercito argentino era pequeno, contava apenas 10.000 homens, quasi todos estrangeiros, pois que os governadores das provincias recusaram fornecer contingentes ao governo federal.

O general Flores tinha-se retirado para Montevideo, onde foi assassinado pouco depois, a 20 de Fevereiro de 1868.

A' noticia do desastre de Curupaity o imperador e a nação comprehenderam que era necessario tomar nova resolução. Ao velho general Caxias foi confiado o commando supremo de todas as forças brazileiras do Paraguay; chegando elle a Tuyuty em Novembro de 1866, tratou logo de reorganisar o exercito e disciplinar os batalhões de voluntarios que iam chegando.

Neste interim iam tambem reforços enviados por terra para Matto-Grosso; porém a expedição tinha de atravessar sertões e distancias desanimadoras e por isso só chegaram ao seu destino com mais de 20 mezes de viagem.

Em 1867, uma das divisões apoderou-se de Corumbá, que teve de abandonar porque os paraguayos estavam fortemente municidados; outra divisão commandada pelo coronel Camisão penetrou imprudentemente no territorio inimigo pela fronteira do Apa, d'onde teve de retroceder batendo em retirada sobre Nioac.

Quando o invicto Caxias tinha tomado todas as medidas e se dispunha a tomar a offensiva; eis que appareceu outro inimigo mais forte e mais devastador que toda a subserviencia e fanatismo do Paraguay inteiro; inimigo que surge do alto das montanhas, do fundo das lagoas, salta por cima das trincheiras e não procura pontos estrategicos para o combate, saindo sempre victorioso e deixando o campo juncado de cadaveres.

O cholera-morbus cae sobre o exercito e foi horrivel a crueldade de sua mortifera visita. Emfim, nos ultimos dias de Julho de 1866 Caxias fez abandonar a posição de Curuzú, concentrou os exercitos alliados em Tuyuty, e deixando o

general Porto Alegre para guardar esta base de operações executou uma marcha de flanco para ir collocar-se ao norte de Humaytá.

A 31 de Julho de 1869 apoderou-se de Tuyú-Cuê, buscando privar o inimigo dos recursos que lhe vinham do interior. A 20 de Setembro a divisão de cavallaria do general Andrade Neves alcançou victoria no combate do Pilar, e no dia 24 houve outro renhido combate no Estero-Rojas, entre as tropas de Porto Alegre e os paraguayos, que queriam apoderar-se de um comboio de viveres.

A cavallaria do commando do general Victorino Monteiro, chegou a destruir a do inimigo no combate de Pare-Cuê em 3 de Outubro de 1869. A 29 de Outubro e a 2 de Novembro o general João Manoel Mena Barreto apoderou-se de Potrero Obella e de Taye, sobre a margem esquerda do Paraguay, aguas arriba de Humaytá.

O almirante Joaquim Jose Ignacio, visconde de Inhauma, tinha já forçado a passagem de Curupaity a 16 de Agosto de 1867 e achava-se entre esta fortaleza e a de Humaytá. ✕

Para forçar as baterias de Humaytá o almirante só esperava a occupação de Taye e a chegada dos encouraçados que se estavam construindo no arsenal do Rio de Janeiro, e em que se trabalhava noite e dia. Dentro de poucos mezes seguiram elles viagem para o Paraguay, onde chegaram em Fevereiro de 1868.

Lopes vendo que a occupação de Taye por Caxias cortava-lhe as communições fluviaes com a capital, procurou desde o dia seguinte d'esta occupação, 3 de Novembro de 1868, tomar

de surpresa a base de operações dos alliados. Effectivamente a ala esquerda dos paraguayos commandada pelo general Caballero, surpreendeu a direita do acampamento, formada pelos argentinos, fez prisioneiro o batalhão de artilharia brasileiro, e os argentinos foram derrotados. A ala esquerda da divisão brasileira repellio o ataque e o bravo conde de Porto Alegre bateo-se como um simples soldado.

Na occasião em que os paraguayos occupavam-se em saquear o acampamento onde se achavam os negociantes, os brasileiros tomaram a offensiva e os assaltantes foram postos em fuga, deixando sobre o campo de batalha o terço de seu effectivo. Tal foi a segunda batalha de Tuyuty.

A 19 de Fevereiro de 1868, os encouraçados brasileiros commandados por Delfim Carlos de Carvalho, romperam as famigeradas e inexpugnaveis baterias de Humaytá; desfez-se o encanto e fez-se o que o mundo julgava impossivel. Os outros encouraçados e mais navios da esquadra do almirante, visconde de Inhauma, bombardearam as liras inimigas; os navios de Delfim de Carvalho, chegaram a Taye onde alguns estacionaram para reparar as grandes avarias, que tinham recebido.

Nesse mesmo dia Caxias toma de assalto o reducto Cierro, ou Estabelecimento. Lopes não se achou mais seguro em Humaytá, atravessou o rio em frente a esta fortaleza e rompendo por florestas e pantanos do Chaco foi organizar novas linhas de defeza mais ao norte, sobre Tebiuary.

A 21 de Março de 1868, Caxias rompeo as linhas de Curupaity, Sauce, Rojas e Espinillo, e começou o sitio de Humaytá.

No mez de Maio deram-se diversos combates, no momento em que se encontraram duas divisões uma brasileira, outra argentina que ambas occuparam Andai, na margem direita do Paraguay.

No dia 16 de Julho, um reconhecimento feito até Humaytá, transformou-se em um combate onde a divisão de Ozorio soffreo consideraveis perdas.

Alguns dias depois os paraguayos de Humaytá escaparam-se pela margem direita do rio por lagos e florestas do Chaco; porém foram sitiados na ilha Poi, sobre a lagoa Vera, e depois de muitos dias de porfioso combate, o resto desta guarnição entregou-se, a 5 de Outubro; foi sanguinolento e mortifero este commettimento.

Caxias marchando para o norte, apoderou-se de Tebicuary; no dia 1º de Outubro achou-se em frente de Pikysyry que não poudo atacar por causa das lagoas, que protegiam esta posição; fez abrir uma estrada pelas mattas pantanosas da margem esquerda do Paraguay e protegido pelos encouraçados do almirante Inhaúma, atravessou o rio e a nova estrada, com 18.000 brasileiros e desembarcou ao norte das posições inimigas.

No dia 6 de Dezembro travou-se renhida batalha sobre o Itôróro entre Caxias e Caballero, general paraguayo.

A ponte Itôróro foi tomada e retomada muitas vezes, ficando por fim em poder dos brasileiros. A 11 de Dezembro nova batalhe em Avay.

nova victoria alcançada por Caxias sobre Caballero, cujos soldados oppozeram em campo raso a mais heroica resistencia; foi este o mais distincto feito d'armas dos paraguayos em todo o periodo da guerra.

A 21 do mesmo mez, tendo Caxias recebido reforços, começou o ataque de Lomas Valentinas, onde se achava o proprio Lopes; era a primeira vez que o dictador se achava entre seus soldados; este ataque estendeu-se do dia 21 ao dia 27 de Dezembro.

Desde o dia 21, as primeiras linhas de Lomas Valentinas foram tomadas, bem como as linhas de Pekysyry; os alliados, que se achavam em Palmas, vieram juntar-se á Caxias; no dia 27 Lomas Valentinas cahiu em poder deste invicto chefe. O exercito paraguayo estava aniquilado.

Lopes tomou a fuga acompanhado por umas 60 pessoas, contando-se officiaes e soldados.

Esta gloriosa victoria custou perdas enormes ao exercito brasileiro, que foi assolado em Itoró, em Avay, e sobre tudo em Lomas Valentinas; batalhões inteiros foram destruidos.

Poucos dias depois, 30 de Dezembro, rendia-se Angustura, e Caxias fazia sua entrada triumphal em Assumpção, capital do Paraguay, que foi encontrada deserta.

Os brasileiros ficaram senhores da navegação do Paraguay e a livre passagem para Matto-Grosso foi restabelecida.

Em sua fuga Lopes encontrou em Cerro Leão tropas que vinham-se-lhe reunir; dirigio-se para as cordilheiras de Acurra, no interior do paiz, onde organisou um novo exercito.

† O general Caxias gravemente enfermo, teve de deixar o commando do exercito, em 1869, e retirou-se para a Côrte.

Foi então o sr. conde d'Eu nomeado general em chefe do exercito em operações, tomando o commando em 16 de Abril de 1869.

Ia começar a campanha no interior do paiz, para onde os transportes e provisões eram da maior difficuldade por ser uma região montanhosa, cheia de mattas virgens, e sem carta topographica conhecida.

No mez de Abril de 1869, Lopes tinha um exercito de 16.000 homens e cerca de 110 canhões.

O conde d'Eu desenvolveu uma tactica e bravura que justificou sobejamente o acerto de sua nomeação; chamou a atenção de Lopes sobre Ascurra, ameaçando-o por este lado e ao mesmo tempo atravessando gargantas e desfiladeiros impraticaveis e abrindo caminho pelas florestas, apresentou-se de improviso nos planaltos occupados pelo inimigo, cujas posições foram assim contorneadas.

Quando Lopes recebeu a noticia d'este ousado movimento, bateo em retirada para os desertos do interior de seu paiz.

Entretanto, ainda que o movimento do conde d'Eu, não tivesse sido auxiliado de acordo ao que elle havia planejado, a rapidez com que se arrojava contra o inimigo proporcionou-lhe oportunidade para tomar de assalto Piribebuy, em 18 de Agosto; era então aquella cidade a capital do Paraguay.

Para retardar a marcha impetuosa do conde e ter tempo de se escapar, Lopes ordenou ao general Caballero, que esperasse o exercito brasileiro com a força paraguaya.

Era 16 de Agosto, deu-se uma sanguinolenta batalha em Campo Grande ou Nú Guazú, perto de Barreiro Grande.

Durante algumas horas ficou indeciso o exito do combate; então o conde d'Eu arrebatado por um impeto de coragem temeraria, arrojou-se tão avante e tão perigosamente que, seus ajudantes de campo vendo-o tão exposto pela proximidade em que estava do inimigo, lançaram-se á frente de seu cavallo e retiveram-no arrancando-o á uma morte certa.

Caballero foi batido e seu exercito aniquilado.

Em seguida a esta victoria o conde d'Eu organisou expedições parciaes que perseguissem em todas as direcções os restos do exercito de Lopes.

Deram-se ainda alguns combates parciaes por entre as mattas do interior, por onde andava errante o inimigo fugindo dos combates.

Finalmente no dia 1º de Março de 1870, o general Camara surprehendeu Lopes em Cerro Corá, sobre a margem esquerda do Aquidaban, perto da fronteira do Paraguay e a então provincia de Matto Grosso.

O dictador que das grandes e aguerridas forças que ostentára, apenas lhe restavam cerca de mil homens desalentados, foi morto na fuga vergonhosa com que ia pondo termo á seu arrojto tão insolito, quam audacioso, quando elle

em seus sonhos desvairados, era o pigmeu medindo-se pela altura dos gigantes que encheram as paginas da historia, de feitos tão gloriosos que assombram á humanidade.

Assim terminou a maior guerra da America do Sul, que durou cinco annos e nos custou innumerados sacrificios, compensados porém, por haver o Brazil mostrado ao mundo o valor de seus filhos quando se trata de desaggravar ultrages feitos a autonomia e honra da patria.

Depois da sanguinolenta e prolongada guerra do Paraguay, teve começo outra luta espantosa e posto que incruenta, não menos batalhada com os expedientes de renhida e pertinaz controversia, e foi a victoria desta peleja de mór importancia e muito superior á da primeira.

A guerra por mais duradoura e gloriosa que seja não passa de um incidente na vida das nações; a luta á que alludimos, transformou completamente a vida inteira do paiz e constituiu-se acção principal.

E' facil de ver que tratamos da emancipação dos escravos.

O senhor D. Pedro II desejava ardentemente esta medida de redempção para os captivos e de revalidação para o nosso nome de nação christã e civilisada; elle porém, rei constitucional, não podiatomar a iniciativa em tão melindroso assumpto a que se contrapunham grandes interesses e os habitos inveterados em que estavam tradicionalmente as gerações, desde o decimo sexto seculo, em que entre nós se fundara o barbaro e fantasiado direito de senhor e possuidor de homens.

Começou elle por animar as manumissões espontaneas dadas por algumas associações emancipadoras e confrarias religiosas; conferindo titulos e outras recompensas aos que libertavam escravos.

Em 3 de Maio de 1866, quando a Ordem Benedictina libertou os filhos das escravas, que possuia, o imperador dirigio felicitações e presenteou ao d. abbade; quanto aos escravos de sua propriedade e que, por isso podia dispor d'elles, libertou a todos e durante a guerra do Paraguay favorecia a libertação de todos aquelles que se apresentavam como voluntarios para o exercito.

Na fazenda de Santa Cruz fez educar grande numero de filhos dos libertos que partiam para a guerra, e libertou á sua custa as mulheres e filhos dos que haviam ido defender a patria.

Cerca de 6.000 libertos sentaram praça no exercito e mostraram-se dignos da liberdade que haviam recebido.

O Sr. D. Pedro não cessava de fazer sentir a seus ministros a necessidade de prepararem-se medidas prudentes e efficazes para a emancipação gradual; recebeu com o maior acolhimento o projecto, que para esse fim, em 23 de Janeiro de 1866, lhe apresentára o conselheiro Pimenta Bueno, mais tarde, marquez de São Vicente; foi o projecto immediatamente remettido ao presidente do conselho, que era então o marquez de Olinda; porém elle não parecia muito de acordo com a reforma, comtudo enviou-o á respectiva secção do conselho de Estado em 17 de Fevereiro.

Esta secção, que se compunha dos conselheiros Souza Franco e visconde de Sapucahy, foi de parecer, que esta questão não devia ser tratada enquanto durasse a guerra do Paraguay.

A este ministerio succedeu em 3 de Agosto, o ministerio de que era presidente o conselheiro Zacarias de Goes e Vasconcellos.

Em Julho deste mesmo anno havia a sociedade franceza de abolição da escravatura, dirigido ao imperador uma petição solicitando-lhe esta medida; a petição era assignada por homens notaveis.

O imperador consultando seus ministros, respondeo que: « apenas as circumstancias o permittissem o governo se occuparia com uma medida que o espirito do christianismo reclamava ».

Esta resposta foi dada em 22 de Agosto de 1866 e foi assignada pelo ministro Martim Francisco.

No 1º de Fevereiro o conselheiro Zacarias convocou em nome do imperador, o conselho de Estado para o mez de Abril seguinte, submettendo-lhe o projecto Pimenta Bueno, formalando algumas questões.

Todas as ideias principaes contidas no projecto foram adoptadas, excepto porém, aquella que fixava a emancipação total para 31 de Dezembro de 1899.

A 11 de Abril uma commissão presidida pelo conselheiro Nabuco de Araujo, foi encarregada de redigir o projecto conforme as ideias adoptadas.

Terminado o trabalho houve segunda discussão que durou de 16 de Abril á 7 de Maio de 1868.

A maioria do conselho porém, foi de opinião de que, o governo não devia usar de sua iniciativa perante as camaras senão depois do restabelecimento da paz.

A guerra do Paraguay só terminou em 1º de Março de 1870.

O gabinete que succedeo ao do conselheiro Zacarias, não se inclinava á reforma immediata no sentido do projecto. Os sentimentos do imperador achavam-se assim contrariados; esforçando-se elle em fazer sentir aos ministros, que era impossivel deixar essa questão por decidir, pois que a opinião publica reclamava a reforma e que o Brazil não devia ser a ultima de todas as nações em libertar os escravos.

Um successo inesperado veio acoroçar a opinião do imperador. O senhor Teixeira Junior, visconde do Cruzeiro, trouxe a questão para a tribuna, propondo a eleição de uma commissão especial para redigir um projecto de emancipação gradual. A camara acolheu este projecto, e a 15 de Agosto de 1870, a commissão presidida pelo Sr. Teixeira Junior apresentou o seu parecer identico ao de Pimenta Bueno, tendo porém como principio fundamental a liberdade de todos os filhos de mulher escrava, que nascessem depois da promulgação da lei, tendo elles a obrigação de servir aos senhores das mães até a idade de 21 annos.

Duas fontes existiam para a enchente da escravidão : o trafico e os nascimentos, a primeira

estava supprimida desde 1850, era tempo de supprimir a segunda.

A commissão da camara propozera applicar certos impostos para a libertação gradual dos escravos, e permittia, que o proprio escravo se podesse libertar por peculio seu.

Em fins de Setembro de 1870 o visconde do Rio Branco, ministro dos negocios estrangeiros, que se achava em missão no Paraguay, voltou e veio tomar conta de sua pasta. Era elle o grande e convencido partidario da reforma; no conselho de Estado, em 1866, tinha adherido a todas as disposições dos projectos de Pimenta Bueno, excepto a completa emancipação fixada para o anno de 1899, por achar essa data muito distanciada.

Como a maioria do conselho de Estado, elle tinha sido de parecer que, logo que se concluísse a guerra, tivesse principio a discussão da reforma projectada; outros ministros porém, eram de opinião, que não era ainda chegado o momento opportuno para tratar-se da questão.

Achando-se o gabinete em desacordo de opiniões, apresentou ao imperador seu pedido de demissão.

Foi Pimenta Bueno encarregado da formação do novo ministerio, 24 de Setembro de 1870.

Pimenta Bueno, marquez de São Vicente, ainda que profundo jurisconsulto e notavel homem de Estado, não era feito para as lutas tempestuosas que se iam levantar em uma questão que contrariava tão grande numero de interessados, em seus habitos tão arraigados e já tradicionalmente constitutivos.

Passados alguns mezes e no intervallo das camaras, pedio elle, demissão do encargo; tinha este homem notavel, desanimado só com as diatribes e motejos da imprensa.

Foi encarregado o visconde do Rio Branco da organização do novo ministerio, que ficou organizado em 7 de Março de 1871.

O imperador obtendo das camaras, licença, em 3 de Maio. para fazer uma viagem á Europa, partio em 25 desse mez, deixando como regente do imperio, a herdeira do throno, sua filha, a princeza D. Izabel, condessa d'Eu.

Desde a abertura das sessões legislativas, começaram como preludios da grande luta que se ia travar, a agitação dos clubs agricolas e os artigos violentos da imprensa.

O partido conservador dividio-se; o projecto do governo foi combatido com desusada impetuosidade. A luta durou cinco mezes; grande numero de calorosos oradores da camara constituíram-se em opposição.

No senado o visconde do Rio Branco encontrou em opposição alguns de seus amigos politicos e dos liberaes, Zacarias de Góes, fecundo e valente adversario.

Rio Branco foi de uma fertilidade e de recursos espantosos no parlamento, tendo por si a maioria das camaras e a opinião publica, defendeo a reforma com admiravel energia, alcançando como a mais valiosa corôa de seus triumphos, a grande popularidade de seu nome.

A 28 de Setembro de 1871 foi a lei votada pelo senado e no mesmo dia foi sancionada pela princeza imperial regente.

Estava o Sr. D. Pedro II em Alexandria, no Egypto, quando, no mesmo dia em que desembarcava n'aquella cidade, em 28 de Outubro, recebeu a noticia de que, os innocentes nascidos de mulher escrava eram cidadãos brasileiros no goso de todos os direitos dos homens livres.

Diz uma carta de pessoa notavel, que acompanhava o imperador: « Nunca vi o imperador possuido de maior alegria ». Comtudo, esta medida tão sabia, tão fructuosa e civilisadora era ainda apoucada e deficiente, esperava ainda seu indispensavel complemento.

Era a alvorada de manhã serena promettendo o grande esplendor da luz meridiana.

A redempção dos innocentes e futuros escravos, foi como a passagem do mar vermelho, para os israelitas; era necessario vencer as agruras do caminho, para receber as taboas da lei no Monte Sinai e proseguir na estrada até alcançar a Terra da Promissão.

Em 1879 um senador, alguns deputados e alguns jornalistas notaveis começaram a pedir que se marcasse praso fixo para a emancipação total dos escravos.

Fundou-se a sociedade contra a escravidão a 28 de Setembro de 1880, nono anniversário da primeira lei de emancipação.

Em 24 de Agosto o Sr. Joaquim Nabuco propoz na camara, que o praso fosse marcado para o 1º de Janeiro de 1890. O ministerio e a maioria liberal não admittiram discussão á esta proposta.

A propaganda abolicionista conquistava terreno dia a dia e legiões de adeptos iam-lhe povoando os arraiaes,

A' 6 de Junho de 1884 o Sr. senador Dantas foi encarregado da organisação do novo ministerio.

A' 15 de Junho o Sr. deputado Rodolpho Dantas apresentou um projecto declarando livres todos os escravos que tivessem attingido á idade de 60 annos, e augmentando os fundos creados pela lei de 1871 para serem applicados á manumissão dos escravos. A luta empenhou-se com a maior intensidade.

No dia 28 de Julho foi apresentada na camara uma proposta rejeitando o projecto sobre a questão servil e recusando sua confiança ao gabinete ; esta proposta obteve maioria, ainda que pequena.

No dia 3 o Sr. senador Dantas declarou á camara, em nome do imperador, que approvada a lei do orçamento a camara seria dissolvida, e effectivamente, appareceu o decreto de dissolução á 3 de Setembro.

As novas eleições não alteraram sensivelmente a força dos partidos.

Nova proposta contra o gabinete, foi apresentada e obteve ainda maioria.

Novo ministerio se formou, á 3 de Maio, tendo como chefe o Sr. Saraiva ; este ministerio obteve a lei da eleição directa.

A ideia abolicionista obteve grande desenvolvimento.

Experimentando o ministerio Saraiva grande hostilidade do partido liberal, resignou o poder, quando a lei começava a ser discutida no senado.

O barão de Cotegipe substituiu o senhor Saraiva, organisando-se o gabinete em 20 de Agosto de 1885.

A lei foi adoptada pelo senado; esta lei declarava livres os escravos, que completassem a idade de 60 annos.

Desde 1884 as provincias do Ceará e do Amazonas tinham libertado seus escravos.

Tendo adoecido o imperador, em 1887, aconselharam-lhe seus medicos uma viagem á Europa, para seu completo restabelecimento.

Ficou regente sua filha, a Sra. princeza D. Izabel.

Propoz-se no senado e a opinião publica exigia a proposta e a aceitação de uma data, finda a qual fossem declarados livres todos os escravos existentes.

A agitação emancipadora progredia com incessante celeridade.

Os successos precipitavam-se; toda dilação era inutil e perigosa.

O gabinete demittio-se, a princeza encarregou o Sr. João Alfredo, da organisação de um novo gabinete, 10 de Março de 1888.

A' 3 de Maio a regente abriu as camaras, tornando saliente, na falla do throno, a necessidade urgente da reforma.

A 8 de Maio o ministro da Agricultura, conselheiro Rodrigo Silva apresentou, em nome do governo, a proposta da abolição da escravatura no Brazil.

Foi nomeada uma commissão especial e ella, sem demora, redigio o parecer, concluindo pela adopção do projecto.

A' 11 o projecto chegou ao senado.

As discussões regulamentares fizeram-se nos dias 12 e 13, sabbado e domingo; o voto final

deu-se n'esse mesmo dia, e n'esse mesmo dia, 13 de Maio, a princeza imperial regente em nome do imperador sanccionou a lei.

Parecia cuvir-se o retinir dos ferros, que se despedaçavam e a alegria ruidosa dos que resurgiam do inferno da escravidão.

Abriam-se as portas do tabernaculo illuminado pelos esplendores da liberdade; diante da arca da alliança abraçaram-se todos como irmãos, e a voz estrondosa desta grande festa nacional foi levar em pregão publico, ao universo, esta legenda sublime: — Não ha mais escravos no Brazil.

**Duque de Caxias.**— Luiz Alves de Lima e Silva; nasceu este notavel brasileiro, no porto da Estrella, provincia do Rio de Janeiro, no dia 25 de Agosto de 1803; foi seu pae o marechal de campo, e senador do imperio Francisco de Lima e Silva, que foi regente do imperio em 1831.

Teve praça de cadete a 22 de Novembro de 1808, tendo apenas 5 annos de idade; foi promovido á alferes em 12 de Outubro de 1818. Frequentou os estudos de mathematica na Academia Militar.

Passou á tenente em 2 de Janeiro de 1821, e ajudante do 1º batalhão de fuzileiros em 12 de Outubro de 1822; e tendo sido creado n'essa data pelo Sr. D. Pedro 1º o batalhão do imperador, foi elle escolhido para servir n'esse batalhão e foi fazer a campanha na Bahia, onde se distinguio, obtendo, entre outros, menção honrosa.

Aos 21 annos de idade era capitão, por merecimento, condecorado com a ordem do cruzeiro

e foi-lhe concedida a medalha da guerra da independencia, na Bahia, creada por decreto de 2 de Julho de 1825.

Apparecendo no Sul a sublevação de Lavallega, foi para lá mandado o capitão Luiz Alves, fazendo a campanha da Cisplatina até 1828; foi nomeado major, sendo considerado por seus feitos, como um dos mais bravos officiaes.

Commandando as linhas avançadas de Montevideo, foi louvado pelo denôdo com que se houve.

A seu avô tinha sido concedida a commenda da ordem de Aviz por 3 vidas, e vivendo ainda seu pae foi-lhe concedida a commenda por decreto de 12 de Outubro de 1827, pela bravura com que se havia distinguido.

Concluida a guerra regressou á côrte em 1829, e na qualidade de major foi nomeado 2º commandante do batalhão do imperador, sendo n'esse mesmo anno condecorado com a ordem da Rosa.

Sobrevieram os successos de 1831, que deram em resultado a abdicação do imperador.

Organisou-se o corpo municipal permanente, de que foi nomeado major.

A 3 de Abril de 1832, houve a sublevação capitaneada pelo major Miguel de Frias e Vasconcellos, e apezar do fogo que faziam os insurgentes, postados no campo de Sant'Anna, foram dispersados pelo major Luiz Alves á testa do corpo de permanentes.

Foi promovido a tenente-coronel por decreto de 12 de Setembro de 1837.

Em 4 de Março de 1839 foi escolhido pelo ministro da guerra para acompanhá-lo em uma comissão ao Rio Grande do Sul, onde a revolta havia tomado grande desenvolvimento, regressando á 6 de Maio do mesmo anno, sendo promovido á coronel a 2 de Dezembro; foi nomeado presidente da provincia do Maranhão e encarregado do commando em chefe das forças em operações na mesma provincia, á 12 do mesmo mez.

Os rebeldes em armas eram em numero consideravel, os ataques e depredações incessantes por toda a provincia e principalmente em Caxias, onde o terror era extraordinario pelos repetidos assaltos dos rebeldes, que nada poupavam em seu furioso vandalismo.

Pelas medidas energicas e admiravel bom senso com que se soube haver no meio das mais difficeis condições em que se achavam os animos, dominou e pacificou a provincia inteira, deixando-a quasi toda reconstruida dos estragos que havia soffrido.

Terminada aquella gloriosa empresa, pediu demissão e retirou-se á côrte, chegando á 30 de Junho de 1841.

Foi nomeado veador a 2 de Abril e brigadeiro a 2 de Agosto, tudo do mesmo anno.

Foi eleito deputado, unanimemente, pela provincia do maranhão e pouco depois nomeado commandante das armas da côrte, e barão de Caxias, por decreto de 18 de Julho de 1841.

Sublevando-se á provincia de São Paulo, foi elle o escolhido para pacificá-la, era presidente o marquez de Monte Alegre e ministro da guerra José Clemente Pereira, o general foi autorizado a

proceder como melhor o entendesse ; foram derrotados os insurgidos em numero maior de 3 mil homens, foram-lhes tomadas as peças de artilheria que tinham assestadas contra o exercito pacificador e ficou a provincia em socego.

Apparece a revolução de Minas ; á 10 de Junho de 1842 levanta-se em Barbacena o grito da revolta ; é Caxias chamado á côrte, chega á 23 ; é louvado pelo modo porque se houve em São Paulo ; foi nomeado ajudante de campo.

Em 48 horas apresta-se e parte para Ouro Preto.

As instrucções que leva, deixam á seu criterio e arbitrio todas as medidas para a pacificação da provincia, que ardia toda na mais violenta revolução ; partio para essa ardua e difficil missão á 25 de Julho.

Os rebeldes em numero maior de 2 mil, no dia 26 entraram em Queluz alcançando uma victoria, e marchavam para a capital, Caxias forçou a marcha por lugares ingremes e quasi intransitaveis ; os inimigos não deram combate e retiraram-se para Sabará, de que se apossaram á 11 de Agosto, sua força constava de 3 mil e 300 homens e a columna da legalidade de 800 e apezar d'essa desproporção foi o inimigo desalojado deixando sua artilheria, munições e 300 prisioneiros.

No mez de Setembro deposeram todos as armas ; voltando Caxias á côrte em Setembro d'esse memoravel anno de 42, tendo sido promovido á marechal de campo graduado em 29 de Agosto d'esse mesmo anno.

Sabe-se com que plano e tenacidade se havia a rebelião levantado e ramificado na provincia do

Rio Grande do Sul desde 1835, e como se haviam mallogrado todas as tentativas de conciliação.

Fôra o vencedor de Santa Luzia nomeado commandante em chefe do exercito em operações e presidente da provincia com arbitrio para proceder como as circumstancias o determinassem.

Não cabe no plano deste trabalho enumerar por miúdo as peripecias e combates sanguinolentos deste lamentavel periodo; basta dizer-se que, desde o renhido combate de Ponche Verde, até Fevereiro de 1845, o Barão de Caxias tinha chamado á ordem e convertido á legalidade a grande e famosa provincia do Rio Grande do Sul.

Foi nomeado conde e marechal effectivo, por decreto de 25 de Março de 1845, e escolhido senador em 1 de Setembro d'esse mesmo anno.

Invadida a Republica do Uruguay, commettidos os maiores desacatos e atrocidades pelo pacto insidioso de Oribe e Rosas; saqueadas as importantes e numerosas estancias dos brazileiros estabelecidos na fronteira; sendo o Brazil obrigado a sustentar e defender a independencia oriental, pela convenção de 27 de Agosto de 1828, corria-lhe o rigoroso dever de sustentar seus compromissos e vindicar seus foros ultrajados com tanta aleivosia nas pessoas e propriedades de seus concidadãos.

Foi ainda, em boa hora, o conde de Caxias o escolhido para tomar sobre seus hombros o encargo de tamanha empreza; foi elle pois nomeado commandante em chefe do exercito e presidente da provincia do Rio Grande do Sul em Junho de 1851.

Elle por terra e auxiliado por mar pelo intrepido Greenfell, commandante da esquadra, venceu todos os obstaculos, traçou planos os mais judiciosos e efficazes; e desde sua chegada a São Pedro do Sul em 28 de Junho e posse á 30 venceu todas as difficuldades, levou a concordia e serenidade dos espiritos a todos os pontos amotinados, restabeleceu e firmou a legalidade, e toda esta gloriosa empreza foi executada em pouco mais de 3 mezes, e assim terminou a campanha na Republica Oriental do Uruguay.

Ainda maiores e mais gloriosos feitos estavam reservados ao inclito general.

Rosas, o truculento e sanguinario dictador da Republica Argentina declara guerra ao governo de Montevidéo e ao do Brazil e vindo todo esse furor belligerante recheado dos mais offensivos insultos.

Corria o anno de 1851. Caxias faz acampar o exercito nas margens de Santa Lucia, dispõe o todo em 4 divisões, põe á testa destas divisões o valente brigadeiro Marques de Souza, depois visconde de Porto Alegre, Cadwell, Santos Pereira e Canavarro; embarca as forças em 7 vasos da esquadra brasileira ao commando de Greenfell, chega ao Passo do Tonelero, rompe de terra uma chuva torrencial de ballas ardentes e fuzilaria, a nossa esquadra responde heroicamente, forçou o Passo e no dia 19 ancóra na Ponta do Diamante.

A' 8 de Janeiro tinha o exercito concluido sua passagem no Paraná.

No dia 17 o conde de Caxias com o almirante Greenfell dirigio-se para o porto de Buenos Ay-

res, onde estiveram fundeados por muito tempo perto de Palermo atravessando por meio da esquadilha inimiga, que não se atreveu a aggre-dil-os.

No dia 2 de Fevereiro estava o grosso do exercito á vista do inimigo, commandando o centro da linha o brigadeiro Marques de Souza.

Dentro de poucas horas não havia mais um só inimigo em frente; só se viam ruinas e solidão desde Monte Caseros até Santos Lugares, refugio de Rosas e este depois de uma vida inteira de perfidias e iniquidades de todo o genero, fugira vergonhosamente em trajo de marinheiro inglez buscando refugio á bordo do vapor *Centauro*.

Estava concluida a nossa honrosa, ardua e gloriosa missão.

O exercito regressou de Santa Lucia para as fronteiras do Brazil e o commandante em chefe tenente-general, conde de Caxias, já na villa de Jaguarão dirigio a seus intrepidos e valorosos commandados a eloquente e importante ordem do dia de 4 de Junho de 1852.

De muito tempo insidiosa enfermidade ia solapando aquella preciosa e tão necessaria existencia; entregou o commando do exercito ao brigadeiro Marques de Souza, barão de Porto Alegre e seguiu para o Rio de Janeiro.

Em 9 mezes se haviam concluido duas grandes e gloriosas emprezas.

Antes mesmo de seu regresso havia sido o conde de Caxias promovido a tenente-general por decreto de 3 de Março de 1852, e marquez do mesmo titulo por decreto de 26 de Junho do

mesmo anno, recebendo a medalha de ouro do Uruguay.

Como se todos estes innumerados e grandiosos serviços não bastassem ainda para a gloria do grande general, sobrevieram-lhe tão notaveis successos e exitos tão assombrosos, que vieram constituir o complemento maravilhoso da vida exemplar de um dos maiores homens, que o Brazil tem produzido.

Ainda que houvessemos já fallado da guerra do Paraguay, tocaremos, posto que muito de leve, em alguns pontos, em referencia a distincta individualidade de que estamos tratando.

Havia algum tempo, que entre os chefes dos alliados reinavam desacordo e competencias mal cabidas.

Fôra o general Porto Alegre encarregado do commando no difficil ataque de Curuzú, entendia esse bravo que de pouco serviria esse ataque e mesmo a posse dessa fortificação se em seguida se não atacasse Curupaity e para esse fim pediu reforço que lhe não foi dado.

Finalmente depois de sanguinolento combate e de actos inauditos de bravura foi tomado e dominado o forte de Curuzú, e somente cêrca de 20 dias depois é que, se achavam as forças reunidas, e isso por novos pedidos de Porto Alegre; houve tempo bastante para que o inimigo se aparelhasse: sabe-se como foi tremenda a luta e horrorosa a carnificina; o campo ficou alastrado de cadaveres, os alliados deixaram cêrca de 4 mil homens fóra do combate.

Este desastroso successo poz em evidencia a desharmonia latente dos chefes e mostrou-nos

um vazio que era necessario encher, uma necessidade, que pedia remedio efficaz e prompto.

Era mister procurar um homem inspirado por verdadeiro patriotismo e que tivesse varonia e intrepidez unidas a prudencia bem entendida, tino administrativo, previdencia dos successos e sobretudo, que tivesse dado prova da possedesfe complexo de qualidades raras; este homem era sem duvida o general marquez de Caxias, nunca vencido em todas as batalhas em que entrara e sempre gloriosamente succedido em seus planos.

Foi elle o escolhido e nomeado por decreto de 10 de Outubro de 1866, commandante em chefe das forças do imperio em operações contra o Paraguay e teve a effectividade de marechal de exercito por decreto de 13 do mesmo mez e anno.

Embarcou o general á 29 de Outubro á bordo do vapor *Arinos*. Quatro dias depois chegava á Montevidéo; ao entrar no Rio da Prata encontrara grande numero de hospitaes militares, á grandes distancias: 2 no Estado Oriental, outros 2 em Buenos Ayres, 3 em Corrientes, 1 no Cerri-rito, 1 no Itapirú, 1 no Passo da Patria e 1 em Tuyuty, tudo isto arredando das fleiras quasi a terça parte do exercito.

O 1º corpo do exercito achava-se em Tuyuty, o 2º em Curuzú, a cavallaria desmontada; em uma palavra, faltavam todos os aprestos para movimento do exercito.

O general deo á tudo as necessarias providencias com o seu reconhecido discernimento.

Demorou-se 3 dias em Montevideo, durante os quaes submetteo tudo a seu attento exame; a 6 de Novembro chegou á Buenos Ayres, a 9 ao

Rosario, a 14 a Corrientes; participando d'esta cidade, sua chegada aos generaes.

No dia 18 chegou ao acampamento de Tuyuty, onde foi recebido pelo exercito, com o maior entusiasmo. No dia seguinte publicou a famosa ordem do dia de 19 de Novembro de 1866.

Divergencias e dubiedades na direcção das forças, haviam reduzido tudo a lastimavel estado de uma quasi completa desorganisação.

A 9 de Fevereiro de 1867 voltára o general Mitre para Buenos Ayres, Flores havia já regressado para Montevideo á 25 de Setembro de 1866, o visconde de Tamandaré para a côrte, sendo substituido á 22 de Dezembro pelo chefe de esquadra Joaquim José Ignacio; general Osorio, então barão do Herval, para o Rio Grande e o visconde de Porto Alegre para a mesma provincia.

No meio de todas estas circumstancias era necessario o genio privilegiado de um verdadeiro general, o tino de um administrador providente e previdente e as forças de um gigante para revigorar e dar nova vida a todos estes bravos desalentados por tantos revezes e contrariedades.

A posição, porém, do general era escabrosa; era elle commandante em chefe das forças brasileiras em operações contra o Paraguay, porém pelo tratado era subordinado ao commando geral do presidente da Republica Argentina.

Por quase 2 annos os alliados estacionados e immobilizados em Tuyuty, sem plano algum de batalha; entretanto o inimigo aproveitando esse estado de inacção tinha-se preparado com obras collossaes.

A imprevidencia e a desidia reinavam em tudo.

O general começava a reorganisar o exercito, tirando-o do desmantelamento em que se achava.

O cholera invadio horrivelmente o exercito, fazendo diariamente grande numero de victimas.

Em Fevereiro de 1867 os chefes por motivos politicos de suas respectivas republicas haviam regressado á ellas, como dissemos; o general marquez de Caxias tomára o commando em chefe dos exercitos alliados, interinamente; uma interinidade, é, por assim dizer, uma posição falsa; todavia não hesitou o general em comprehender e executar as medidas que, entendeu necessarias; feito o que, começou a famosa marcha de flanco, que verdadeiramente iniciou a grande guerra offensiva depois da entrada no Passo da Patria e Tuyuty, e desde o dia 22 de Julho á frente dos exercitos alliados contorneou o flanco esquerdo do inimigo pela margem do Paraná, passando o Estero Bellaco.

A 27 de Julho (1867) regressou o general Mitre á Tuyuty, quando o exercito tinha já 5 dias de marcha para á frente.

Em ordem do dia 1 de Agosto reconheceu os importantes serviços do chefe interino.

Foi tomada a posição de Tuyu-Cué com tanto impeto e denodo, que o inimigo fugio deixando 90 mortos, prisioneiros e muitas armas e cavallos.

Entregou o general Caxias ao commandante Mitre as forças adiantadas na marcha de flanco para o interior do Paraguay, á vista de Humaytá,

com a vanguarda perto de São Solano e a nossa cavallaria dominando a campanha.

Sabendo Caxias que, uma força inimiga de infantaria e cavallaria se achava em São Solano mandou uma divisão fazer um reconhecimento, e depois de um consideravel combate e grande mortandade, foi o inimigo perseguido até Pilar, onde foi destróçado.

Em principio de Outubro o nosso general mandou que, 3 divisões do exercito estivessem vigilantes, prevendo um plano do inimigo contra o nosso flanco esquerdo, effectivamente no dia 3 deu-se um encontro e em seguida outro travando-se renhido combate com o nosso general á frente; o inimigo deixou 2 mil prisioneiros, 8 estandartes e sobre o campo cêrca de 500 mortos.

Por um plano do nosso general communicado á Mitre, tivemos um grande combate no dia 21 de Outubro em que o inimigo ainda deixou muitos despojos em nosso poder.

No dia 29 do mesmo mez tivemos outro grande combate no Potrero Ovelha em que sofremos muitas perdas. porém ficamos senhores da fortificação inimiga.

No dia 31 fez-se o reconhecimento do Tayi, e apesar de sua grande resistencia, foi o inimigo derrotado em ataque de baioneta, levado de roço sobre o barranco do rio, e teve consideraveis perdas; dos tres vapores com que entrara em combate, um foi a pique, outro incendiou-se e o terceiro fugio.

Nessa tarde veiu o general Mitre á barraca do nosso general congratulal-o pelo esplendido triumpho, que obtivera, pondo-nos em vanta-

josa posição nas margens do Paraguay á cima de Humaytá ; pois que sem ella teria sido sem proveito a perigosissima passagem da esquadra.

Por successos politicos na Republica Argentina retirou-se o general Mitre nos principios de Janeiro de 1868, ficando o nosso general em substituição com todos os poderes, na fórma dos tratados.

Estava adiantada a marcha de flanco ; contorneando-se o flanco esquerdo das fortificações paraguayas, estavamos de posse de Tayi, e portanto, estavamos por terra além de Humaytá.

Tendo o nosso general conferenciado com o bravo vice-almirante Joaquim José Ignacio, passou revista ao exercito, tomou as providencias e dispoz tudo para a passagem da inexpugnável fortaleza.

Finalmente ouviram-se os signaes convenionados para indicar, que a medonha passagem do formidável baluarte estava effectuada e effectivamente o foi com a maior destimidez e assombro.

A columna commandada directamente pelo marquez de Caxias ao passo de carga e á baioneta, depois de encarniçado combate e de grande numero de mortos, de prisioneiros, e de tomada de armas, peças e munições, apoderou-se do Estabelecimento, rasgando-se a bandeira paraguaya, tremulando o pavilhão brasileiro sobre as muralhas do reducto.

Depois deste memorável feito seguiu para Tayi, onde chegou ás 4 horas da tarde, ordenou ao chefe Delphim que, com dous couraçados e um monitor singrasse Paraguay acima, reconhe-

cesse os rios Vermelhos e Tibicuary e chegando á Assumpção bombardeasse-a se elle não se submettesse; regressou á S. Solano, sendo ahi congratulado pelos generas Gelly e Obes, Mitre e Castro.

O nosso general ordenou um reconhecimento sobre Laurelles, ultima posição dos paraguayos entre Humaytá e Jacaré, sendo tomada Sauce.

Estes successos davam-se no correr do anno 1868. O marquez foi pessoalmente explorar qual seria o melhor ponto para um desembarque no Chaco; expoz aos generaes seus planos de operações sobre Tibicuary, os quaes foram unanimemente approvados, declarando n'essa occasião o general Gelly e Obes que, recebera instrucções de seu governo para não destrahir as forças argentinas, que podiam ser retiradas de um momento para outro em vista do estado melindroso em que se achava a confederação, principalmente em Corrientes.

A 16 de Agosto forçaram-se as baterias do novo Estabelecimento, de que tomaram posse as nossas forças, desaparecendo assim o principal obstaculo para a continuação da marcha do nosso exercito.

No dia 26 transpõe-se o Passo Portilho, o marquez fez avançar o exercito para o Pilar, Taquaras e Tibiquary; dia 28 deu-se o brilhante assalto deste reducto, que foi tomado, fugindo a guarnição.

No principio de Setembro o marquez embarcou-se no vapor *Alagoas* para S. Fernando; marchou para Villeta e pouco depois tomou-se Villa Franca.

Aproximavam-se as forças aliadas da fortificação de Angustura.

O marquez concebera o plano, julgado impossível, de uma estrada pelo Chaco; no entanto, nas circunstancias em que se achavam era o unico caminho para combater o inimigo; foi posto em pratica o plano, pelo valente general Argolo, com tanta audacia quanto fortuna.

Foi horrivelmente mortifero o ataque da ponte do Itororó; rareavam as nossas fileiras.

Caballero voltou á carga tres vezes; Argolo e Gorjão foram feridos; porém, a terceira vez os nossos apoderaram-se da ponte de Itororó.

Caxias no meio do mortifero combate e vendo quasi a derrota dos nossos, desembainha a espada, e avança, anima os soldados e arremeça-se ao centro da peleja, conduz o 1º e 2º corpo e em breve o inimigo fugio em debandada.

No dia seguinte (7 de Setembro) poz-se em marcha o exercito e ás 6 horas da tarde chegou á capella de Ipané.

Na sanguinolenta batalha do Arroyo de Avahy, o visconde do Herval ficou ferido gravemente, retirando-se do campo por tal motivo.

Caxias á testa do 2º e 3º corpo, avançou contra o inimigo, recuando este, deixando sobre o campo grande numero de mortos.

Foi horrorosa esta jornada; depois desta admiravel victoria foram os nossos occupar Villeta.

A 21 de Dezembro o marquez faz contornear o inimigo em sua posição de Lomas Valentinas, explora o potreiro Marmoré para interceptar a communicação com as forças de Angustura, Piquirisy e outras, manda uma divisão de cavallaria,

infanteria e artilheria pelo flanco direito e neste ataque perdeu o inimigo 34 canhões, cerca de 200 prisioneiros, munições, bandeiras, além de grande numero de mortos.

Fez-se o reconhecimento sobre o reducto de Lomas Valentinas, dirigindo o general o assalto desta praça.

As nossas forças fazem prodigios de valor, entram no reducto e assenhoream-se de 14 peças; o inimigo faz fogo incessante, a resistencia é desesperada, são feridos o barão do triumpho e outros commandantes e officiaes; o inimigo peleja á noite inteira e o nosso general manteve-se á cavallo todo esse tempo; ficando em nosso poder, além de outros despojos, o canhão, que havíamos perdido no combate de Tuyuty.

Em 24 de Dezembro reunidos os generaes em chefe dos exercitos alliados dirigiram ao marechal Francisco Solano Lopez a intimação para que, no praso de 12 horas depozesse as armas, a que Lopes respondeu com a maior insolencia, negando-se.

Continuaram as hostilidades, debaixo de tremendo fogo de artilheria penetraram os nossos o interior do reducto; Lopes vendo desbaratado o seu exercito fugira pelo potreiro Marmoré.

No dia immediato, 28 de Dezembro, as forças sitiadas em Angustura foram intimadas á render-se e só depois de certificarem-se de que, Lopez não estava mais em Lomas Valentinas, é que se entregaram.

No dia 3 de Janeiro, 1869, o marquez de Caxias com grande parte do exercito partio para Assumpção onde chegou no dia 5, sem encontrar embaraço algum em sua marcha.

Achando-se porém profundamente arruinada sua saude e a conselho dos medicos, aproveitou a licença, que pelo governo lhe fora concedida, tratou de retirar-se.

No dia 14 fez seguir uma expedição para Matto Grosso afim de communicar os successos ao respectivo presidente e para explorar o Fecho dos Morros fortifical-os e guarnecel-os.

Retirou-se para Montevidéo no dia 19 de Janeiro de 1869, no vapor *Guaporé*, que encalhando em viagem transportou-se para o vapor *Lima e Silva*, chegando a Montevidéo no dia 24, em grande estado de fraqueza; embarcou á 9 de Fevereiro para o Rio de Janeiro, onde chegou á 15; sendo recebido pelo povo no meio de applausos e com o mair enthusiasmo.

Teve a medalha do merito militar, por decreto de 20 desse mesmo mez, em attenção á actos de distincta bravura praticados nos combates do Estabelecimento, de Itororó, do Avahy e de Lomas Valentinas; e o titulo de duque, por decreto de 23 de Março, pelos relevantes serviços prestados na guerra do Paraguay.

Depois de longo tratamento da molestia que adquirira naquellas inhospitas e doentias regiões, ainda voltou ao Senado, e ao conselho supremo militar de justiça.

Por decreto de 12 de Outubro de 1870, foi chamado como conselheiro de Estado interino.

Foi ainda presidente do conselho e ministro da guerra por decreto de 25 de Junho de 1875.

Finalmente opprimido por graves e prolongados soffrimentos, pediu e obteve demissão dos

cargos de presidente do conselho e ministro da guerra, por decreto de 5 de Janeiro de 1878.

De então por diante seus soffrimentos aggravaram-se successivamente, até que no dia 7 de Maio de 1880, ás 7 horas da noite, na fazenda do Desengano, voou ao seio da eternidade aquelle que tantas vezes affrontára a morte nos campos de batalha nos mais arriscados lances e perigos da guerra, o cidadão immaculado, o catholico de profundas crenças, bussola apontando sempre sem discrepancia, na peregrinação da vida o caminho da gloria e da virtude como exemplar da honra e da dignidade humana.

**O marechal Manoel Deodoro da Fonseca.**—Nasceu este valente militar no dia 5 de Agosto de 1827 na, então provincia das Alagoas; foram seus pais, o tenente-coronel Manoel Mendes da Fonseca e D. Rosa Maria Paulina da Fonseca.

Matriculou-se na escola milttar em 1843, sentando praça no 4º batalhão de artilharia á pé; foi reconhecido cadete de 1ª classe em 25 de Fevereiro de 1845.

Tendo concluido o curso da arma a que se dedicava apresentou-se ao batalhão a que pertencia, a 16 de Março de 1848.

Foi mandado para Pernambuco, assistindo ao ataque do Recife contra os rebeldes, a 2 de Fevereiro de 1849, distinguiu-se de modo, que mereceu recommendação do commandante da praça, pelo valor com que se houve na defesa do quartel da Soledade.

Foi promovido á 2º tenente á 14 de Março de 1849; esteve no combate de Natuba na então provincia da Parahyba do Norte em 31 de Dezembro.

Foi promovido a 1º tenente á 30 de Abril de 1852; sendo no anno seguinte mandado servir no 1º batalhão de artilharia á pé; mereceu elogio do commandante da fortaleza de Santa Cruz pelo bom desempenho no commando do respectivo destacamento.

Em 1855 serviu em commissão no 1º batalhão de engenheiros.

Foi promovido a capitão a 2 de Dezembro de 1856, indo servir no 4º batalhão de artilharia, sendo transferido para o 2º da mesma arma.

Em 1858 servio na escola militar, e a 20 de Novembro do anno seguinte foi desligado desse serviço, seguindo para Matto Grosso a 7 de Julho, sendo elogiado pelos bons serviços prestados como commandante da 1ª companhia do corpo de alumnos. Passou a exercer o logar de ajudante de ordens do commandante das armas de Matto Grosso a 14 de outubro.

Foi exonerado desse cargo a 8 de Fevereiro para recolher-se á Corte, tendo sido elogiado, pelo zelo e intelligencia com que se houve.

Passou a servir no 1º batalhão de artilharia á pé.

Em 26 de Dezembro de 1864 seguiu para a campanha do Estado Oriental do Uruguay e tomou parte no cerco de Montevideo até a capitulação de 20 de Fevereiro de 1865.

Partiu para a guerra do Paraguay em 1866, tomou parte nos combates de 16 e 17 de Abril.

Foi elogiado pelo commandante em chefe das forças pela intrepidez com que dirigiu as forças da vanguarda e pelos relevantes serviços na protecção do desembarque das mesmas forças.

Assistiu o combate de 2 de Maio tomando parte na avançada de 20 e na batalha de 24, sendo particularmente elogiado em ordem do dia, do commandante em chefe, por cumprir brilhante, distincta e nobremente o seu dever na referida batalha.

Assistiu o combate de 16 de Julho.

Foi promovido a major, por actos de bravura, a 22 de Setembro.

Foi elogiado a 31 de Outubro, pela sua bravura no combate de 16 de Julho de 1867.

A 26 de Fevereiro foi elogiado por seu zelo e dedicação e pelas instrucções e disciplina de seus commandados.

Tomou parte no combate de Potrero Ovelhas a 29 de Outubro e no de Tagy á 2 de Novembro, sendo elogiado pela pericia e denodo no combate; tendo elogio especial em ordem do dia, do commandante em chefe, pelo arrojo e bravura com que se houve no combate de Pagy.

A 18 de Janeiro de 1868 foi promovido a tenente-coronel por actos de bravura.

Tomou parte no combate do Estabelecimento á 19 de Fevereiro, no reconhecimento de Angustura á 1 de Outubro, pelo que foi elogiado, pelo seu valor e actividade.

No reconhecimento de Itóroró á 6 de Dezembro foi ferido levemente e teve duas contusões.

A 14 de Novembro foi recommendado por seus feitos d'armas.

Sendo promovido á coronel por actos de bravura, á 11 de Dezembro de 1869; á 14 de Janeiro assumio o commando da 4ª brigada de infantaria.

Tomou parte no combate e assalto de Peribebuy, commandando a 8ª brigada, á 12 de Agosto e na batalha de Campo Grande á 17 do mesmo mez.

Em Santo Izidro assumio o commando do districto de Curupaity á 16 de Fevereiro.

Foi elogiado em ordem do dia, pelo Sr. conde d'Eu, pelos serviços prestados nos combates de Peribebuy e Campo Grande.

Depois dos resultados obtidos em Aquidaban, por ordem do Sr. conde d'Eu commandante em chefe das forças, deixou o commando do referido districto, retirando-se de Santo Izidro com todas as forças de seu commando e vindo acampar da villa do Rozario.

Achava-se no commando da 8ª brigada ao terminar a guerra do Paraguay; deixou o dito commando e assumiu o do 1º de artilheria a pé, com o qual regressou ao Brazil a 14 de Julho, chegando ao Rio de Janeiro á 14 de Agosto; assumindo o dito commando á 26 de Setembro. Em 14 de Outubro de 1874 foi promovido a brigadeiro. Foi nomeado commandante das fronteiras de Quaraim e Livramento á 11 do dito mez. Em 25 de Janeiro de 1875 deixou o commando das ditas fronteiras.

A 22 de Novembro foi nomeado para inspecionar as companhias de cavallaria da Bahia e Pernambuco, os 2º, 7º, 9º e 16º batalhões de infantaria e o deposito de instrucção de caçadores.

Em 1876 foi nomeado inspector do 10º batalhão de infantaria.

A 7 de Janeiro de 1879 foi mandado inspecionar o arsenal de guerra da Bahia. A 28 de Fevereiro de 1880 foi nomeado inspector do Laboratorio Pyrotechnico do Campinho.

Em 1881 foi nomeado para inspecionar o 1º regimento de cavallaria. Em 14 de Outubro de 1882 foi nomeado membro da commissão de promoções. Por decreto de 3 de Março de 1883 foi nomeado commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul, sendo exonerado desse cargo á 30 de Junho.

Em 2 de Julho foi nomeado para proseguir na inspecção no deposito de aprendizes artilheiros, fortalezas do porto do Rio de Janeiro e das provincias de Santa Catharina, S. Paulo e Paraná.

Em 9 de Janeiro de 1884 foi novamente nomeado membro da commissão de promoções, em substituição ao marechal de campo Antonio Pedro de Alencastro.

A 23 de Maio de 1885 foi nomeado quartel mestre general. Em 26 de Setembro foi nomeado novamente commandante das armas do Rio Grande do Sul; sendo exonerado d'esse cargo á 24 de Dezembro de 1886.

Assumiu o lugar de quartel mestre general em 1888.

A 15 de Dezembro foi nomeado commandante das armas em Matto Grosso, sendo exonerado d'esse cargo á 28 de Junho de 1889.

A 15 de Novembro d'esse mesmo anno, deposta a dynastia imperial e mudado o governo

monarchico constitucional para o republicano foi proclamado chefe do governo da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

A 15 de Janeiro de 1890 foi promovido á marechal do exercito e acclamado generalissimo das forças de terra e mar. Foi reformado á seu pedido, em 11 de Janeiro de 1892.

Encontrando grandes contrariedades sobrevindas á marcha e medidas de seu governo, deu a maior prova de abnegação e desinteresse, resignando o poder á 23 de Novembro de 1891, evitando assim lutas de incalculaveis resultados. Arruinado em sua saude e desde muito tempo por enfermidades contrahidas nos campos e banhados mortiferos do Paraguay, falleceu no dia 23 de Agosto de 1892, ás 12 horas e 20 minutos da tarde, deixando como expressão da sua ultima vontade a renuncia de todas as honras militares, que lhe cabiam por sua alta patente e seus innumerables serviços na paz e na guerra.

Era condecorado com a dignataria do Cruzeiro, commenda da Ordem de Aviz, officialato da Rosa e tinha as medalhas de merito militar, da campanha Oriental de 1853 e da campanha do Paraguay com o passador n. 5.





## Homens e Factos da Historia Patria

---

### SEGUNDA PARTE

**Padre Manuel da Nobrega.**— Em 1549 era o padre Simão Rodrigues de Azevedo primeiro provincial da companhia de Jesus em Portugal; fôra elle o escolhido para acompanhar o apóstolo das Indias, São Francisco Xavier, que ia propalar a fé no Oriente, e circumstancias houve pelas quaes não poude cumprir aquelle seu vehemente desejo.

Tratando-se da catechese dos selvagens das terras do Brazil, quiz elle para si esta temerosa empreza; porém o rei, que d'elle ainda necessitava, não lh'o permittio.

Foi pois necessario escolher-se outro varão em quem se reunissem as mais acrisoladas virtudes, saber e fé ardente.

Feita a necessaria consulta e ouvio o rei D. João III, que então reinava em Portugal, cahio a escolha para essa ardua e perigosa tarefa no virtuoso e exemplar sacerdote Manuel da Nobrega.

Nascera este santo varão de paes nobres e virtuosos, foi educado com os preceitos da mais

severa moral e com os exemplos de grandes virtudes christãs.

Preparado devidamente, foi para a universidade de Coimbra, estudou humanidades, dando provas de subido engenho, passando-se para a universidade de Salamanca, estudou canones com grande reputação; voltou á patria, tornando á Coimbra, terminou o curso de canones, estudo de sua predilecção e tomou o gráo de bacharel nessa faculdade.

Abriam-se-lhe diante dos olhos horizontes vastos, já por sua propria illustração, já por seu pae, que era desembargador e por um seu tio, chanceller mór, tendo ambos grande cabimento com o rei; mas despresando as glorias vãs do mundo fizera-se sacerdote.

Vagando em Coimbra uma collegiatura e oppondo-se em concurso á esse lugar, Nobrega teve sobre o seu competidor decidida e notavel vantagem, foi porém, o outro o preferido; então deixou de uma vez as pretenções mundanas e filiou-se na companhia de Jesus, entrando no collegio de Coimbra no anno de 1544.

Foi de um fervor, zelo e caridade que, causava o maior assombro; era considerado um pae e protector de todos, e todos sem cessar fallavam das grandes virtudes do *padre gago*, que assim o appellidavam, por uma certa difficuldade, que tinha na pronunciação.

Caminhava á pé com seu bordão de peregrino e por grandes distancias ia á toda parte levar o conselho e a palavra de Deus, soccorrendo os necessitados e despertando a fé no coração dos que se entorpeciam nas trevas e no desalento.

De uma dessas piedosas peregrinações foi chamado o padre Nobrega como o escolhido para as terras do Novo Mundo com o fim de trazer a doutrina de Christo ás hordas barbaras e antropophagas, que o povoavam.

Para essa missão civilisadora deram por companheiros a quem tanto merecia de seus superiores, do primeiro governador, que vinha á estas plagas e do proprio rei, os padres Leonardo Nunes, João de Aspilcueta, Antonio Pires e dois irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

Por mais esforço que fizesse não pode o piedoso missionario chegar á Lisboa a tempo de partir com a frota em que vinham o governador e os outros padres; porém, ficára esperando por elle a náu em que vinha Antonio Cardoso de Barros, que era mandado como o primeiro provedor do Brazil, e nella seguiu seu destino, alcançando ainda a frota, onde foi recebido pelo governador com a maior alegria.

Era esse governador Thomé de Souza, distincto fidalgo e muito experimentado nas guerras de Africa e na India e vinha para o Brazil dar principio a fundação de cidades; vindo com poder absoluto e jurisdicção sobre todas as mais capitánias brazileiras.

Partiu a frota da barra de Lisboa no dia 1º de Fevereiro de 1549 e com monção propicia e mares bonançosos chegaram á Bahia de Todos os Santos com 66 dias de viagem.

Era então a Bahia cabeça do Brazil inteiro.

Chegados á terra fez logo o padre Nobrega arvorar uma grande cruz e dahi em diante tratou de ir doutrinando os meninos filhos dos indios,

e a experiencia lhe foi mostrando que ia assim por bom caminho.

Construiram os missionarios sua casa, e igreja com a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, e foi o primeiro estabelecimento que teve no Brazil a companhia de Jesus.

Aprenderam os padres a lingua dos indigenas, no que se distinguiu o padre Aspilcueta, que nella fez predicas e para ella trasladou muitas orações.

No meio dos trabalhos asperrimos para a regeneração das hordas barbaras daquella região; soube-se que, a Capitania de S. Vicente estava em grande desamparo de doutrina e que ahi se commettiam as maiores atrocidades; apesar da luta em que se achavam empenhados e do pequeno numero de obreiros para tamanha empreza; mandou o padre Nobrega para S. Vicente o padre Leonardo Nunes e o irmão Diogo Jacome como incançaveis propagadores da fé; partindo elles da Bahia no 1º de Novembro de 1549.

Sabendo mais o providente Nobrega da grande necessidade em que se achava a Capitania do Espirito Santo, para lá enviou o padre Affonso Braz, um dos quatro que do reino haviam vindo em segunda remessa no correr do anno de 1551.

Assim ia-se provendo e pondo-se em pratica os meios de chamar á fé aquella gentilidade e regenerar os proprios portuguezes, que se haviam entregado á toda sorte de vicios, sem freio, nem repressão de qualquer qualidade que fosse.

Sabendo mais aquelle incançavel apostolo, da relaxação dos costumes e do desprezo da moralidade em que se achava a Capitania de Per-

nambuco, resolveu ir pessoalmente, levando como companheiro de sua missão o padre Antonio Pires.

Era capitão mór e governador daquella capitania Duarte Coelho.

Depois de grandes e proveitosos trabalhos para melhor policia daquelles povos, lá ficou o padre Antonio Pires na continuação daquella tarefa de beneficios, voltando o padre Nobrega para a Bahia em Março de 1552, sempre tão assiduo e aturado em trabalhos que pareciam superiores á capacidade humana.

O seminario dos filhos dos indios crescia em proveitosos adiantamentos e tudo caminhava e prosperava admiravelmente.

Em Janeiro de 1553 foi o padre Nobrega em companhia do governador Thomé de Souza visitar toda a costa do sul.

Visitou a Capitania do Espirito Santo, onde havia seminario de meninos, veio ao Rio de Janeiro, onde apenas a frota avistou o porto, proseguindo viagem para S. Vicente; ahi em virtude de uma horrivel tempestade naufragou o padre Nobrega, sendo salvo das ondas, pelos indios.

Chegado á Villa de S. Vicente grandes e perigosos trabalhos o esperavam.

João Ramalho, portuguez, rico e poderoso na terra á esse tempo, porém libertino e coberto de vicios, sem lei, nem moral; cercado de um grande numero de mestiços, seus filhos naturaes havidos com as indias, que possuia e tão desalmados como o pae, segundo de tudo nos dá noticia o padre Simão de Vasconcellos, na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, e que já haviam tentado

pôr mãos sacrilegas no respeitavel padre Leonardo Nunes; não tolerava por fórma alguma admoestações e conselhos que se oppuzessem a seus habitos inveterados de impiedade e libertinagem e por isso concitou o povo contra os padres, ameaçando-os e amedrontando-os para que não progredissem em sua obra pela direitura e bom caminho que á tudo dava o padre Nobrega.

A final foram serenando os sopros daquellas iniquidades e poudé ir-se levantando o edificio da fé, ainda que com algumas difficuldades.

Entrou ainda o sollicito missionario muitas leguas pelos sertões á dentro para doutrinar e arrancar ao paganismo centenas de creaturas humanas; fez uma pequena igreja e chamou ao gremio da fé numero extraordinario de barbaros que andavam errantes pelas selvas sem Deos, nem lei.

Vendo Nobrega como as legiões da christandade, iam augmentando por aquellas paragens, procurou demorar-se nellas tempo largo, e mandou pelo padre Nunes buscar á Bahia maior numero de confrades para maior desenvolvimento da empresa, que tomára sobre seus hombros.

Aconteceu que a 13 de Julho de 1553 chegasse á Bahia, vindo do reino, a mais importante remessa de confrades da companhia, que até então nestas terras aportára.

Foram cultores desta proveitosa seara, os padres Luiz da Gram, Braz Lourenço, André Pires e mais quatro irmãos, e sobre todos a maior luz da gentildade, honra da companhia, exemplar dos missionarios, o grande José de Anchieta esse apostolo deste Novo Mundo; tendo partido

de Lisboa á 8 de Maio do mesmo anno com D. Duarte da Costa, que vinha por governador geral, sendo o segundo deste Estado.

Até este tempo era o padre Nobrega vice-provincial, agora recebeu a patente de provincial e nessa occasião funda o collegio nos campos de Piratininga, onde havia grande necessidade para a direcção moral e espirital da muita gente que já alli habitava.

Por este tempo haviam os indios levantado grandes e sanguinolentas guerras, em que era consideravel a mortandade; havia chegado, vindo de S. Vicente, o padre Nobrega e por seu conselho e influencia levantaram-se novas igrejas e collegios; meios efficazes de attenuar os instinctos de ferocidade daquelle gentio indomito.

Fundaram-se então novas aldêas e á todas provia o padre Nobrega dando-lhes confrades e irmãos devidamente habilitados pela instrucção, virtudes e conhecimento da lingua, que iam adquirindo.

A 31 de Julho de 1556 fallecera em Roma o patriarcha Ignacio de Loyola fundador da ordem, e o padre Nobrega em consequencia das fadigas e intemperies a que se expunha sem descanso, tinha adquirido molestias e ia-se sentindo attenuado em suas forças.

Corria o anno de 1558, chegára á Bahia Mem de Sá o 3º governador do Estado do Brazil, apenas saltou em terra recolheu-se á um cubiculo da casa dos jesuitas, ouvindo em tudo o conselho do padre Nobrega.

O governador promulgou diversas ordenanças, entre ellas a prohibição de comer carne hu-

mana; estas ordens alvoraçaram es indios, que attribuiram a prohibiçãõ de seus costumes tradicionaes á influencia do padre Nobrega.

Puzeram-se em campo contra os portuguezes multidões incalculaveis de indios cheios de furor, armados e com vozerias espantosas; marcharam contra elles forças portuguezas e de indios conversos, os combates foram horrorosos, a mortandade de parte á parte foi grande; venceram porém, os nossos, e Nobrega parecia robustecer com as labutações e fadigas que sobrevinham.

Em 9 de Dezembro de 1559 chega á Bahia o veneravel prelado D. Pedro Leitão, segundo bispo do Brazil e com elle vieram alguns padres, que por molestias e outras circumstancias sobrevindas, poucos serviços puderam prestar.

Por este tempo veio patente de provincial ao padre Luiz da Gram; pois Nobrega, o varão apostolico, por entrado em annos e por molestias que lhe punham impedimentos á boa vontade, não podendo fazer todo o beneficio que seus desejos pediam, ficou em extremo alegre e satisfeito com a nomeação de tão digno companheiro.

Correndo em Portugal a noticia do como se haviam os francezes fortificado na enseada do Rio de Janeiro, e como no espaço de quatro annos que já ali se achavam, se tinham reforçado de modo tal que podiam ir-se apoderando de outros pontos, pois que estavam alliados com os tamayos, que os obedeciam e lhes eram valioso auxilio contra os portuguezes, enviou-se ao governador Mem de Sá uma armada e ordem para reunir todas as forças e expellir do Rio de Janeiro aquelles invasores.

Era conselho e opinião de todos contra a empreza por temeraria e quasi segurança de derrota; porém Mem de Sá ouvindo o conselho do padre Nobrega foi este de parecer da partida sem a menor detença, dando-lhe a mór segurança da victoria certa, e até apezar de valetudinario não se deixou ficar, ao contrario acompanhou Mem de Sá, sendo-lhe inspirador efficaz da arriscada empreza.

Foi o nosso veneravel apostolo para Santos e de lá fez com que viessem canôas e combatentes em ajuda dos portuguezes.

Depois de renhida e sanguinolenta peleja estavam os portuguezes senhores da Fortaleza e grande numero de francezes e tamayos mortos, ou fugidos.

Vencido e desbaratado o inimigo, fez-se de vela a armada para a Bahia, indo antes o governador Mem de Sá a Santos agradecer á Nobrega seu judicioso e efficaz conselho e a ajuda que, d'essa capitania lhe fez enviar o governo.

Em 25 de Junho do mesmo anno partiu de Santos para a Bahia a armada de Mem de Sá, despedindo-se elle do seu amigo Nobrega, que ficava.

Nobrega apezar de seu máo estado era incansavel em seu zelo pela fé e pelo bem estar do povo; saia em peregrinação pelas aldeias baptisando, convertendo e consolando os que soffriam.

Não era ainda bastante quanto o assombroso varão apostolico fazia de inauditos prodigios nas diversas capitancias brazilicas em favor da catechese e civilisação do numeroso e barbaro gentio da terra, das instituições de instrucção e

de par entre os obstinados anthropofagos, que devoravam em sua indomita fereza até os innocentes filhos dos inimigos, que tambem de igual modo procediam quando lhes cabia a vez de triumphadores; era ainda necessario que viesse depois de quasi no fim da vida, á este nosso Rio de Janeiro trazer a luz de sua alma para derramal-a sobre as trevas em que jazia este nosso torrão ainda por aquelle tempo.

Em 1565 fora eleito na congregação de Roma o padre Ignacio de Azevedo visitador da provincia do Brazil com grandes poderes do papa Pio V e do geral da Ordem; chegando á Bahia a 24 de Agosto d'esse anno; d'ahi partiram para S. Vicente, elle, José d'Anchieta e outros confrades que lhe vieram em companhia, encontraram-se com Nobrega já muito abatido de suas incessantes labutações, abraçaram-se com a maior cordialidade como amigos, que eram, separados por muitos annos e em regiões muito distanciadadas. Entre as grandes necessidades deste Rio de Janeiro e que pediam remedio prompto, vinha determinada pelo rei D. Sebastião a fundação do collegio, seminario e escola de latim.

Partiu de S. Vicente para o Rio de Janeiro o padre Ignacio de Azevedo em companhia do bispo D. Pedro Leitão e dos padres Nobrega e José d'Anchieta, em Julho de 1567.

Chegando ao Rio acharam o governador Mem de Sá occupado na edificação da cidade.

Concedeu o sitio que os padres escolheram para a fundação d'um collegio; dando em nome do rei D. Sebastião a necessaria dotação para sustento de cincoenta religiosos.

A escriptura desta doação foi passada, mais tarde, em Lisboa em 6 de Fevereiro de 1568.

Partindo para a Bahia o governador Mem de Sá ficou com o governo n'estas partes seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá.

Intitulou-se a cidade do Rio de Janeiro, cidade de S. Sebastião, pelo Santo, que foi tomado como seu defensor e pelo rei, que assim era chamado.

Retirou-se o padre Ignacio de Azevedo deixando por cabeça e superior do collegio do Rio, das casas de S. Vicente, de Santos e do Espirito Santo com todas as aldeias annexas ao prestante e infatigavel padre Nobrega, para que tudo crescesse e prosperasse sob os auspicios de tão respeitavel e venerando varão apostolico acompanhado pelo grande missionario o padre José d'Anchieta, antigo companheiro de seus trabalhos.

Chegou á Bahia o padre Ignacio de Azevedo no mez de Março de 1568.

Finalmente aquelle santo varão, exemplar de todas as virtudes, obreiro infatigavel da civilização primitiva d'este paiz, martyr illustre e sabio, despresador de todas as grandezas mundanas, era como o edificio magestoso carcomido pelos alicerces.

Exposto por sua maravilhosa dedicação á sões ardentes e climas desabridos, quando lhe cabia o cumprimento de um dever, muita vez descalço e desprovido dos commodos da vida, atravessando matagaes e montanhas escabrosas, por entre indios indomitos, lá ia arrancar dos tormentos e do supplicio a victima de seus banque-

tes e folguedos infernaes, todo este amontoado de sacrificios inauditos arrancaram de uma vez as forças d'aquelle suppliciado voluntario da fé.

Sentindo elle que se ia chegando com passos lentos a hora de entregar sua alma ao Creador, ia-se dispondo com a placidez e serenidade do justo para o seu esperado e desejado passamento.

De dia a dia andava pelas casas da primitiva cidade consolando e despedindo-se de suas tão amadas ovelhas; na vespera de seu ultimo dia disse missa e commungou, á tarde achou-se presente á conferencia ordinaria da comunidade; mais tarde foi acommettido de uma dor intensa e recolheu-se ao leito esperando a morte, chamou os padres e irmãos presentes, abraçou-se com elles e lançou-lhes a benção dizendo: folgaria muito de ver n'esta hora os outros, que estavam ausentes; mas que lá os veria do céu d'onde era chamado para o dia seguinte, e no meio da maior serenidade proferindo palavras ungidas pela fé, commovendo e fazendo correr as lagrimas á todos, entregou a alma ao Eterno, no dia 18 de Outubro de 1570, dia em que a igreja solemnisa S. Lucas Evangelista e em que fazia 53 annos, que viera ao mundo, onde derramou tanta luz e tamanhos e tão valiosos beneficios

**Nicoláo Durand Villegaignon.** — Almirante francez, nasceu em Provins em 1510. Era sobrinho do famoso Villiers de Isle Adams, grão mestre da Ordem de Malta. Tinha bons estudos, e era dotado de notavel força physica.

Foi recebido cavalleiro da Ordem de Malta em 1521. Acompanhou Carlos V na expedição d'Africa, onde se houve com grande bravura.

Marchou em favor de Maria Stuart, cujos estados estavam ameaçados pelos inglezes e commandou o navio que trouxe esta princeza á França em 1548.

Nomeado vice-almirante de Bretanha por Henrique II, e tendo dissensões com o governador de Brest sollicitou licença e autorisação para vir á America fundar uma colonia e conquistar para a França este Novo Mundo occupado por hespanhoes e portuguezes e ao mesmo tempo obteve a protecção de Coligny, ao qual communicára o intento que trazia de escolher e abrir lugar seguro, asylo e tranquillidade para os protestantes contra as perseguições, que na Europa incessantemente soffriam.

Obteve dez mil libras para as primeiras necessidades dos colonos, dois navios bem providos, nos quaes fez embarcar uma companhia de artilheria, soldados e nobres aventureiros; fazendo-se á vela no Havre em 12 de Julho de 1555; porém sobrevindo grande tempestade e soffrendo avarias o navio de Villegaignon, arribou para Dieppe, onde foi abandonado por grande parte da tripolação; esta eventualidade foi uma das causas do máo successo da empreza.

A' 10 de Novembro desembarcou Villegaignon nas praias de Guanabara, Rio de Janeiro.

Procurou logo fundar seu estabelecimento junto de um rochedo escarpado na embocadura da barra; porém não pôde ahi sustentar-se por

que o sitio escolhido era invadido pelo mar nas cheias da maré.

Foi o projecto abandonado e pouco mais distante encontrando a ilha, que ainda hoje conserva seu nome, ahi se estabeleceu e fortificou, fazendo-se amigo e protector dos indigenas, que se tinham tornado inimigos dos portuguezes e foi grangeando a vontade e bons serviços dos indios do litoral.

Estabelecido e firmado Villegaignon no reducto, que escolhera como primordio de seus planos gigantescos, escreveu ao almirante Coligny para que, lhe mandasse reforços e bons theologos de Genebra.

Se por um lado Villegaignon se julgava muito em segurança contra inimigos que o viessem desalojar, por outro lado commettera grave erro escolhendo sitio em que não havia agua potavel, ao contrario era ella guardada em cisternas, nociva e imprestavel, assim como escasseavam os mantimentos, e os que existiam eram farinhas grossas e mal preparadas e outras provisões da terra desconhecidas d'aquelles aventureiros, que de tão longe e tão estranhos vinham, trazendo na mente esperanças douradas conforme á cada um a imaginação lh'as ia fantasiando.

Tendo Villegaignon, como se disse, solicitado reforços e ministros protestantes para com elles estender e firmar a reforma calvinista, nestas regiões, mostrando-se sempre zeloso apostolo de taes doutrinas, acoroçoou na Europa os sectarios d'estas idéas e pôde obter o que desejava.

Aparelharam tres excellentes navios, com os

viveres e mais aprestos para tão delongada viagem; estes navios chegaram á nossa Guanabaraem um domingo 7 de Março de 1557, trazendo á seu bordo soldados, maruja, ministros calvinistas, rapazes destinados a aprenderem a lingua dosnaturaes da terra, e as primeiras raparigas estrangeiras que vinham destinadas á casarem-se com as mais distinctas pessoas de entre os que habitavam o paiz.

No dia 10 apresentaram-se á Nicoláo Villegaignon, a quem os indios chamavam *paicolás*; elle os recebeu com mostras do maior contentamento, dando louvores a Deus por ter-lhe proporcionado os meios de estabelecer a igreja reformada á salvo de perseguições.

Foram, porém, os recémchegados mal servidos de alimentos, bebendo da agua corrompida das cisternas e encontrando domicilios os mais desabrigados.

Villegaignon era um apostata, havia abjurado o catholicismo, á cujo gremio pertencera e hypocritamente fazia-se adepto extremado do calvinismo, possuindo em alto gráo a mania da controversia, interpretando constantemente dogmas e disciplinas da sua seita.

Os francezes á sua chegada e dominados da idéa de senhorio de todo o territorio, haviam denominado *França Antartica* á sua nova conquista e ao posto que dominavam, Forte Coligny em honra do patrono de quem dependiam.

Um normando que viera e estava como interprete machinou uma conspiração contra Villegaignon, chegando-lhe ao conhecimento esta ten-

tativa, metteu uns á ferros, enforcou outros, o normando porém, poude escapar-se.

Vendo-se os calvinistas maltratados pelas arrogancias e character disparatado de Villegaignon, não tiveram outro recurso senão pedirem licença e retirarem-se para a Europa.

Portugal por inexplicavel indolencia deixára a colonia franceza fortificar-se e dominar o litoral por quatro annos, e com certeza a não ser o máo character de Villegaignon, que atraiçooou á seus poderosos protectores e maltratou por todos os modos aquelles que de tão longe e com tão grandes perigos vinham ajudal-o, teriam os aventureiros francezes se apoderado de todo o territorio e com a delonga do dominio, teriam por direito de posse o senhorio da sua *França Antartica* tão cubiçada.

Nobrega despertou a côrte de Lisboa e Duarte da Costa recebeu ordem de vir reconhecer o estado em que achavam as fortificações francezas; em virtude da parte enviada por Duarte da Costa, vieram instrucções a Mem de Sá, para expulsar os francezes.

Levantou-se grande opposição á esta ordem por temer-se uma derrota quasi certa, pela solidez da fortificação, grandes recursos do inimigo e o avultado numero de seus alliados; tudo isto comparado á penuria de recursos de que dispunha o nosso estado.

Em vista deste conjucto de condições tão desiguaes e desvantajosas para o nosso lado, nada parecia mais sensato, que as reflexões com que se oppunham todos á temeraria tentativa.

Nobrega porém. cujas opiniões e conselhos pareciam vir de uma inspiração sobrenatural, dissipou todos os temores, e Mem de Sá, que procurava sempre e ouvia com acatamento os conselhos daquelle mentor, não hesitou em emprender a execução, ainda que bem arriscada e duvidosa no resultado parecesse á todos. Nobrega acompanhou o governador, na empreza.

Nos primeiros dias do anno de 1560 chegou a armada ao Rio de Janeiro.

Entrar a barra alta noite e surprehender os francezes na ilha, era o plano do governador; porém elles percebendo o estratagema de quem vinha chamal-o's á contas, prepararam-se para a defeza acolhendo-se aos fortes com oitocentos frecheiros indigenas.

Faltavam canoas a Mem de Sá, Nobrega porém, dirigindo-se a S. Vicente poude obter auxilios dos moradores e d'alli despachou um bergantim, canoas e botes carregados de provisões e tripolados por portuguezes, mestiços e naturaes, gente pratica da costa e amestrada na guerra com Tupinambás e Tamoyos; vieram com elles dois jesuitas, os padres Fernão Luiz e Gaspar Lourenço.

Com este reforço entrou Mem de Sá o porto; bateram-se sem a menor vantagem dois dias e duas noites, gastando-se assim polvora e munições contra muralhas e baluartes de rocha viva; estavam já dispostos á reembarcarem a artilheria e retirarem-se.

O animo e o esforço dos portuguezes e a vergonha de uma tão desastrada derrota deu-lhes novas forças para commettimento desesperado.

Investiram de novo e tomaram as obras exteriores e assaltado o rochedo em que haviam os francezes excavado o paiol, foi tudo tomado com a maior bravura.

Foram os francezes intimados para renderem-se e abandonaram o forte na noite seguinte com os Tamoyos seus alliados, mettendo-se em seus botes, e fugindo uns para as náos, outros para terra firme.

Ararigboia, que commandava os valentes Tupinínés vindos da provincia do Espirito-Santo, e que no baptismo recebera o nome de Martin Affonso, distinguiu-se tanto e tão heroicamente neste glorioso feito d'armas, que foi recompensado com uma pensão e com a ordem de Christo.

Não tinham os portuguezes forças sufficientes para manterem-se na ilha que haviam conquistado, por isso arrazaram todas as obras dos francezes e fizeram-se de vela levando toda artilheria e provisões para o porto de Santos, onde a inexcedivel e previdente deligencia de Nobrega havia disposto tudo para allivio dos feridos e doentes e conforto dos sãos.

Durante este periodo achava-se Villegaignon em França, para onde tivera ido com o fim de trazer de lá uma armada com que, viesse apoderar-se e destruir todos os estabelecimentos dos portuguezes em terras do Brazil; planos estes que, lhe falharam por diversas circumstancias, devidas na maior parte á maneira desleal e á dobrez de animo com que havia sempre procedido finalmente veiu a fallecer em Beauvais em 1571.

**André Vidal de Negreiros.**— Este benemerito e valoroso brasileiro dos tempos primitivos da nossa historia patria, nasceu na então, capitania da Parahyba do Norte, em fins do seculo XVI, eram seus paes o respeitavel ancião Francisco Vidal, natural de Lisboa e Catharina Ferreira, de Porto Santos.

Seguiu Vidal a carreira das armas, e parece ter sido um dos primeiros, que pensou seriamente na restauração de Pernambuco, da dominação dos hollandezes não só pelas depredações e atrocidades commettidas contra os naturaes, como pelos ultrages feitos á religião catholica da qual era elle fervoroso crente e acerrimo defensor.

Corria por aquelles tempos, um periodo das maiores calamidades para Portugal; os desastres se lhe accumulavam; seus mares eram infestados de piratas, que reduziam a captivo habitantes de algumas das ilhas dos Açores; em seguida os francezes se haviam apoderado de territorios no litoral do Brazil, os hollandezes assenhoreavam-se dos mais importantes estabelecimentos da Africa Occidental e finalmente em 1624 apoderaram-se elles da Bahia e em 1630 de Pernambuco e de quasi todas as povoações do litoral em uma extensão de 300 legoas.

Governava Portugal Philippe IV de Castella, que reinou de 1621 a 1640.

Apezar de correr na Europa a noticia do plano que tinham os hollandezes de abandonarem a Bahia, e que concentravam todas as forças de mar e de terra para a conquista de Pernambuco; nada alli se movia.

Portugal abatido de forças, não podia enviar tropas para defesa do suas possessões ultramarinas.

Foi nomeado Mathias de Albuquerque superintendente na guerra e visitador das capitánias do Norte; quando porém, Mathias de Albuquerque vio que os soccorros, que lhe davam limitavam se a vinte e sete soldados e á algumas munições sentio mallograrem-se-lhe as esperanças, mas não havia hesitar; eram ordens, cumpria executal as; partio para seu destino.

Esta ligeira consideração tem por fim pôr em relevo os prodigios de valor e mesmo de temeridade, que os nossos, com tão pequenos recursos e pouco affeitos a disciplina e a estrategia se atraveram a fazer resistindo com tanto desassombro, á forças consideraveis e amestradas nos combates.

Em 2 de Agosto de 1636 foi nomeado o príncipe Conde João Mauricio de Nassau para o governo de Pernambuco, chegando ao Recife a 23 de Janeiro de 1637, e assenhoreando-se das mais importantes praças arrancadas aos portuguezes.

Tendo já André Vidal se distinguido por seu valor em feitos heroicos; achava-se em Lisboa em Março de 1642 e prestes a regressar á seu torrão natal para proseguir em sua obra de libertação, quando el-rei D. João IV, que reinara da 1640 a 1656, pessoalmente lhe fez promessa de dar-lhe o governo de Maranhão quando d'elle fossem expulsos os hollandezes, e com effeito o rei cumprira a promessa feita, nomeando-o em 11 de Agosto de 1644 governador do Maranhão.

A noticia da libertação daquella importante capitania chegou a Pernambuco em vespervas da retirada do conde Mauricio de Nassau, que havia obtido licença de seu governo para retirar-se para Europa.

Aquella noticia pois, que cobria de gloria os vencedores, tão pequenos em numero e tão grandes no ardimento, infundio o maior jubilo nos corações e abrasou de novo o espirito dos desanimados.

André Vidal dá novo impulso a seus planos da restauração de Pernambuco e Parahyba, sonhando o mesmo exito, que obtivera o Maranhão em dez mezes de porfiada luta.

Communicou Vidal seu plano ao governador Antonio Telles da Silva, que succedera no governo ao marquez de Montalvão, este, bem como João Fernandes Vieira approvaram o plano apresentado.

Partio Vidal para o Recife, dando-lhe o governador duas Caravelas com provisões e mantimentos, simulando, que era tudo vendido a Fernandes Vieira; foi a partida em setembro de 1644, regressando elle para a Bahia dahi a dez, ou doze dias.

Quando Vidal partio de Lisboa de onde viera em companhia do mencionodo governador Antonio Telles, foi pelo mesmo governador enviado ao Recife á pretexto de entender-se com o conde de Nassau acerca de negocios de Angola, porém com o fim real de dispôr os animos para a insurreição, mostrando, com toda reserva, documentos em que o proprio rei promettia remunerações; tendo como serviços valiosos e muito

dignos aquelles, que se fizessem á causa da restauração; entendendo-se Vidal com João Fernandes Vieira e com outros moradores.

Ficou assentado que a revolução rebentasse primeiro na Bahia.

Ao retirar-se foi Vidal á titulo de visitar o commandante, examinar o estado da fortaleza do Cabedello.

Retirou-se então para a Bahia, mas em viagem aproximou-se á costa e deixou escondidas em lugar seguro algumas munições, que não conseguira fazer desembarcar no Recife.

Apenas chegado á Bahia deu parte de tudo ao governador; partindo dahi por terra para Pernambuco cêrca de quarenta soldados dos mais experimentados.

Esta pequena força caminhou por sertões desviados para reunir-se em pontos de antemão combinados; encarregando-se João Fernandes Vieira de occultal-a e provel-a de todo o necessario até o momento de pôr por obra o plano.

O principe João Mauricio de Nassau apesar de habil politico e bravo militar e tendo de mais em seu favor grande força armada de gente aguerrida e affeita á combates, nem sempre pode contar victoria; por vezes lhe poz a sorte impedimentos á superioridade e veio com embargos á vangloria.

Apresentando-se elle diante das trincheiras do forte de Santo Antonio, foi a posição tão bem defendida pelo valoroso Luiz Barbalho, que não pode Nassau adiantar um passo apesar de impetuoso accommettimento.

Tomaram os nosaos a defensiva; emprehendam-se sortidas, distinguindo-se sempre, além de outros, André Vidal; e Nassau voltou para o Recife coberto de vergonha por tão inesperado desastre.

Em Lisboa e Hespanha foi estrondosamente festejada esta grande derrota dos hollandezes.

Tambem aos nossos não obstante tamanho esforço de patriotismo, nem sempre vieram muito de geito os succesos.

Em 7 de Setembro de 1639 sahira de Portugal para o Brazil uma poderosa esquadra, que causou a maior surpresa ao proprio conde de Nassau, por saber do estado calamitoso em que se achava aquelle reino; com essa esquadra vinha o conde da Torre, conselheiro de Estado e homem de grande importancia; aportára elle ás aguas do Recife em 23 de Janeiro de 1639.

André Vidal de Negreiros foi pelos sertões para a Parahyba levar a fausta noticia desse successo, que parecia ser o prenuncio de assignalados triumphos.

Vinha o conde da Torre como capitão general de mar e terra; foram-lhe as naus derrotadas e a gente de terra vencida, e teve tantos e tão grandes revezes na sua mal aventurada commissão, que foi desautorado, preso e conduzido para a torre de S. Julião, na barra do Tejo; sendo substituido pelo marquez de Montalvão.

O plano da revolta para a restauração de Pernambuco, por seus proprios habitantes, depois de horrorosas e inauditas atrocidades commettidas pelos hollandezes, foi concertado entre

André Vidal, Fernandes Vieira, Martins Ferreira e Sinão Alvares de la Penha.

Tinha partido do Rio de Janeiro a frota em que ia Salvador Corrêa de Sá, e chegada á Bahia, nella se embarcaram os dois terços; um commandado por André Vidal, o outro por Martins Soares, e seguiram logo para Pernambuco.

Serrão de Paiva, commandante da esquadra, deixou-os no sul daquella capitania, e elles apenas desembarcaram pozeram-se em marcha e fizeram logo com que se pronunciassem pela restauração os povos visinhos, publicando uma proclamação em que se declarava que, vinham por ordem do governador da Bahia á pedido do povo do Recife.

Os do forte de Serinham capitularam pela impossibilidade em que se achavam para a resistencia.

Vidal apresentou-se com 12 soldados com que se adiantára dos de Ipojuca; apoderou-se da fortaleza de Santo Antonio do Cabo; trazendo consigo a nomeação de mestre de campo, para João Fernandes Vieira, e uma ordem do governador geral da Bahia para d'ahi em diante, ter com o mesmo Vieira, parte no governo com o titulo de mestre de campo e governadores com poderes de capitães generaes; era pois Vidal o verdadeiro director da guerra.

Mandou Vidal, Martins Soares investir a fortaleza do Pontal, marchando elle para o Recife com as forças de Vieira, apoderou-se da Casa Forte, rendendo-se o inimigo á discripção.

Voltando á Parahyba foi elle auxiliar a Felippe Camarão e o inimigo foi derrotado.

Ainda no combate dos Guararapes commandou a vanguarda distinguio-se valorosamente.

No combate de Casa Forte teve Vidal o cavallo em que montava, morto por duas balas; na investida do engenho Jequiá, uma bala levou-lhe os feixes da pistola que trazia em punho, e no mortifero combate de Cinco Pontas foi ferido por uma bala.

Seguiu-se a capitulação e ahi baqueou o poder hollandez, extinguindo-se das terras da Santa Cruz o poderio do intrepido e ousado conquistador.

Foi André Vidal o encarregado de levar a Portugal a fausta e jubilosa noticia da rendição dos hollandezes; chegando a Lisboa no dia 19 de Março de 1654.

Foram esplendidas as festas e acções de graças entre o povo e nos templos pelo brilhante triumpho alcançado pelas nossas armas.

Aquelle arauto, que trazia o pregão de tão boas novas, foi recebido pelo D. João IV, com o maior jubilo e agasalho, que devidamente merecia.

André Vidal recebeu o fôro de grande fidalgo da casa real, do conselho de guerra de Sua Magestade e teve as commendas de S. Pedro do Sul e a de Christo e mais as alcaidarias môres das villas de Marialva e de Moreira e foi confirmado capitão-general e governador do Maranhão e foi igualmente governador e capitão-general de Pernambuco e de Angola depois de João Fernandes Vieira.

André Vidal de Negreiros era homem de superiores qualidades, e de maxima abnegação; fazia

tudo pela patria com o maior desinteresse, servindo na guerra hollandeza por mais de vinte annos, fazendo sempre prodigios de valor sendo ferido e ficando com aleijão em uma perna, sacrificando sua vida e sua fortuna.

Viveu ainda depois da guerra cerca de vinte e sete annos, e falleceu no seu engenho novo de Goyanna no dia 13 de Fevereiro de 1680.

Morreu no estado de solteiro, como declara no seu longo, individual e muito judicioso testamento, que foi escripto por seu próprio punho, em 14 de Maio de 1678, e cuja cópia se vê na *Revista* n. 14, do *Instituto Archeologico Pernambucano* de pag. 67 em diante.

**João Fernandes Vieira** — A quem frei Raphael de Jesus dá por autonomasia a denominação de: *Castrioto Lusitano*, (1) nasceu no Funchal, capital da Ilha da Madeira, no anno de 1613 e foi filho de Francisco Dornellas Muniz; tinha 11 annos de idade quando em 1624 embarcou-se para o Brazil com destino á Pernambuco, onde chegou com feliz viagem.

Seus primeiros tempos foram empregados como caixeiro em casas commerciaes; vindo depois a adquirir avultados bens, como se vê de seu testamento, feito na sua propriedade de Maranguape, em 15 de Fevereiro de 1674 e approved pelo ta-

---

(1) Aquella antonomasia é dada como allusão á vida, aos feitos e aos triumphos de Jorge Castrioto Scanderbeg principe da Albania, que em 1462 venceu e desbaratou o formidavel exercito de Mahomet II, depois da invasão e tomada de Constantinopla.

bellião Antonio Soares em Agosto desse mesmo anno.

Os hollandezes invadiram Pernambuco no dia 16 de Fevereiro de 1630, occupando a villa de Olinda e foram atacar o forte de São Jorge e para o assalto levaram uma força de quatro mil e quinhentos homens.

O denodado capitão Antonio de Lima com uma pequena guarnição, auxiliado por vinte mancebos corajosos, que voluntariamente se lhe offereceram para tão temeraria empreza; poudo entreter o inimigo por espaço de cinco dias, capitulando afinal e sahindo com as honras da guerra.

Um daquelles destimidos mancebos que tão de boa vontade e contra tamanho numero de inimigos ia expor a vida em favor da patria, era João Fernandes Vieira, que contava por esse tempo dezesete annos de idade, e vendo elle, na retirada que a bandeira portugueza lá ficava destraldada e exposta aos insultos do inimigo, voltou arrancou-a do mastro em que fluctuava, escondeu-a cingindo-a á cintura e com ella salva se apresentou entre os seus.

Este primeiro facto da mocidade de Fernandes Vieira era o prenuncio de uma vida inteira votada ao serviço da patria, sem poupar sacrificios de sua vida e de sua fazenda.

A restauração de Portugal em 1640 veio como um sopro animador e deu nova vida ao pensamento nunca extincto; mas adormecido nos animos, de salvar a terra natal do poder dos intrusos.

Por este tempo João Fernandes Vieira, que residia no Recife e era já possuidor de grandes cabedaes em terrenos, engenhos e escravos, go-

sando de grande credito, foi convidado para a conjuração, cujo plano fôra communicado ao governador Antonio Telles da Silva, tendo André Vidal sondado e preparado os animos.

Estava aprasado o dia 24 de Junho de 1645, para a explosão da revolta, porém o supremo conselho teve denuncia do plano, por dois traidores, que com a mais infame perfidia, foram delatar seus irmãos.

Vieira é avisado e põe em campo mais de mil combatentes, no dia 13 do mesmo mez; aos quaes immediatamente armou e municiou.

Foi este o rompimento da guerra hollandeza; despendendo Vieira no serviço da restauração de Pernambuco avultadas sommas de dinheiro e fazenda, assim como no sustento da infantaria e no culto divino, cuidando sempre na defeza dos moradores, acudindo-os e livrando-os dos inimigos, expondo a propria vida.

Oppoz resistencia por tres mezes aos inimigos durante o sitio do Arraial, tendo escondidos nos mattos, armazens de mantimentos, gente e armas, animando os moradores a proclamarem a liberdade e a desalojarem os hollandezes dos postos que occupavam; tomando elle sempre a parte mais importante em obra tão heroica.

Na primeira refrega perdeu o hollandez grande numero de bandeiras e seu estandarte real, ficando no campo cerca de novecentos mortos e feridos.

No recontro de 18 de Fevereiro de 1649 sendo mandado investir o esquadrão inimigo houve-se tão valorosamente que, com inferioridade de forças, ficou senhor da artilheria e de uma bandeira, obrigando o inimigo a uma retirada forçada e per-

seguindo-o na extensão de duas leguas de caminho, ficando sobre o campo muitos mortos e feridos, toda a bagagem e algumas bandeiras; recolhendo-se o valente commandante gravemente ferido no hombro por uma bala que recebera.

Mandou Sua Magestade escrever ao governador Antonio Telles da Silva para que significasse a Vieira, que o mesmo Senhor lhe fazia mercê do fôro de fidalgo, de uma commenda do lote de 300 mil réis da ordem de Christo com o habito della e de o conservar no posto de mestre de campo que occupa, em quanto lhe não dava outro maior, tudo isto pelos feitos gloriosos que fizera e pelos que ia continuando a fazer, dando-lhe mais dez legoas de terras no Brazil, com a faculdade de poder legal-as aos filhos; fazendo-lhe mais a mercê do habito de S. Bento de Aviz, e mais dois alvarás de justiça e de fazenda, ou guerra para pessoa de sua obrigação, estando no caso de poder caber-lhe taes possessões, dando-lhe o titulo de seu conselheiro de guerra para o exercer quando houver lugar e do governo do Maranhão por seis annos.

Isto tudo está na carta regia datada de Alcantara em 2 de Maio de 1652.

Por muito tempo ainda e sempre com o mesmo aferro, continuou João Fernandes Vieira seus relevantes serviços em prol da libertação do povo.

Constando por cartas de Lisboa, que no reino se tratava de certos ajustes com o governo hollandez e que, segundo se dizia, continuavam os povos a viver debaixo da dominação e tyrannia dos invasores, e causando tal noticia verda-

deiro assombro e desanimo em toda população; vieram os do povo a Vieira, a quem sempre ouviam, e lhe apresentaram suas reclamações exprimindo o terror e desalento de que se achavam possuidos pela continuação do dominio hollandez, depois de quatro annos de lutas sanguinolentas e porfiadas, com grandes sacrificios, com perdas de vidas e destruição de suas fazendas; sustentando a guerra para não supportarem o jugo de estranhos e para conservarem a lei catholica romana e restituirem este imperio a seu rei; e com estas e outras ponderosas razões offerceram o dobro da quantia que os hollandezes pediam; ficando eximidos de sua jurisdicção; e tomando João Fernandes Vieira a supplica do povo, escreveu uma carta a Sua Magestade em que á franqueza admiravel para aquelles tempos, se reunia a sentida expressão do interesse pelo povo.

Esta carta e seus outros escriptos para o rei, tinham um certo cunho de isenção e de liberdade verdadeiramente de estranhar-se para aquelles tempos de submissões e retrahimentos; e rematava dizendo: que na falta do que pediam-lhes dessem um desengano, para porem-se em cobro por não padecerem tantas tyrannias quantas têm já experimentado.

Cumpre não esquecer, que entre os factos da vida deste destimido patriota houvera elle sido prisioneiro dos hollandezes na tomada do acampamento do Bom Jesus e que a preço de dinheiro resgatára a vida.

Depois da partida do conde de Nassau para a Europa, tendo para isso obtido licença, do seu

governo; tornaram-se insupportaveis as extorções e crueldades exercidas pelos hollandezes contra os do paiz; os clamores eram geraes e as reclamações dirigidas a Fernandes Vieira eram incessantes.

Em Setembro de 1644 chegára ao Recife André Vidal de Negreiros e o beneditino frei Ignacio e entre elles conferiram e escreveram a Camarão e a Henrique Dias.

No mez de Dezembro Fernandes Vieira recebendo uma força de sessenta homens escolhidos commandados por Antonio Dias Cardoso, tratou de occultal-os e de esconder as armas para não tornal-os suspeitos, e elle proprio tratou de augmentar a força arranjando gente em suas fazendas; e não tendo armas sufficientes mandou á Bahia prover-se dellas.

Foi Vieira avisado de que, o conselho dos hollandezes já tinha noticia de tudo e tinha em mão uma lista dos cabeças do movimento.

As atrocidades reduplicavam-se contra os do paiz; sobre tudo, desde o assalto das Tabocas em 3 de Agosto de 1645; cresciam os ultrages aos sacerdotes e à religião catholica e todo o genero de perseguições, e os naturaes em revindicta lhes saiam tambem ao encontro com todo o genero de desforço; era uma cheia aturada a trasbordar atrocidades assombrosas.

Os hollandezes chegaram ao barbaro recurso de prenderem como refens as mulheres dos compromettidos; o povo não queria poupar a vida de um só hollandez, até houve lembrança de queimal-os vivos; foi necessaria a mediação de André Vidal de Negreiros, com seus louvaveis

sentimentos de humanidade para que se moderassem os instinctos de tamanha ferocidade.

João Fernandes Vieira poude libertar e pôr á salvo daquella cobardia hollandeza, as pobres mulheres apavoradas por tão insolita violencia.

Em 1648 chegaram novos reforços aos hollandezes; estes offerecem perdão aos insurgentes, a que João Fernandes responde com altivez regeitando a offerta.

O primeiro accommettimento dos Guararapes foi a 18 de Abril de 1648, nesta investida foram successivamente mortos dois cavallo em que montava André Vidal, e o cavallo de João Fernandes ficou com uma das orelhas furada por uma bala, que a atravessou; cortando João Fernandes o braço de um hollandez, que ousadamente lhe segurava as redeas.

A segunda batalha dos Guararapes foi pelejada no dia 19 de Fevereiro de 1649, durou a luta das duas horas da tarde até as oito da noite tiveram os hollandezes novecentos e cincoenta e sete mortos, e oitenta e nove feridos; ficando em nosso poder dezenove bandeiras, toda artilheria e munições; nesta refrega foi João Fernandes tocado por uma bala.

Finalmente pelos fins de Dezembro de 1653 começaram os habitantes a levantar queixas pela interminavel fadiga de lutas incessantes em que viviam, sem segurança, nem garantias, em perpetuo desassocego.

Por experiencia conhecia João Fernandes, que não bastava toda a força de terra para a tomada do Recife, e esperava por aquelle tempo a chegada das frotas que vinham do reino e que

eram essencialmente necessarias para cortar as communicações, que tinham por mar os hollandezes.

Appareceu finalmente a frota da Companhia Geral do Commercio á vista de Pernambuco no dia 20 de Dezembro de 1653.

O almirante Pedro Jacques de Magalhães a quem se propoz o ajustado, reluctou por não haver recebido ordens competentes para tal empreza; mas afinal cedeu convencido pelas razões que lhe foram apresentadas.

Em 25 de Dezembro fizeram conselho para a empreza os mestres de campo e todos os officiaes-móres. Na noite seguinte teve João Fernandes, ordem para proceder a um reconhecimento nas praças inimigas, o que cumpriu merecendo louvores.

Entrou o anno de 1654, começando o movimento decisivo á 5 de Janeiro.

No dia 14 em que tocava a vanguarda a João Fernandes Vieira, ordenou-lhe o commandante em chefe general Francisco Barreto de Menezes, que fosse pôr sitio e bateria á fortaleza das Salinas, a primeira que se devia atacar, o que João Fernandes acceitou abrazado no maior enthusiasmo e cheio de contentamento.

Entrou a noite cabendo a vanguarda á André Vidal de Negreiros; o inimigo não quiz esperar o assalto; fez chamada e rendeu-se, entregando a fortaleza ás 3 horas da madrugada do dia 16, entregando-se tambem o forte do Altenar.

Na noite de 20 para 21 André Vidal e o sargento-mór Antonio Dias Cardoso tomaram o caminho da fortaleza dos Afogados.

Sigismundo, o chefe hollandez sahiu do Recife para atacar os nossos; porém chegado á fortaleza das Cinco Pontas voltou para traz.

A's 3 horas da tarde do dia 23 communicou João Fernandes Vieira ao general Francisco Barreto de Menezes, que o inimigo pedia suspensão d'armas para mandar um enviado.

Finalmente foi concedida ao inimigo a dilacção com limitação de horas certas; e das conferencias havidas resultou o accordo dos artigos de capitulação propostos pelo general em chefe dos hollandezes Sigismundo Vanescop e quasi radicalmente alterados pelos nossos, na mór parte de suas condições.

Ao amanhecer de uma terça-feira, 27 de Janeiro, tocando a João Fernandes Vieira a vanguarda d'esse dia, foi elle por ordem do general tomar posse da fortaleza das Cinco Pontas, da cidade Mauricea e do Recife, o que fez com mil e quinhentos homens de seu terço; n'aquella fortaleza recebeu a entrega, desarmou o presidio, guarnecendo o com duas companhias; formou a sua gente e fez sahir a guarnição hollandeza para ser desarmada na fórma das capitulações.

Fez assegurar a entrada do Recife, recebeu setenta e tres chaves e tomou posse de todos os lugares fortes e de todas as pertencas; mandando aviso de tudo ao general Francisco Barreto de Menezes, mandando-lhe dizer que, sua senhoria tinha tudo á sua obediencia, socegado e pacifico.

Finalmente tomaram os nossos posse de todas as posições até então e por tantos annos occupados pelos hollandezes; dizendo frei Ra-

phael de Jesus: «bem se póde dizer que da mão de João Fernandes Vieira recebeu Francisco Barreto aquelle dominio, e a corôa de Portugal aquelle imperio.»

Foi André Vidal de Negreiros o encarregado de ir ao reino levar á el-rei D. João IV a alegre nova da restauração de todas as capitánias occupadas pelos hollandezes, para cujo fim sahiu do Recife no dia 3 de Fevereiro, em uma caravela de aviso, alcançando a barra de Lisboa no dia 18 de Março.

A noticia de tão inesperado e glorioso successo foi recebida com o maior alvoroço e com grandes festas, indo o rei em procissão á Sé dar graças por tão grande mercê.

Além dos titulos de que já fallámos, foi mais João Fernandes Vieira, commendador das ordens de S. Pedro de Torradas, de Santa Eugénia de Aula, alcaide-mór da villa do Pinhal, superintendente das fortificações de Pernambuco e das capitánias do norte, mestre de campo, governador e capitão-general do reino de Angola com o titulo de vice-rei e ainda outros titulos; sendo agraciado pelo papa Innocencio X com o titulo de Restaurador da Igreja na America.

João Fernandes Vieira falleceu em Olinda no dia 10 de Janeiro de 1681.

Declara em seu testamento que, *é casado com D. Maria Cesar, filha legitima de Francisco Berenguer de Andrada e de sua primeira mulher D. Joanna de Albuquerque, que de sua mulher não tem filhos, nem herdeiros, porque Deus lh'os levou; determinou que, seu corpo posto em caixão de chumbo e calafetado seja*

*trasladado para a capella mór da Santa Casa da Misericórdia, da ilha da Madeira, d'onde é padroeiro e mandou fazer carneiro por sua conta.*

Dispondo muito sensatamente de sua avultada riqueza, no grande numero de verbas de suas disposições testamentarias.

**Domingos Fernandes Calabar**, nascido em Pernambuco, e de raça mestiça de branco e india, a que chamam vulgarmente *mamelucos*, era homem de baixa estirpe, porém valente e destimido, e diz-se que de extraordinaria força muscular; tinha elle militado nas fileiras de seus compatriotas, onde se havia sempre portado com bravura e intelligencia na luta travada com os hollandezes, desde que estes invasores commandados pelo coronel Theodoro Wandenburg, no dia 15 de Fevereiro de 1630, desembarcaram suas numerosas e aguerridas forças no lugar denominado: Páo Amarello, tres a quatro legoas ao norte da cidade de Olinda.

Este infeliz, que deixou para si tamanho desdouro e labeu tão infamante para seu nome e feitos; depois de auxiliar os seus, em luta tão incarnizada, em que os invasores commettiam as mais negras atrocidades contra os naturaes e tão insolitos ultrages contra o culto catholico, desertou de suas bandeiras, postergando seu juramento, abandonando seus compatriotas e companheiros, e veio entregar-se em corpo e alma ao inimigo; vindo á ser-lhe conductor, guia e luz para as avançadas duvidosas, em terra estranha; certas e

divulgadas agora pela direcção de quem tanto e tão bem conhecia as veredas e atalhos, como pratico experimentado, que era nas marchas e contra-marchas por aquellas localidades tão sertanejas e reconditas para o conhecimento e aventuras de forasteiros.

A causa impulsora de tão feia perfidia e tão sacrilego perjurio ficou sepultada no mysterio e por isso cada um foi tecendo hypotheses como melhor ellas lhe iam de geito á imaginação.

Para uns, tinha elle commettido um crime e com temor do castigo fugio para evital-o; para outros era elle muito maltratado e despresado pelos seus e por isso fugio para livrar-se das affrontas e para outros finalmente, foi procurar mais fartos haveres e maior prosperidade.

Dos primeiros nenhum aponta o crime, sua natureza; qualquer julgamento criminal; nem causa que de leve nos mostre o mais ligeiro indicio; aos segundos oppõe-se intuitivamente o inverosimil de ser despresado e maltratado dos seus um homem bom companheiro, que nos diz a Historia, servira dous annos entre os seus conterraneos, que fôra ferido duas vezes e tinha adquirido reputação; certamente um companheiro deste jaez, não póde ser maltratado por aquelles a quem elle tem ajudado com tanta bravura e defendido com dedicação.

Quanto finalmente á melhorar de fortuna; a traicão é caminho tão escabroso para apreço e estima que, não póde achar acolhida favoravel nos julgamentos intimos da consciencia alheia, para isso seria necessario desconhecer o valor da dignidade humana.

A' vista destas gratuitas hypotheses, pedimos venia para aventurar mais esta nossa, ainda que, na fórma interrogativa.

Não podia elle ser de um espirito irrequieto e movediço, fanatico da novidade e enfasiado das cousas uniformes e aturadas, ou como diz Borage: «Incapaz de assistir n'um só terreno» e ir procurar diversão no desconhecido?

Seja como for, é porém certo, que foi bem recebido e que encontrou bom agasalho no hollandez, que n'isso ia elle com boa traça para atrahir á seu gremio—outros descontentes d'entre os naturaes; davam-se estes successos no correr do anno 1632.

Era Calabar activo, sagaz, emprehendedor e ninguem melhor que elle, conhecia o paiz e a costa,

Havia dous annos que, os hollandezes eram senhores do Recife e que nada mais tinham adiantado se não erguer um forte na ilha de Itamaracá.

Até então caminhavam as forças hollandezas tacteando na obscuridade por veredas incertas e tortuosas; agora iam por caminho certo e bem alumiado, podia-se-lhes contar uma victoria por cada uma empreza.

Fôra-lhes Calabar o novo Aladino, dos contos da idade media, entregando-lhes a lampada maravilhosa, todas as portas se abriam por si, pelo impulso das palavras cabalisticas, todas as tentativas lhes eram coroadas por feliz successo.

Levou-os Calabar á villa de Iguarassú e tão certo ia elle de pôr mão segura na preza, que levou comsigo quatro centos negros para condu-

zirem os despojos; atravessaram as ruinas de Olinda, e tomaram a villa de surpresa, em occasião em que os moradores ouviam missa; dos homens grande numero foram assassinados, e as mulheres despojadas de suas joias, sendo a villa saqueada e queimada.

Guiou de novo o traidor seus novos alliados á villa de Serinhaem, onde saquearam e queimaram importantes estabelecimentos.

Outra empreza, foi dirigida á Rio Formoso; tinham ali os portuguezes levantado um fortim e os poucos que nelle existiam, resistiram de um modo como poucos se contam na historia dos heroismos; Calabar investio o fortim, foram mortos dezenove dos denodados defensores, resistindo ainda o vigessimo, que mesmo ferido atravessou o rio á nado.

Além destes serviços prestou-lhes outro não de menor importancia; ensinou-lhes o systema de guerrear ao modo dos naturaes, mostrando-lhes como haviam de oppor emboscada a emboscada, de sorte que na primeira tentativa, de surpresa caíram os portuguezes na cilada.

Finalmente, só o infinito não tem limites, nem medida; tudo o mais tem um paradeiro assim para a fortuna como para a adversidade.

Propoz Mathias de Albuquerque ao povo de Pernambuco o abandono da cidade e a total emigração para Porto Calvo; muitos dos habitantes não aceitaram o conselho e desrespeitaram a ordem do governador: porém cêrca de oito mil pessoas emigraram com seus moveis, gado e escravos, abandonando suas terras e tudo quanto não poderam conduzir.

Foi miserrimo e calamitoso este exodo.

A guarnição hollandeza, que não podia deixar aquelle comboio impunemente seu caminho, procurou pôr-lhe embaraços á passagem.

Sebastião do Souto, que estava em companhia de um dos dos generaes hollandezes achou meio de o illudir, e approximando-se dos portuguezes deixou cahir um papel, era uma carta em que dizia que Calabar havia chegado na vespera a Porto Calvo com um reforço e que, estivessem de sobre aviso.

Avançaram os hollandezes persuadidos de que, a força portugueza era insignificante; mas acharam-se enganados; pois soffreram tal derrota, que fugiram, deixando no campo cincoenta mortos, e sendo perseguidos com o maior denodo pelos vencedores.

Anoiteceu e no correr da noite os portuguezes seguraram todas as avenidas por onde podia o inimigo receber soccorro.

Isto passava-se em 12 de Julho de 1635.

Na noite do dia 18 deram os portuguezes um assalto, Picard, o commandante hollandez, e Calabar acolheram-se á Igreja Nova.

Era impossivel ahi manterem-se, offereceram-se condições honrosas aos hollandezes, insistindo-se porém, na entrega do desertor.

O hollandez desagradecido e desleal para aquelle que tinha sido—alma de seus triumphos e das depredações com que se haviam enriquecido á custa de seus conterraneos, não reluctou na entrega de quem tanto e por tanto tempo havia servido com todas as forças de seu animo e boa vontade.

Afinal foi entregue á justiça Domingos Fernandes Calabar, que tão avultada somma tinha accumulado para seu ultimo ajuste de contas.

O scenario em que se ia passar este episodio tragico e deploravel da nossa historia patria. que seja dito muito á puridade, ainda está á espera de quem a escreva, passava-se em Porto Calvo, isto é, no mesmo lugar em que o desventurado vira a luz do dia.

Ahi fôra enforcado, decapitado e dividido em quartos, sendo a cabeça e quartos levantados em postes altos e expostos nos lugares mais publicos.

Diz-nos frei Manuel do Salvador, que fôra o confessor do penitente, que elle morrera contricto e arrendido; pedindo que os bens que tinha no Recife e o soldo que lhe deviam os Estados, fosse tudo, pagas as dividas, entregue a sua mãe Angela Alures, o que tudo foi cumprido pelo seu dito confessor.

**O Padre Antonio Vieira** — Nasceu este insigne varão na cidade de Lisboa, no dia 6 de Fevereiro de 1608 e baptisou-se na freguezia da Sé á 15 desse mesmo mez. Foram seus paes Christovam Vieira Ravasco e D. Maria de Azevedo.

Com pouco menos de oito annos de idade veio para a Bahia com seu pae que vinha despachado para um emprego, em que mais tarde lhe succedeu seu filho Bernardo Vieira Ravasco, irmão mais moço do padre.

Começou á estudar nas escolas dos jesuitas.

Não parecia a principio ser o menino estudante dotado de grande desenvolvimento intelle-

ctual, porém como um verdadeiro phenomeno desenvolveram-se-lhe então em grande copia e com tamanha rapidez as faculdades, que pareceu factotão extraordinario, que ficou esta rapida transição perpetuada nas chronicas da companhia.

Vieira reunindo á vocação a suggestão dos mestres, que conheceram cedo o genio extraordinario do moço estudante, deixou a casa paterna, recolhendo-se ao collegio dos jesuitas em 1625 com pouco mais de quinze annos de idade.

Passados dois annos de noviciado professou e desde logo fez votos de empregar sua vida nas empresas mais arduas e arriscadas, doutrinando e convertendo os escravos africanos e os selvagens do Brazil e para bem preencher os fins a que se dedicava estudou as linguas respectivas para se fazer comprehender com mais facilidade.

Os conselhos porém e a obediencia a seus superiores, que descobriam no futuro e egregio mestre o sol esplendido naquelle alvorecer, que bruxoleava apenas para os videntes, fizeram mudar de resolução o joven sacerdote e assim continuou a cultivar e aprofundar o estudo das lettras e sciencias e sempre com assombrosos resultados, de sorte que, com muito pouca idade era já professor de rhetorica no collegio de Olinda e nos estudos de philosophia e theologia fazia admiraveis progressos.

Compunha dissertações sobre os mais importantes assumptos, era commentador de obras transcendentales e grande argumentador.

Em 1635 ordenou-se e disse a sua primeira missa. Já se occupava na conversão dos gentios e já pregava nas igrejas da Bahia desenvolvendo

tamanhos rasgos de eloquencia, que arrebatava a quantos o ouviam.

Em 1640 sacudira Portugal o jugo de Hespanha, que o havia opprimido por sessenta annos e desde os mais remotos pontos de seus dominios do ultramar foi a patriótica revolução recebida com o mais ardente enthusiasmo e foram enviadas mensagens de saudações e protestos de obediencia á el-rei D. João IV elevado ao throno, expulso o dominio hespanhol, que por tanto tempo havia deslustrado a natural coragem dos portuguezes.

Da Bahia o marquez de Montalvão, posto que fosse governador pelo dominio castelhano, enviou seu filho D. Fernando de Mascarenhas á Portugal para comprimentar o novo rei.

Sendo ainda de poucos annos o enviado, tratou seu pae de dar-lhe companheiros abalisados, que lhe fossem á um tempo conselheiros e directores para o bom desempenho do encargo.

Recahio a escolha em dois varões do melhor conceito e provada circumspecção; foram elles os padres Antonio Vieira e Simão de Vasconcellos.

A 27 de Fevereiro de 1641 partiram da Bahia para Portugal o filho do vice-rei e seus dois companheiros, ou antes verdadeiros directores para o bom aviso do joven enviado.

Foi pessima e delongada a viagem por tempestades medonhas, que successivamente acossaram o navio e só nos ultimos dias do mez de Abril é que aportaram ás costas de Portugal.

Como a mulher e outros filhos do marquez de Montalvão tivessem seguido o partido de Castella, a noticia de que, um dos filhos do marquez se ia apresentar ao rei, vulgarisou-se ao desembarcarem

em Peniche, o povo amotinou-se tomando-os por traidores e estiveram os recém-chegados á ponto de quasi serem mortos, chegando a ser ferido o filho do marquez, e só pela grande prudencia do Conde de Athouguia, governador da praça, é que, á muito custo escaparam com a vida por serem recolhidos á prisão.

E' certo porém que já a 30 de Abril achava-se em Lisboa o padre Antonio Vieira.

A eloquencia deste insigne orador sagrado, que persuadia, convencia e arrebatava, encantou o rei, o povo, os nobres e toda a côrte.

Todos foram tomados de assombro e dominados pelo estylo, pelas imagens, pela pureza de liguagem, pela vasta e luminosa erudição com que tratava os assumptos puramente religiosos, ou altamente politicos.

Tal ascendente ganhou o padre Vieira, que tinha no paço, entrada franca a qualquer hora, gosando a maior privança, fazendo parte das conferencias com o rei e os ministros, sendo ouvido nos mais graves e importantes negocios do Estado.

O rei ordenou á seus ministros que o ouvissem, nomeou-o mestre do principe herdeiro e encarregou-o de diversas missões diplomaticas.

O padre Antonio Vieira tomou parte activa nos negocios mais complicados, nesta época de penuria de recursos, ameaças de guerra com diversas nações e as complicações de todo o genero pelos partidarios de Castella.

Em seus sermões, em suas cartas, em seus conselhos, nas conferencias, em tudo era o nosso padre Vieira parte essencial e necessaria.

Percorreu grande parte da Europa, tendo se demorado em Roma.

Era um oraculo para el-rei D. João IV, era o seu maior valido e confidente privado; subordinava o parecer de seus ministros, nos mais importantes negocios, á sancção do padre Vieira.

Fel-o trocar a roupeta de Santo Ignacio pela toga do diplomata; elle mesmo recapitulando as diversas missões de que, fôra encarregado, nos diz que, em suas viagens passara sete vezes o canal de Inglaterra, duas o golfo de Leão, quatro atravessara toda a França e a maior parte da Hollanda e da Inglaterra.

A probidade e inteireza de character eram seus caracteristicos proverbias, em materia de interesses individuaes levava seu escrupulo ao ponto de não receber nem os proventos mais legitimamente adquiridos.

Teve erros, sobre tudo na tenacidade com que sustentava por todos modos á seu alcance, a necessidade de entregar-se a capitania de Pernambuco aos hollandezes.

Parece, que aquelle diamante de tão subido valor, só era eivado pela vaidade; contradizia-se muitas vezes; mas para sustentar-se em calculado equilibrio achava sempre argumentos, ainda que, capciosos, de muita subtileza e agilidade.

O padre Antonio Vieira, que no Brazil, naquelles tempos primitivos fizera seus primeiros estudos, adivinhando o mais pela perspicacia do genio, continuava em Portugal a cultura de seu espirito com o mesmo fervor; não lhe pondo esta perseverança, embargos aos multiplos trabalhos que lhe tomavam o tempo e até aproveitava suas

missões politicas para examinar nas mais afamadas livrarias o que, dellas podia colher.

Em um periodo de sua defeza na inquisição, diz elle: *mais era morador da livraria, que da cella.*

A grande superioridade de seu merecimento e as mercês e alta consideração com que o galar-doava o rei D. João IV accumularam contra elle montões de invejosos, adversarios e inimigos.

Pelas reiteradas chamadas de seus superiores da ordem e pelas intrigas encobertas de seus numerosos inimigos teve o padre Antonio Vieira de retirar-se para o Maranhão, depois de uma longa estada em Portugal.

Pelo fallecimento de el-rei D. João IV em 6 de Novembro de 1656, succedera no throno o desassisado principe D. Affonso, sexto no nome, com a morte do rei perdera o padre Vieira o seu grande amigo e protector.

Entre o grande numero de fidalgos e bons do povo deportados por D. Affonso foi comprehendido o padre Vieira, que se havia compromettido e cahira da graça; mas havendo-se sempre com incrível tenacidade na manifestação de seus pensamentos e sentimentos.

A inquisição, que já o olhava de soslaio e o tinha de muito tempo no catalogo dos seus pros-critos aproveitou-se do desvalimento regio, para metel-o nos seus carceres onde o reteve por tempo largo.

Deu motivo, ou foi simples pretexto para este procedimento, o aferro com que Vieira commentava e explicava as intituladas prophcias de Gonçalo Annes Bandarra, o celebre sapateiro de

Trancoso, e outros varios escriptos proprios, foi condemnado, perdoado e solto; fôra a Roma e voltara ao Brazil pela ultima vez; não tendo mais podido alcançar de el-rei D. Pedro II o mesmo valimento e consideração, que obtivera de seu pae o rei D. João IV.

A sentença do Santo Officio que o condemnara a não poder pregar e á reclusão no collegio, ou casa da sua religião, que se lhe assignasse d'onde não sahiria sem ordem do tribunal e a não tratar mais das proposições de que foi arguido, nem por palavra, nem por escripto, foi publicada ao réo na sala da inquisição de Coimbra á 23 de Dezembro de 1667; foi perdoado de tudo em Julho de 1668.

Tendo voltado para Lisboa continuou a pregar com tanto esplendor, que os templos não só enchiam-se em seu ambito, como nos adros e em derredor em que o povo se accumulava pela fama do orador.

Tendo partido para Roma em Agosto de 1669, ahi os jesuitas, seus confrades, o acolheram com os maiores applausos, vindo recebê-lo fóra da cidade e levando-o como em triumpho á presença do Geral da Ordem; ahi por muitas instancias e por obediencia ao superior pregou varios sermões em lingua italiana grangeando enthu-siasticos applausos.

Christina, rainha da Suecia, que abdicára a corôa na idade de 28 annos, que abjurára o lutheranismo e que se achava em Roma, onde falleceu em 1689, quiz tambem ter entre os homens notaveis, que frequentavam os salões de seu

palacio, o nosso Antonio Vieira, ainda ahi se distinguiu o grande orador sagrado.

A ex-rainha convidou-o para seu confessor ao que elle se recusára.

Voltou para Portugal em 1675 contando quasi 60 annos de idade.

Finalmente embarcou-se para o Brazil a 27 de Janeiro de 1681, chegando á Bahia, a que elle chamava, sua segunda patria, e que tóra o primeiro berço de sua gloria; ao cabo de quarenta annos de ausencia.

Voltando á antiga metropole do Brazil procurou a solidão, recolhendo-se á *Quinta do Tanque* d'onde os superiores o obrigaram a romper o silencio.

Já velho e decrepito ainda subiu ao pulpito pregando brilhantemente nas exequias da rainha D. Maria Francisca.

Ainda novos cuidados e trabalhos o esperavam, quando já tão entrado em annos.

O novo Geral da Ordem enviou-lhe em 1688, patente de visitador da provincia do Brazil e teve o padre Vieira necessidade de deixar o seu ermo do *Tanque* e transportar-se para o collegio da cidade, de onde começou o governo e direcção da companhia das missões com igual zelo e actividade ao que tivera quando no vigor da idade.

Fez restituir ás missões do Maranhão vinte e tantos padres, que haviam sido expulsos em 1684.

Sua longa existencia e seus grandes achques não tiveram poder de o deixar ocioso um só momento, occupava seu tempo em predicas, em escrever sua extensa correspondencia official

e particular, em dar consultas e pareceres sobre negocios politicos e administrativos e em rever e corrigir seus innumerados e importantes sermões, dos quaes chegou á coordenar treze tomos, sendo onze impressos em sua vida, trabalho em que gastou cerca de vinte annos.

Este grande varão apostolico passou da vida terrestre ao seio da Eternidade, no dia 18 de Julho de 1697, na cidade da Bahia com quasi noventa annos de idade e setenta e cinco de religião.

Fizeram-se-lhe sumptuosas exequias tanto na Bahia como em Lisboa, onde o conde da Ericeira filho do autor do *Portugal Restaurado*, que tão intimo havia sido do grande finado, tomára sobre si o encargo das despezas.

E assim passára da vida presente um dos maiores talentos de seu tempo e orador de tanta facundia e de tão alto merecimento, que bem poucos são aquelles que se lhe têm approximado.

### **Bartholomeu Bueno de Siqueira—**

A povoação de S. Paulo erecta em villa á 25 de Janeiro de 1554, dia em que a Igreja celebra a conversão do Santo, que lhe deu o nome e elevada á cidade em 1711 pelo rei D. João V, teve desde seu começo, povoadores arrojadados, que entraram a romper as mattas virgens e condensadas, em cata do gentio, que buscavam para seus serviços, e com a maior intrepidez aventuravam-se aos perigos atravessando sertões invios, que eram como balizas entre elles e Minas Geraes.

A' principio era o captiveiro dos indios a mira de seus audaciosos commettimentos; mais tarde porém, foi a procura do oiro das Minas Geraes o objecto de suas emprezas.

Não nos dizem as chronicas ao certo quaes foram os primeiros videntes daquelles thesouros soterrados e que lhes foram devassar as riquezas.

A primeira noticia que temos e de que se gloriam os paulistas, é que foram os seus conterraneos Bartholomeu Bueno e Carlos Pedroso da Silveira os primeiros que apresentaram as amostras do oiro das Minas Geraes ao governador do Rio de Janeiro Antonio Paes de Sande, no anno de 1695; por morte deste governador, ficou com o governo Sebastião de Castro Caldas, que remetteu para Portugal as amostras do dito oiro em carta datada do Rio de Janeiro de 16 de Junho do mesmo anno.

Por este tempo veio despachado Arthur de Sá e Menezes por governador e capitão general do Rio de Janeiro, por carta regia de 16 de Dezembro de 1695 ordenou-lhe o rei, que se dirigisse ao descobrimento das minas e que, fosse executar o que havia sido determinado ao fallecido governador Sande; tendo todas as atencções para com os paulistas benemeritos, offerecendo-lhes todas as honras e mercês conteúdas nas reaes instrucções, que pela respectiva secretaria se haviam expedido ao dito Sande.

Tanto descuido houve na perpetuação dos primordios de nossa historia patria, que não se póde saber qual foi o primeiro paulista, que internando-se por aquelles sertões foi descobrir o vasto territorio das Minas Geraes.

Muitos aventureiros porém, andavam em *bandeiras*, que assim se chamavam as companhias que atravessavam aquelles sertões com o fim de captivar os indios que encontravam, recolhendo-se depois com a presa que haviam feito nas suas escursões.

Destes sertões explorados o de maior monta era o chamado da *Casca*, nome de uma aldêa na proximidade do Rio Doce, que vae fazer barra á antiga capitania do Espirito Santo, e tem sua origem no corrego de Ouro Preto, recebendo muitos ribeiros.

Desse lugar, a que hoje se denomina *Caethê* recolhia-se Antonio Rodrigues Arzão no anno de 1693, era natural de Taubaté e trazia consigo cincoenta homens de sua comitiva.

Indo á capitania do Espirito Santo apresentou ao respectivo capitão-mór tres oitavas de ouro; a camara o recebeu com agrado, suministrando-lhes viveres e vestuarios, de que careciam, segundo a ordem que tinham de el-rei.

Foi este o primeiro ouro de que, ha noticia, descoberto nas Minas Geraes.

Não pôde Arzão haver e reunir no Espirito Santo a gente de que necessitava para tornar-se aos sertões segunda vez; passou-se então ao Rio de Janeiro e d'ahi para São Paulo, sendo ahí acommettido de gravissima molestia pelos muitos trabalhos e vicissitudes porque passára atravez de tão desabridos e inhospitos sertões, falleceu, deixando a Bartholomeu Bueno, seu cunhado, a incumbencia de proseguir no descobrimento do precioso metal, cujas amostras apresentára.

Era Bartholomeu homem deliberado de animo, robusto e cheio de força de vontade; tinha perdido os cabedaes que possuira e querendo melhorar de fortuna, tomou sobre si e com o auxilio de alguns parentes e amigos, a grande empreza a que havia dado principio seu cunhado Antonio Rodrigues Arzão.

Guiados pelo roteiro, que deixára o fallecido, saíram da villa de São Paulo em 1697; romperam os mattos, tendo como seu ponto de mira o pincaro de algumas serras por onde se guiavam no labyrintho daquellas selvas, e finalmente chegou a *bandeira* daquelles corajosos exploradores á *Itaverava*, serra pouco distante de Villa Rica, hoje Ouro Preto; ali fizeram uma plantação de milho, e como acharam que, nessa paragem não podiam contar com os recursos da caça de que, tanto necessitavam para manter-se passaram-se para o Rio das Velhas, que era de maior fertilidade e para ahi se passou Bartholomeu Bueno com os seus companheiros, em quanto madurava a pequena sementeira que haviam feito no sitio ora abandonado.

No anno seguinte, que foi o de 1698 voltaram os referidos exploradores á *Itaverava* onde vinham fazer a colheita do que haviam semeado; e ahi encontraram o coronel Salvador Fernandes Furtado e o capitão-mor Manoel Garcia Velho e outros.

Já então trabalhavam os exploradores com mais desembaraço, pois tinham trazido consigo grande numero de indios, que haviam captivado nos sertões de Caethê e Rio Doce; mas não tinham elles nem a necessaria experiencia, nem os

instrumentos convenientes á natureza do trabalho de mineração a que se iam applicar.

Limitavam-se ao pouco que podiam apurar em pequenos pratos de páu, ou de estanho; servindo-se de páus aguçados, para cavar a terra e descobrir os cascalhos, em que se cria, e conserva o ouro.

Um dos companheiros de Bartholomeu Bueno, de nome Miguel d'Almeida querendo melhorar de armas, propoz ao coronel Salvador Fernandes Furtado a troca de uma clavina dando-lhe por ella todo o oiro que se encontrasse entre os de seu sequito, e dando-se busca em todos os companheiros, apenas se poudo encontrar entre todos doze oitavas de oiro, que foram aceitas e recebidas pelo mencionado coronel.

Manoel Garcia Velho desejando aprentar-se com aquelle oiro em S. Paulo, offereceu ao coronel Salvador Furtado a venda de duas indias, mãe e filha, á preço das doze oitavas; ficou o coronel com as indias, as quaes cathequisadas, baptisaram-se, uma com o nome de Aurora e a outra com o de Celia.

Separaram-se os sertanejos; partindo para S. Paulo o capitão-mór Manoel Garcia foi a Taubaté e indo-o visitar Carlos Pedroso da Silveira, taes meios empregou, que poudo haver á si as doze oitavas e com ellas se passou ao Rio de Janeiro apresentando-se ao governador e foi por isso premiado com a patente de capitão-mór da villa de Taubaté e provedor dos quintos e com autorisação de estabelecer fundição na mesma villa; conquistando assim por sua maior sagacidade a gloria que a outros pertencia.

Assim se foram descobrindo successivamente as jazidas do oiro nos diversos e distanciados sitios daquelle abençoado torrão das Minas Geraes.

Miguel Garcia natural de Sabará, em 1699 descobriu o corrego, que faz barra no Ribeirão do Carmo, hoje cidade de Mariana; João Lopes de Lima, natural de S. Paulo, em 1700, dá ao manifesto o mesmo Ribeirão.

Ouro Preto teve por descobridores em os mesmos annos de 1699, 1700 e 1701 Antonio Dias, natural de Taubaté, o padre João de Faria Fialho, Thomaz Lopes de Camargo e Francisco Bueno da Silva primo de Bartholomeu Bueno: o descobridor de Itavirava.

Do vasto sertão de Sabará, consta que fôra seu descobridor, ou denunciante de suas faisqueiras, o tenente-general Manoel de Borba Gatto natural de S. Paulo, 1700; Caethé, ou villa da Rainha foi descoberto pelo sargento mór Leonardo Nardes paulista, e uns Guerreiros, naturaes de Santos; e foi-lhe dado o foral de villa em 29 de Janeiro de 1714, sendo governador D. Braz da Silveira.

Rio das Mortes, villa de S. João e a de São José, foi o primeiro, descoberto por Thomé Fortes d'El-Rei, natural de Taubaté; e alguns annos mais tarde foi erecta a villa de São João d'Elrei, ficando-lhe ao nascente a de São José, no lugar então chamado a *Ponta do Morro*.

Estas villas foram creadas pelo governador D. Pedro de Almeida em 19 de janeiro de 1718. Finalmente, Antonio Soares, de S. Paulo, adiantando-se á maior distancia que todos os outros

atravessou os extensos e vastissimos sertões que jazem ao norte de S. Paulo e descobriu a grande Serra vulgarmente chamado do Frio, que na lingua indigena era dita *Hyvituray*, por ser combatido de ventos excessivamente frios, quasi inacessivel pelo grande numero de penhascos que apresenta.

De seu descobridor procede o nome de uma de suas serras, que hoje é conhecida pela denominação de: *Morro de Antonio Soares*. Foi tambem companheiro de Soares n'esta empreza, um Antonio Rodrigues Arzão descendente do primeiro Arzão, de quem já fallámos, e de quem foi successor seu cunhado Bartholomeu Bueno da Silveira, tambem já mencionado, que seguindo as instrucções e o roteiro deixados por seu dito cunhado, foi o primeiro no exito de suas excavações mineralogicas, posto que ainda tão imperfeitas, mas admiraveis pela coragem e tenacidade das pesquisas atravez de sertões invios em luta contra indigenas e contra as feras e na carencia de todos os recursos para a vida.

Em todo este vasto continente ha copiosissimas preciosidades em ouro, diamantes e todo o genero de pedras preciosas; nelle se estabeleceu o real contracto dos diamantes.

A villa do Principe foi creada por D. Braz da Silveira em 29 de Janeiro de 1714.

**Claudio Manoel da Costa**—Nasceu este mavioso poeta a 6 de Junho de 1729, no lugar denominado *Ribeirão do Carmo*, termo da cidade de Marianna, na então, capitania de Minas Geraes.

Dotado de vivacidade e talento foi por seus paes enviado para o Rio de Janeiro afim de estudar o curso de humanidades no collegio dos jesuitas, estabelecido nesta cidade.

Pelo seu talento, applicação e aproveitamento foi graduado *mestre em artes*, titulo equivalente a bacharel em letras, seguindo para Coimbra, onde frequentou o respectivo curso de jurisprudencia e nelle se graduou.

Desde os felizes tempos da Universidade, onde houve sempre um nucleo de distintos poetas, começou a fazer-se notavel por suas inspirações poeticas.

No anno de 1751 sahiram das officinas de Luiz Secco Ferreira o *Munusculo Metrico*, na ordem chronologica, a primeira de suas composições impressas, *Epicedio consagrado á memoria do reverendissimo Sr. Frei Gaspar da Encarnação* em vinte e uma oitavas, em 1753, *Numeros Harmonicos* impressos na officina de Antonio Simões, *Labyrintho de Amor*, no mesmo anno e na mesma officina.

*Obras poeticas*, impressas na officina do mencionado Luiz Secco Ferreira. Este volume, que é, a maior gloria do autor, foi impresso em Coimbra, quando elle já havia tres annos tinha regressado á patria; *Villa Rica* é outra producção do nosso desditoso compatriota; conservou-se inedita por muitos annos até que, em 1841 um mineiro illustre, o finado senador José Pedro Dias de Carvalho, fez á expensas suas imprimir a obra do seu illustre comprovinciano, cujo nome arcaico era: *Glanceste Saturnio*.

Este poema era pelo autor offerecido a José Antonio Freire de Andrade, conde de Bobadella, em 1773. E' precedido de uma carta dedicatoria ao mencionado conde. Tem por assumpto a fundação de Villa Rica, capital de Minas Geraes.

O prologo e as notas contém noticias importantes daquelle Estado em seus primordios.

O poema contém dez cantos de versos decasyllabos rimados em parellas, o que torna a leitura monotona e desagavel, além do assumpto, que não tem a altura necessaria para poema.

Temos ainda deste nosso poeta, além de muitas outras poesias esparsas, a formosissima allegoria intitulada o *Ribeirão do Carmo*, no qual celebrando seu torrão natal, manifesta admiravel imaginação.

Tendo regressado á patria, o nosso poeta, no anno de 1765, com a sua formatura, entregou-se ao exercicio da nobre profissão da advocacia, deixando-a por alguns annos, em que foi solicitado para servir de secretario do governo; que deixando, voltou ao exercicio de sua profissão.

Comprehendido no numero dos conspiradores, no processo de inconfidencia e *lesa magestade de primeira cabeça*, foi o nosso illustrado jurista e ameno poeta carregado de ferros e encerrado nos antros de uma masmorra; foi a cadeia da mesma cidade que elle havia cantado no seu poema, a sua ultima morada.

Valetudinario e na avançada idade de sessenta annos, amedrontado pela idéa do supplicio que, se lhe antolhava, cercado de allucinações, discrepando e cheio de incertezas e ambiguidades naquelle dedalo infernal de interrogatorios abstrusos

a que foi submettido, foram-se-lhe pouco á pouco desordenando as faculdades, e poz termo á vida, enforcando-se com um baraço, que fez com uma liga, no dia 4 de Julho de 1789.

### **Ignacio José de Alvarenga Peixoto.**

—Nasceu este mallogrado cultor das musas nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, no anno de 1744; foram seus paes Simão de Alvarenga Braga e D. Angela Michaela da Cunha.

Muito cedo se lhe manifestou o talento poetico; aos quatorze annos de idade e frequentando ainda o collegio dos jesuitas, já compunha sonetos sobre assumptos historicos.

Ia receber o grau de *mestre em artes*, quando Gomes Freire de Andrade governador e capitão general, no dia 3 de Março de 1759 por ordem da metropole poz cerco ao collegio dos padres da companhia, remettendo-os presos para Lisboa; pois que tinham elles sido proscriptos e banidos de Portugal e seus dominios por alvará de 19 de Janeiro de 1759.

Os que existiam no collegio desta cidade embarcaram no dia 16 de Março.

Em consequencia deste successo foi o joven estudante para a metropole afim de seguir seus estudos na Universidade de Coimbra.

Concluido seu curso juridico, foi despachado juiz de fóra de Cintra e preenchidos os tres annos do cargo, tratou de regressar á patria.

Achava-se ainda em Lisboa na occasião em que se inaugurava a estatua d'el-rei D. José e tomando parte nas respectivas e grandiosas solemnidades desse acto em companhia de seu compa-

triotá José Basilio da Gama e outros fez um bello soneto que abre e fecha admiravelmente, é historico e encomiastico ao rei e ao marquez de Pombal.

Chegando Alvarenga Peixoto ao Rio de Janeiro, encontrou no governo o benemerito varão marquez do Lavradio, que empenhava todos os seus esforços para o desenvolvimento moral e material da nossa cidade.

Entre outros estabelecimentos litterarios elle creára um theatro, á cujas representações assistia, concorrendo assim para animar a frequencia ; o nosso compatriota em auxilio tambem, da boa vontade do vice-rei verteu para portuguez, do italiano, a *Merope*, de Maffei, e compoz um drama original *Eneas no Lacio*.

Tendo vindo despachado ouvidor para a comarca do Rio das Mortes, em Minas Geraes, seguiu seu destino.

Contrahio matrimonio com uma respeitavel, illustrada e opulenta senhora, das mais distinctas familias, chamava-se ella D. Barbara Eliodora Guilhermina da Silveira.

O nosso ouvidor de comarca desistio da posição e das vantagens da magistratura e entregou-se á advocacia.

Fixou residencia em S. João d'El-Rei, e foi elevado ao posto de coronel do regimento de milicias da campanha de Villa Verde.

Tendo sua mulher trazido ao casal bens do taes, progrediram elles em abastança, devida essa prosperidade á intelligencia e actividade do chefe da casa, que constituiu-se um dos mais abastados da capitania.

Era Alvarenga de um genio emprehendedor e atirado a empresas; por isso empregou grandes sommas em obras collosaes, trazendo agua de muito longe e levando-a por extenção de quasi nove leguas, desencravando assim as melhores minas para preparar e haver opulencias mineraes soterradas e desaproveitadas, e com esses emprehendimentos empenhou-se um tanto, para mais tarde lograr os proventos.

Era o lar domestico do nosso bom Alvarenga Peixoto o remanço da paz, da tranquillidade e do contentamento; com a esposa idolatrada e de cultivado engenho, tres anjos do lar, que haviam herdado as virtudes de seus progenitores e que d'elles iam recebendo exemplo e doutrina para o coração e para o entendimento, a estimada consideração publica de que gozavam; tudo isto constituia o gozo da maxima felicidade, se fosse permittido ao homem julgar-se feliz com a sua sorte.

Todo este edificio cumulado de venturas cahio por terra em um momento ao desencadear de horrorosa tempestade.

Achava-se Alvarenga tranquillo e socegado em sua casa de S. João d'El-Rei preparando-se para voltar para suas lavras da Campanha do Rio Verde quando no dia 20 de Maio de 1789, foi preso pelo tenente Antonio José Dias Coelho, como um dos principaes réos do horroroso crime da inconfidencia mineira, crime de lesa magestade, de que, temos já tratado, e sem poder pela ultima vez abraçar sua adorada esposa, seus caros filhos e ver a sua derradeira e saudosa habitação e dizer-lhes o ultimo adeus da despedida eterna, foi carregado

de ferros, conduzido á esta capital e encerrado nas masmorras da Ilha das Cobras.

Respondeu a dois unicos interrogatorios, o primeiro á 11 de Novembro de 1789, o segundo á 14 de Janeiro de 1790.

N'esses dois interrogatorios fraqueou-lhe o espirito, teve contradicções incriveis, comprometteu amigos e correligionarios; em uma palavra, parecia ter esquecido o sentimento de nobreza e dignidade, que tão seus sempre fôram; porém aquelle que considerar toda a profundidade e grandeza de seu inopinado infortunio, a saudade de uma familia idolatrada, a horribilidade do supplicio que, se lhe antolhava, o peso dos ferros, que lhe vergavam o corpo e opprimiam-lhe o espirito, o silencio e a escuridão no segredo de uma masmorra, não lhe póde conceder imputabilidade e fazel-o responsavel por estas aberrações de um espirito tão culto e de um character immaculado.

Assim como da profunda escuridão das grandes tempestades desprendem-se relampagos que deslumbram, assim das trevas d'aquelle espirito conturbado por tamanha desventura, surgiam fulgurações que ainda hoje nos encham de asombro; ainda a imaginação lhe inspirava lyras e sonetos cheios de bellezas e de pungentes saudades, dirigidos á esposa e innocentes filhos, que, tão longe debúlhados em lagrimas se definhava em dolorosa angustia.

Uma de suas filhas, que se chamava Maria Ephigenia. por sua formosura e gentileza era denominada pelos amigos da casa: a *Princeza do Brazil*.

Finalmente, toda esta horrorosa tragedia teve por desfecho a seguinte sentença: ser o rêo conduzido com baraço e pregão pelas ruas da cidade ao lugar da forca e morrer morte natural para sempre, devendo cortar-se-lhe a cabeça e ficar exposta até que o tempo a consumisse, no lugar mais publico da Villa de S. João d'El-Rei; declarados seus filhos e netos infames e seus bens sequestrados para o fisco real.

Esta lugubre sentença foi lida por um requinte de iniquidade para que, os infe'izes esgotassem o calix da amargura até suas ultimas fezes; pois que a rainha D. Maria 1<sup>a</sup> havia commutado a pena de morte para a de desterro, em 15 de Outubro de 1790.

No dia 23 de Março de 1792 deixava o infeliz Alvarenga as praias de seu torrão natal, para o presidio de Ambaca na costa occidental da Africa, onde flagellado de martyrios, cheio de saudades dos que lhe eram tanto do coração, e nas angustias de acerba nostalgia succumbio no anno seguinte, na obscuridade e no vilipendio do desterro.

Não é extenso o inventario de suas obras poeticas; acredita-se que grande numero de seus manuscritos ineditos levassem descaminho no sequestro, que soffreu em seus bens e em todos os seus papeis encontrados, o que aconteceu á todos os outros poetas de Villa Rica.

Vinte sonetos, duas lyras, tres odes anacreonticas, uma cantata, um canto e umas sextilhas; é tudo quanto se pode respigar na seára d'aquelle bom cultor das musas.

Não é o campo de muita largueza, mas ha n'elle fructo sazonado muito de aproveitar.

Era o nosso poeta essencialmente lyrico, impecavel na fôrma e delicadeza na expressão dos sentimentos, sempre correcto e por vezes grandioso na inspiração.

**Thomaz Antonio Gonzaga**—O *Dirceu* era este mavioso poeta natural da cidade do Porto, reino de Portugal, onde nascera em Agosto de 1744 e fôra baptisado na igreja parochial de S. Pedro de Miragaia a 2 de Setembro do mesmo anno; estudou direito na Universidade de Coimbra, onde se formou em 1763 tendo apenas de idade dezenove annos.

Era filho legitimo do licenciado João Bernardo Gonzaga, natural do Rio de Janeiro e de sua mulher D. Thomazia Izabel Gonzaga.

Seu pai exerceu diversos cargos de magistratura, no Brazil, sendo depois despachado para a metropole, onde continuára no exercicio dos cargos de sua profissão de magistrado.

Foi o nosso joven Gonzaga nomeado juiz de fôra na cidade de Beja e em outros lugares, até que, no anno de 1782 veio despachado ouvidor da comarca de Villa Ricca, em Minas Geraes, no Estado do Brazil e ahi exerceu o seu lugar de magistrado com os maiores creditos, sendo no anno de 1789 despachado desembargador para a Bahia, onde havia passado os primeiros annos de sua vida em companhia de seus paes, como elle proprio nol'o diz em uma de suas suavissimas lyras.

Era retardada sua viagem á espera da licença, que havia impetrado da metropole para seu

enlace matrimonial com aquella que era, o sonho dourado de suas esperanças, aquella formosissima mulher, cuja imagem sublime lhe enchia o coração e a quem elle immortalisára nas suas melodiosas lyras; hymnos d'alma. que levam evos á dentro o nome, a formosura e os dotes de sua *Marilia de Dirceu*, que ficara eterna como as heroínas dos cantores privilegiados.

Era a illustre mineira, *Marilia de Dirceu*, D. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas Brandão, sobrinha e tutelada do tenente-coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão ajudante d'ordens do governador.

Estava o poeta magistrado na doce esperança da realisação de seu bello ideal, quando os successos da chamada inconfidencia de Minas, que ficaram narrados na primeira parte, vieram como a espada de Alexandre, cortar aquelle nó que não poderia d'outro modo ser desatado.

Tido como conjurado no inaudito e sacrilego crime de lesa magestade, pelas intimas relações com os vultos mais illustres e proeminentes de Minas, foi preso na manhã do dia 23 de Maio de 1789.

Foram sequestrados os poucos bens que possuía, entre elles, seus livros e manuscritos, que nos seriam hoje outros tantos typos da expressão de seu amor e de suas agonias na singeleza pastoril, tão despresada hoje e tão justamente encarecida n'outros tempos e em todos os paizes, pelos cantores inspirados, que perpetuaram seus nomes e que se firmaram na memoria de todos aquelles que tiverem são o gosto pela cultura da verdadeira poesia.

Enviao para esta cidade do Rio de Janeiro, foi encarcerado nas prisões da Ilha das Cobras, onde depois da delonga tormentosa de cinco mezes, compareceu perante os juizes da alçada, sendo submettido a interminaveis e subterfugiosos interrogatorios, que ahi absorveram um periodo de dous mezes e dezeseite dias.

Da fortaleza da Ilha das Cobras foi removido para o carcere que se estabeleceu provisoriamente, em uma casa que, pertencia á Ordem da Penitencia, continuando ahi incommunicavel, sahindo sómente para responder a novos interrogatorios presididos pelo chancellor da relação do Rio de Janeiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coitinho.

Apezar da vigorosa e juridica defesa com que procurava justificar-se o habil magistrado, pondo por vezes os juizes em graves embaraços, foi o nosso suavissimo Dirceu condemnado á desterro perpefuo para um presidio de Angola e na confiscação de seus bens; isto no dia 18 de Abril de 1792, sendo depois commutada a sentença em dez annos de degredo em Moçambique, com a comminação da pena de morte se voltasse ao Brazil.

Foi este o deploravel remate de trez annos de angustias e tribulações passados nos antros immundos das masmorras.

No dia 23 de Maio de 1792 o navio *Princeza do Brazil* levantava ferro e deixava as nossas plagas, conduzindo para as insalubres terras de Moçambique o suavissimo cantor de *Marilia*, o idolo immortalizado, de Villa Rica, que lá se ficava definhando e triste tão na primavera da vida.

Apenas chegado a seu fatal destino foi acometido de gravissima enfermidade, da qual milagrosamente escapou com a vida; mas não inteiramente normal em suas faculdades.

Foi humana e carinhosamente recebido e tratado por Alexandre Roberto Mascarenhas e sua filha D. Juliana de Souza Mascarenhas, com a qual veio a casar-se no anno seguinte, de 1793.

Naquelle clima doentio e malefico viveu ainda quinze annos, victima de profunda melancolia com accessos de loucura; aproveitando alguns intervallos de lucidez para occupar-se na sua profissão de advogado; vindo a fallecer em 1807, sendo sepultado na cathedral de Moçambique.

O padrão litterario de Gonzaga, é erguido pela sua collecção de lyras sob o titulo *Marilia de Dirceu*, exprimindo seus sentimentos amorosos e suas tristezas, naquelle estylo natural e singelo, que tanto nos falla ao coração e tão difficil de agradar quando não é bem comprehendido por quem o emprehende; pois que lhe é indispensavelmente necessario, não levantar-lhe os vôos, nem descel-os á vulgaridade; devendo achar-lhe na singeleza a verdade dos affectos e a novidade no exprimil-os.

Esta collecçõesinha lyrica, é um dos livros em portuguez. que maior numero de edições conta; o complexo das lyras é dividido em tres partes; as duas primeiras são com certeza o producto genuino da inspiração e do sentimento do nosso mavioso e infeliz Dirceu; quanto porém á terceira, sua legitimidade tem andado em letigio entre investigadores, mais ou menos autorizados.

A *Marilia de Dirceu* tem merecido ser traduzida para diversas linguas, para a franceza por E. Manglave e P. Chalas, para a italiana por G. Vegezzi Ruscalla, para a allemã por Uhland e dizem que, tambem para a hespanhola e a ingleza.

Finalmente, o Sr. Dr. Castro Lopes, estudioso philologo e profundo latinista, dando á estampa em 1887, o seu precioso livro, que tem por titulo: *Musa Latina*, fez criteriosa selecção entre as lyras do malfadado poeta e trasladou essas lyras escolhidas, á versos latinos, que têm toda a pureza classica de Horacio e toda a musica harmoniosa de Ovidio.

**Alexandre Rodrigues Ferreira**—Nasceu este distincto homem de letras, na cidade da Bahia no dia 17 de Abril de 1756.

Seu pae Manoel Rodrigues Ferreira dispunha-o para a vida ecclesiastica e chegou á receber as ordens menores, e para que completasse a necessaria instrucção conveniente ao ministerio a que se dedicava, foi para Lisboa e dahi para Coímbra onde se matriculou no curso juridico.

Impellido por sua propensão e natural talento deixara a carreira em que se havia iniciado, pela a de philosophia, havendo-se com tanto aproveitamento no estudo da Historia Natural, que foi coroado com o laurel do premio academico.

Foi doutor na faculdade de philosophia, cavalleiro da ordem de Christo, official da secretaria de estado dos negocios da marinha, vice-director do real jardim botanico portuguez, administrador das reaes quintas de Queluz, Caxias e

Bem Posta, deputado á junta do commercio e socio da academia de sciencias.

Martinho de Mello e Castro, que era então ministro e secretario de estado, procurando um homem devidamente habilitado para investigar as riquezas naturaes existentes no Brazil e dar exacta e scientificamente conta do que encontrasse e examinasse; ordenou ao Dr. Domingos Vandelli, lente cathedratico de philosophia, que procurasse e lhe indicasse um homem, que possuísse as qualidades exigidas para o mister projectado.

Foi pelo sabio professor apresentado Alexandre Rodrigues Ferreira; aceitou a commissão e partio para Lisboa á 15 de Julho de 1778.

Não sabemos ao certo os motivos, que o fizeram demorar ainda em Lisboa cinco annos; sabemos, porém, que durante esse longo periodo occupou-se em trabalhos scientificos e que, em consequencia desses trabalhos foi elle nomeado socio correspondente da academia de sciencias; um dos titulos, que honram sua carreira scientifica, esta nomeação foi-lhe conferida em 22 de Maio de 1780.

Partio de Lisboa em Setembro de 1783, chegando ao Pará em Outubro desse mesmo anno.

Gastou nove annos nessas arduas explorações, com a maior deligencia e actividade, por sertões inhospitos.

Voltou á capital do Pará, casando-se ahi com D. Germana Pereira de Queiroz, filha do capitão Luiz Pereira da Cunha; verificando-se este consorcio á 26 de Setembro de 1793; houve duas filhas e um filho de nome Germano Alexandre de Queiroz Ferreira, que fôra official da mesma se-

cretaria em que servira seu pae, que voltára para Lisboa em 1793, onde viveu até o dia 23 de Abril de 1815, em que falleceu, victima de obstinada hypocondria, que a muito tempo lhe ia solapando a existencia.

São muitos e variados os escriptos, que nos legara e em que, seu nome se perpetúa.

O inventario de suas obras é longo e importante, maxime em manuscritos; porém descabido neste genero de trabalho; faremos menção das impressas, que são: *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte, pela coroa de Portugal*, *Descripção da Gruta do Inferno, feita em Cuyabá* e *Viagem á Gruta das Onças*.

São estas as que nos consta existirem impressas.

**Frei José Marianno da Conceição Velloso** — Que chamava-se no seculo José Velloso Xavier, nasceu na villa de S. José, comarca do Rio das Mortes, em 1742; baptisou-se na freguezia de Santo Antonio da mesma villa.

Era filho legitimo de José Velloso do Carmo e de sua mulher D. Rita de Jesus Xavier.

Seu tirocinio nas lettras começou aos seis annos de idade, a que se applicou muito voluntariamente e com muita insistencia.

Desde muito cedo foi mostrando como a sua propensão ingenita o attrahia para o estudo das sciencias naturaes, particularmente para a botanica.

Foi enviado para o Rio de Janeiro e tomou o habito no convento da villa de Macacù, em 11 de Abril de 1761; veio estudar philosophia no con-

vento de Santo Antonio desta cidade. Recebeu as ordens em 1766.

Foi eleito pregador a 23 de Julho de 1768, e foi do Brazil para Lisboa, ao que se suppõe, no regresso de Luiz de Vasconcellos e Souza, 4º vice rei do Rio de Janeiro, que fôra nomeado em 25 de Setembro de 1778, e que succedera ao marquez do Lavradio, chegando á esta cidade á 23 de Março de 1779 e tomando posse do governo á 5 de Abril, entregando as redeas do poder ao conde de Rezende, em 7 de Janeiro de 1790.

Este brasileiro notavel, que deve ser considerado como o precursor dos nossos naturalistas, foi nomeado na capital da metropole director da Typographia do Arco do Cego, creada em 1800, pelo ministro D. Rodrigo de Souza Coitinho; este estabelecimento foi pouco depois incorporado na Imprensa Nacional, que á esse tempo tinha o titulo de Regia Officina Typographica, passando ainda depois a Imprensa Regia, sendo frei Velloso nomeado director Litterario do mesmo estabelecimento.

Em remuneração á seus serviços e á seus trabalhos botanicos teve a patente de ex-provincial e uma pensão de 500\$, e foi socio da Academia Real das Sciencias.

Voltou para o Brazil em 1807 com a familia real.

Recolheu-se ao convento de Santo Antonio e ahi falleceu de hydrotorax, á meia noite de 13 para 14 de Julho de 1811.

E' muito extenso o catalogo das importantes obras, que legou á posteridade este incançavel e benemerito brasileiro.

Mais de trinta obras diversas se contam desde a sua *Flora Fluminense* até a *Descripção das Plantas e Classe das Cryptogamas de Lineu* e seus tratados de agricultura e adubos das terras.

E' este nosso compatriota um assombro de actividade, de intelligencia e de utilissimos conselhos doutrinaarios; seu nome merece o respeito e as benções da posteridade.

**José da Silva Lisboa.** — Visconde de Cayrú; este varão illustre e distincto polygrapho, é sem duvida um dos genios mais cultos e fecundos, que o Brazil tem produzido; sendo admirado pelos sabios do velho mundo, pela vastidão de sua intelligencia, variedade e pureza de suas doutrinas.

Nasceu este sabio na Bahia, no dia 16 de Julho de 1756.

Foram seus paes o architecto Henrique da Silva Lisboa e D. Helena Nunes de Jesus.

Tendo apenas 8 annos de idade estudou grammatica latina, indo concluir seus preparatorios em Lisboa, onde estudou rhetorica com o distincto professor Pedro José da Fonseca.

Seguiu para Coimbra um cuja universidade se matriculou nos cursos juridicos e philosophicos em 1774 e formou-se em canones no anno de 1779.

Dedicando-se ao estudo das linguas hebraica e grega, era nellas tão versado que em 1778 fôra nomeado, por concurso substituto da cadeira daquellas linguas.

Como acima se disse, tomou o gráo de bacharel formado em direito e em philosophia; sendo á esse tempo reitor e reformador da Uni-

versidade o respeitavel varão apostolico o brasileiro D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coitinho, bispo de Coimbra e conde de Arganil, nascido em Marapicú, freguezia de Santo Antonio de Jacutinga, termo da cidade do Rio de Janeiro, em 5 de Abril de 1735.

Veiu para a Bahia nomeado professor de philosophia racional e moral, n'esta cidade casou-se com D. Anna Benedicta de Figueiredo.

Exerceu o magisterio por mais de 20 annos, findos os quaes voltou á Portugal em 1797 obtendo sua jubilação.

Em Lisboa publicou suas primeiras obras de direito mercantil e economia politica.

N'este ramo de sciencias juridicas e sociaes foi a primeira obra que veiu a lume em lingua portugueza, causando assombro a profundeza dos conhecimentos de Silva Lisboa em direito civil, maritimo e das gentes.

Voltou para o Brazil; foi no Rio de Janeiro nomeado professor de economia politica e pouco depois, deputado á Junta do Commercio, agricultura, fabricas e navegação.

Exercendo sempre importantes commissões como o de inspector geral dos estabelecimentos litterarios.

Foi deputado á assembléa constituinte, tornando-se n'ella proeminente, foi senador pela sua provincia natal, sendo sempre de admiravel actividade; era escriptor incançavel e polemista arguto e invencivel, sua fertilidade como escriptor era inexgotavel; escrevia incessantemente importantes memorias sobre assumptos philosophicos, politicos, litterarios e religiosos e foi membro de

innumerables sociedades scientificas e litterarias nacionaes e estrangeiras.

A' seu patriotismo e previdencia deve o Brazil o maior serviço que se podia prestar n'aquelles tempos e que foi o precursor da independencia.

A' suas instantes sollicitações e conselhos se deve a carta régia de 24 de Janeiro de 1808, que abriu os nossos portos aos navios de todas as nações amigas e alliadas.

Depois de prolongada molestia falleceu este homem notavel, no dia 20 de Agosto de 1835.

Desde os *Principios de Direito mercantil e Leis de Marinha e dos Principios de Economia Politica* até suas ultimas obras, sobem ellas a mais de trinta, em grande numero de volumes; o dal-as em catalogo seria longo e descabido n'este resumo.

**Martim Francisco Ribeiro de Andrada**; este notavel homem de estado, nasceu na então, villa de Santos, provincia de S. Paulo, no anno de 1775; foram seus paes o coronel Bonifacio de Andrada e sua mulher D. Maria Barbosa da Silva.

Foi para a Universidade de Coimbra onde se formou em mathematicas.

No anno da 1800, elle, seu irmão José Bonifacio e o tenente general Napion, foram encarregados pelo governo portuguez de uma excursão scientifica de estudos mineralogicos dentro do reino, e foi Martim Francisco o escolhido para escrever o que se houvesse observado, este trabalho foi lido na academia real de sciencias de Lisboa em 1812.

Regressou á seu torrão natal, vindo nomeado inspector das minas e mattas de S. Paulo, e o estudo e as excursões perigosas por brenhas e matagaes invios faziam o objecto da vida do homem da sciencia e do trabalho, que procurava derramar suas luzes em seu paiz, que ainda dormia nas trevas do dominio colonial.

Com a retirada de El-Rei D. João VI para Portugal, as cortes de Lisboa tentaram reduzir o Brazil ao antigo estado colonial em que por tanto tempo jazera. A reacção operou-se e o Brazil resistiu á essas tentativas insolitas de recolonisação.

Martim Franciso então secretario do governo provisorio de S. Paulo, com seu irmão José Bonifacio concorreram para a representação de 24 de Dezembro de 1821, primeira manifestação de resistencia ás pretensões da metropole.

No meio da tranzição, que se operava pelos elementos, que se iam accumulando e a discordia, que crescia entre o partido da independencia, que se achava em ebullicão e o partido que existia, não só em S. Paulo como nas outras provincias, e que com o maior esforço pugnava pela recolonisação, obedecendo aos decretos das cortes portuguezas, sendo este ainda muito preponderante, entre esta luta, diremos, teve ainda sua vez de superioridade o partido avesso á independencia e erguendo-se este; foi Martim Francisco demittido do governo provisorio de sua provincia, preso e conduzido para a corte, onde chegando obteve grande triumpho, e sua importante individualidade estava destinada a preencher um glorioso papel na proclamação da nossa independencia.

No estado de desorganisação em que tudo se achava e nas circumstancias difficeis, que, nos assoberbavam tinhamos necessidade de um homem abalisado, de reconhecido amor á seu paiz e cheio de intrepidez e resolução; estas distinctas qualidades adunavam-se no mais alto gráo na pessoa de Martim Francisco.

Foi elle pois, nomeado ministro da fazenda a 4 de Julho de 1822, e houve-se por tal modo na gerencia de sua pasta, que, augmentada a divida com os enormes dispendios da guerra da independencia, ao retirar-se deixou no thesouro valores sufficientes para resgatar todo o empenho com que lutavam as rendas publicas.

Proclamada a independencia reunio-se a constituinte e della fazia parte Martim Francisco como deputado pela provincia do Rio de Janeiro.

Tomando a defeza da causa da liberdade elle e seus irmãos José Bonifacio e Antonio Carlos, em uma época tão agitada por antagonismos politicos e ainda tão visinha do reinado absoluto, empregaram tão vehementes e audaciosos esforços, que levantaram contra si inimigos em grande numero, e esses poderosos e irreconciliaveis e consequentemente grande opposição até que, á 17 de Julho de 1823 foi demittido o ministério.

Fóra do poder os irmãos Andradas constituiram-se em vigorosa opposição.

Se Martim Francisco na administração adquirira immorredoura celebridade; na tribuna parlamentar ergueo-se á suprema altura.

A vehemencia pungente de seus discursos ia pondo graves impedimentos, que embaraçava m o caminho ao governo.

Em 12 de novembro de 1823 foi dissolvida a assembléa constituinte; Martim Francisco, José Bonifacio, Antonio Carlos e outros foram desterrados.

Por decreto de 24 de Novembro desse mesmo anno, Martim Francisco e Antonio Carlos foram submettidos á processo como incursos em crime politico, por seus discursos, pelo que se procedeu a devassa, juntando-se como documentos, as proprias cartas, que os proscriptos escreviam ás suas familias, que foram juntas ao processo como provas, por portaria de 9 de Outubro de 1824.

O processo, que capitulava crime de sedição aos accusados foi concluido em 1828 e ia subir á relação.

Os desterrados vieram para defenderem-se pessoalmente e apenas chegados foram recolhidos presos á Ilha das Cobras.

A 6 de Setembro foram absolvidos por sentença da relação do Rio de Janeiro, que os julgou completamente escoimados de qualquer participação no inculcado crime de conspiração e sedição.

Foi ainda Martim Francisco eleito deputado pela provincia de Minas para a legislatura de 1830 e nesse mesmo anno regeitou a pasta, que lhe foi offerecida pelo imperador; ainda que ressentido e retirado, esqueceu-se de tudo na hora da adversidade e tornou-se seu amigo.

Esteve sempre em energica e vehemente opposição aos governos que, se seguiram á revo-

lução de 7 de Abril; pronunciando impetuosos e eloquentes discursos.

Em 1838 ainda aquella voz eloquente e cheia de fogo se fez ouvir com assombro na tribuna parlamentar.

Como remedio ás interinidades das regencias em nome do imperador e no desconcerto em que tudo nos ia, fez-se a maioridade, que parecia o iris de bonança no meio de tamanhas tempestades.

Nos discursos de 16 e de 26 de Julho de 1840, ainda a voz poderosa d'aquelle Stentor dos tempos novos, retumbava na tribuna da camara dos deputados.

A 23 de Julho estava consummada a maioridade e o grande orador foi chamado aos conselhos da corôa.

Soffreu ainda este homem raro, profundas amarguras nos ultimos estadios de sua carreira triumphal, pelos successos da revolução de 1842.

Falleceu em Santos, seu berço natal, no dia 23 de Fevereiro de 1844.

Morreu pobre e na obscuridade; mas seu nome só basta para sua immortalidade e para honra de seu paiz, que se ufana de um filho tão sabio e tão cheio de virtudes.

**Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva** — Nasceu na então villa de Santos no dia 1 de Novembro de 1773, foram seus paes o coronel Bonifacio José de Andrada e sua mulher D. Anna Barbosa da Silva, feitos seus primeiros estudos em sua terra natal seguiu para

a Universidade de Coimbra; onde com a maior distincção formou-se em direito.

Preenchidas as formalidades da lei, veio nomeado juiz de fóra para Santos e depois foi promovido a ouvidor da comarca de Olinda, de onde passou a desembargador da relação da Bahia.

Dando-se a revolta de Pernambuco em 1817, Antonio Carlos postò que á ella se mostrasse estranho, tornou-se suspeito ao governo, foi preso, mettido no segredo na fortaleza das Cinco Pontas escapando milagrosamente do ultimo supplicio, foi transferido para os carceres da Bahia, onde jaseu por mais de 4 annos.

Foi reconhecida e proclamada a sua innocencia e sendo fundado o systema constiucional na metropole foi elle eleito deputado por sua provincia ás côrtes de Lisboa; ahi fez-se ouvir com admiração sua voz eloquente, em favor da liberdade.

No Brazil tudo se preparava e dispunha para a separação da mãe prtria; o somno colonial já era longo, o congresso portuguez empregava todos os meios impulsivos para que, a torrente impetuosa se despenhasse com arrojio.

A voz de Antonio Carlos ergueu-se poderosa energica e fulminante; mas em vão se oppunham barreiras ás ambições da metropole, e interesses, que se mallogravam.

Nada podendo obter contra o numero e tenacidade dos representantes portuguezes, retirou-se com mais alguns companheiros e acolheu-se á Inglaterra em Outubro de 1822.

Começava já entre nós a estabelecer-se o systema constitucional; estava convocada a assem-

bléa constituinte e achando-se ainda Antonio Carlos em Inglaterra, foi eleito deputado pela sua provincia; chegado á patria tomou assento na representação nacional e ahi levantou sua voz poderosa contra o absolutismo; rompendo inteiramente com as submissões do passado, no valente e arrojado discurso que, com o maior enthusiasmo pronunciou na sessão de 17 de Março de 1823.

Foi pela assembléa, com outros, encarregado do projecto da constituição.

Os horizontes politicos começavam a anuviar-se pela reacção, que se ia manifestando contra os principios liberaes, e a voz do eloquente tribuno estrondava por todos os modos com impeto e admiravel denodo contra as usurpações do poder sobre as immunidades e regalias do povo.

O seu discurso de 10 de Novembro de 1823, é um verdadeiro incendio, um clamor de rebate, que põe um povo em armas.

Foi dissolvida a constituinte e Antonio Carlos preso e desterrado para a França, onde esteve por mais de quatro annos.

Voltou ao Brazil em 1828; mas em lugar de goso da liberdade vinha para o carcere processado por crime de sedição; sendo por sentença da relação do Rio de Janeiro de 6 de Setembro de 1828, absolvido e escoimado de toda a presumpção de criminalidade, voltou á sua terra de Santos para refocillar de tantas fadigas e tribulações.

Foi nomeado pela regencia enviado extraordinario e ministro plenipotenciario para Londres não accéitou o encargo.

O paiz passava por uma crise temerosa, muito visinha da dissolução; ergueram se encarniçados

em terrível antagonismo três partidos: entre elles, o restaurador, que tinha como seu ponto de mira a volta de D. Pedro I, e Antonio Carlos lançando-se com a impetuosidade de seu character, nos braços deste partido, partio para a Europa em 1833, com o fim de mover o ex-imperador a voltar para o Brazil; em 1835 regressou para a patria e foi pela sua provincia eleito deputado para a legislatura de 1838.

Voltou o ancião á tribuna, onde apesar dos annos e da prolongada ausencia daquellas lides, levantou-se á sua altura colossal e como o sol, que depois de romper o bojo de escura nuvem illumina o universo e deslumbra pela intensidade de sua luz; assim depois das amarguras e das trevas do exilio, extasiou, produzindo assombro á quantos o ouviã

A idéa da maioridade, como o ramo de oliveira depois do diluvio, appareceu, a principio vacillante e como duvidoso de seu exito; mas em pouco tempo adquirio poderoso incremento, dominando o espirito da mór parte dos proceres e a quasi totalidade do povo; no meio de todas as duvidas e esperanças foi ainda a voz poderosa do velho Antonio Carlos, que no dia 21 de Julho de 1840, no seio da representação nacional ergueu-se propondo a maioridade de D. Pedro II.

Prevalecendo a idéa escapava-se o poder das mãos da regencia; por isso fez o governo a maior opposição á medida em expectativa, e adiou a assembléa geral.

Antonio Carlos dominado de profunda indignação profere expressões violentas, que produziram grãnde effeito.

A camara resiste á execução do decreto; os deputados partem para o senado, caminham dahi para o paço de S. Christovão; o imperador annue á vontade dos representantes do povo e a do proprio povo e foi proclamada a maioridade; sendo o tribuno chamado a fazer parte do ministerio, que servio até 23 de Março em que cahio o primeiro ministerio da maioridade.

Voltou Antonio Carlos á opposição e combateu com o maior enthusiasmo a lei de 3 de dezembro.

Ainda da assembléa provincial de S. Paulo dirigio acres censuras ao governo.

Em 1842 foi dissolvida a camara; retirou-se o denodado tribuno para sua provincia, de onde ainda voltou ao seio da representação nacional para a legislatura de 1845.

Nesse mesmo anno a provincia de Pernambuco o elegeu para senador, foi escolhido e tomou assento na camara dos anciãos, onde sua voz foi como o sol no occaso lançando os ultimos e luminosos lampejos da despedida.

No dia 5 de dezembro desse mesmo anno de 1845 entregou o espirito ao Creador deixando um nome glorioso e immortalisado nas paginas da Historia Patria.

**Evaristo Ferreira da Veiga** — Nasceu este conspicuo brasileiro na cidade do Rio de Janeiro em 8 de Outubro de 1799.

Foram seus paes Francisco Luiz Saturnino e sua mulher D. Francisca Xavier de Barros da Veiga.

Seu pae, que era então professor de instrução primaria, não só lhe ensinou aquellas disciplinas elementares, como o educou imbuindo-lhe os principios severos de uma moral sã e arraigando-lhe no espirito as crenças catholicas, que manifestou sempre em todas as phases de sua vida.

Aos doze annos de idade estudou latim e rhetorica; foi alumno externo do seminario de São José, onde estudou philosophia racional e moral e as linguas franceza e ingleza, e mais tarde estudou em seu gabinete a lingua italiana.

Aos dezoito annos de idade com esses estudos, que todavia não eram um curso completo, seu pae o empregou como caixeiro da loja de livros, com que, então era estabelecido á rua da Alfandega; tendo já por esse tempo deixado a cadeira de primeiras letras em que dantes se occupara.

Empregado Evaristo da Veiga nesse mister até 1823 e achando campo á geito de suas aptidões e a seus desejos de instruir-se, dedicou-se a leitura aturada, enriquecendo assim o seu espirito; o que foi-lhe de poderoso auxilio na carreira publica em que, mais tarde as circumstancias o arrojaram.

No alvorecer de nossa emancipação politica, pelos annos de 1821 a 1822, não podendo Evaristo tomar parte nos successos occurrentes, pelo respeito á seu pae, que de uma excessiva severidade, era aferrado ás doutrinas retrogadas, muito em reserva lá ia escrevendo um, ou outro artigo, mostrando-os todavia a seu pae, que lendo-os e entregando-os o ia animando ainda que, indirectamente,

Pelo brado da independencia á 7 de Setembro de 1822; do joven Evaristo e do balcão da loja de livros, de seu pae saíram a poesia para o hymno da independencia e outros canticos patrioticos nascidos do enthusiasmo por tão glorioso acontecimento.

Em 1823 associado com seu irmão João Pedro da Veiga estabeleceu-se com uma loja de livros á rua da Quitanda esquina da de São Pedro; abrindo pouco depois elle só outra loja de livros na mesma rua esquina da antiga rua dos Pescadores, hoje Visconde de Inhaúma; sendo já á este tempo casado com D. Edeltrudes Maria da Ascenção.

Sendo dissolvida a constituinte em Novembro de 1823, formaram-se dois partidos: um, que defendia os actos de D. Pedro I, outro em opposição obstinada á tudo quanto d'elle proviesse.

Em 1823 começara a luta nas camaras legislativas; em 1827 era ella energica e violenta.

Em Dezembro de 1827 começou a *Aurora Fluminense* por influencia do Dr. Sigaud; tornando-se Evaristo em 1828 o unico redactor d'esse jornal, que encarando as questões politico-sociaes com o maior discernimento e gravidade evitava cuidadosamente os insultos e as injurias tão communs no jornalismo da epoca.

A *Aurora* ainda que, soffresse por vezes insultos graves dos seus contemporaneos nunca ultrapassou as raias do decoro, com quanto fosse energica na exposição das doutrinas que sustentava.

Os homens mais eminentes reuniam-se discutiam os mais difficeis problemas de governo

na loja de livros de Evaristo e faziam delle seu oraculo.

Em fins de 1828 foi Evaristo eleito deputado á segunda legislatura pela provincia de Minas Geraes. Este homem notavel possuia além do talento e cultivo, admiravel bom senso; com estes dotes tornou-se quasi de improviso o director das opiniões, moderando sempre as explosões dos exaltados.

No correr do anno de 1830 appareceu com a maior exaggeração a idéa de federação das provincias logo e logo, Evaristo ia sempre moderando os excessos; a sua *Aurora* era a pregoeira convicta de suas idéas moderadas.

Tendo ido D. Pedro I á provincia de Minas em Dezembro de 1830, na sua volta deram-se graves disturbios entre portuguezes e brazileiros; sendo essas noites de triste recordação, intituladas: *noites das garrafadas*.

Evaristo foi insultado, sua casa apedrejada e sua vida não esteve com muita segurança: porém elle apesar da tempestade que se desencadeava proseguia fulminando esses successos com toda a energia; mas sempre decorosamente.

Depois de insultos da maior gravidade e de assassinatos em nacionaes, reuniram-se os estadistas na chacara da Floresta, na rua da Ajuda, onde morava o deputado padre José Custodio Dias e ahi deliberaram dirigir uma representação ao imperador pedindo a devida satisfação e punição dos crimes commettidos contra os nacionaes, e foi Evaristo o encarregado da redacção dessa representação, que foi entregue ao governo no dia seguinte,

Esta representação é datada de 20 de Março e influio poderosamente para os successos de Abril.

Evaristo não teve uma influencia directa na revolução de 6 de Abril, comparecendo porém, no Campo no dia 7 de madrugada, depois da abdicação, por aviso que lhe fizera o general Francisco de Lima e Silva.

No meio da surpresa e da desorganisação de toda a machina politica foi Evaristo o bom anjo; foi por seu conselho, que se nomeou para a regencia Francisco de Lima e Silva, o senador Vergueiro e o marquez de Caravellas, os nomes de maior popularidade da epoca.

Evaristo Ferreira da Veiga, de character nobilissimo, de exemplar modestia e despido de ambições tornou-se pela força das circumstancias o conselheiro e director da nova situação, que começou á 7 de Abril de 1831, e até 1835 foi elle, sem duvida, o estadista de maior influencia na marcha do governo.

Praso curto havia decorrido e já os factores da revolução de 7 de Abril estavam em desarmonia e divididos em dois partidos: o *moderado*, que era o de Evaristo, e o *exaltado* a que pertenciam os liberaes federalistas, que tinham tendencias republicanas.

Evaristo fundou a *Sociedade Defensora* à qual se filiaram as pessoas mais notaveis de então, e moços de talento.

De 1832 á 1834 appareceu o partido *Restaurador*; por esse tempo adversarios, ou antes, inimigos rancorosos ergueram-se contra o inclito e judicioso patriota á ponto de tentarem contra a sua vida.

Na noite de 8 de Novembro de 1832, estando Evaristo na sua loja cercado de amigos foram-lhe desfechados tres tiros, sendo elle apenas ferido levemente; foi um verdadeiro triumpho que alcançou; até os proprios adversarios iam como em romaria visital-o e dar-lhe os parabens por haver escapado de tamanha perfidia.

Longe de intimidar-se continuou impavido em seu caminho glorioso.

Para a eleição do regente do acto addicional, que foi o padre Diogo Antonio Feijó, ainda Evaristo teve uma grande influencia.

A 31 de Dezembro de 1835 cessou a publicação da *Aurora Fluminense*, jornal, que desde 1828 influiu poderosamente nos destinos do Brazil.

Em 1836 levantou-se na Camara um grande partido contra o governo do regente Feijó, Evaristo porém, permaceu firme na defesa do governo.

A 22 de Novembro de 1836 partiu elle para Minas, sua viagem foi um triumpho; mas sua saude estava arruinada; chegou de volta á côrte em fins de Abril de 1836, aggravaram-se seus soffrimentos e falleceu no dia 12 de Maio do mesmo anno.

A morte de Evaristo Ferreira da Veiga foi considerada uma calamidade nacional, não houve provincia em todo imperio, que não exprimisse seu profundo pezar por tamanha perda.

O homem, que de simples livreiro, ergue-se por modo que, pôde dizer-se: governou e dirigio o imperio, fez regentes e ministros, aconselhara todas as providencias para o bem e prosperidade de seu paiz, desde 1831 até 1835, não querendo

nunca occupar posição alguma na alta administração do Estado e morreu na mesma posição em que havia subido, era digno da maior admiração e respeito.

Morreu simples livreiro, pobre honradissimo, digno de si e da sua patria á qual deixou a gloria do seu nome immaculado, cheio das mais puras intenções e de inemitavel abnegação.

Foi um symbolo de patriotismo, desinteresse e dedicação.

Infelizmente porem, parece ter-se quebrado o molde por onde se fundiam caracteres daquella tempera.

**Diogo Antonio Feijó.**—Nasceu este brasileiro distincto, na cidade de S. Paulo, em Agosto de 1784; não recebera uma educação litteraria e scientifica superior, mas habilitado pelo estudo de humanidades e dotado de grande talento e de summa agudeza de espirito, possuia uma natural providencia, que o tornava acautelado para os successos.

Seguiu os estudos ecclesiasticos, ordenando-se no anno de 1807.

Foi sempre irreprehensivel no seu theor de vida; dedicou-se ao ensino da mocidade, e em alguns pontos da sua provincia natal ensinou latim, philosophia e rhetorica.

Operando-se em Portugal a revolução constitucional de 1820, foi o padre Feijó eleito por sua provincia deputado ás côrtes de Lisboa, tomando assento na assembléa em 11 de Fevereiro de 1822; defendendo com varonia os direitos de seu paiz.

As côrtes por suas deliberações imprudentes contra o Brazil, querendo desapossal-o de direitos e prerogativas já adquiridas, poz em campo a mais energica e heroica opposição dos deputados brazileiros.

Tornando-se inefficazes seus esforços pela sua pequena força numerica e constantes ameaças dos adversarios, Feijó e outros embarcaram-se occultamente para r'almouth, cidade ingleza, onde publicaram o seu protesto, expondo os motivos de seu procedimento, isto passava-se em 22 de Outubro de 1822.

Chegando á patria, Feijó foi para sua provincia, voltando á vida privada.

Depois da dissolução da constituinte em 1823 e apresentado pelo imperador o projecto da constituição, que foi acceito quasi unanimemente pelas camaras municipaes, o padre Feijó lá de Itú, onde residia, apresentou emendas ao mencionado projecto.

Foi novamente eleito deputado pela sua provincia, nas legislaturas de 1826 e na de 1830.

Na sessão de 1827 propoz a abolição do celibato dos padres e na seguinte propoz a reforma das municipalidades.

Por occasião da revolução de 7 de Abril de 1831, Feijó, que se achava, como se disse, na sua provincia recolhido á vida privada, não tomou directamente parte nesse successo; mas nas suas consequencias tomou uma parte activissima.

Em virtude do abalo tremendo que no Brazil inteiro produziu a revolução de 7 de Abril e da medonha submersão, que ameaçava a tudo e a todos, houve lembrança do character energico, de

previdencia e patriotismo do padre Feijó e foi elle nomeado ministro da justiça em 4 de Julho de 1831.

Tomou desde logo as mais decisivas medidas, que as circumstancias reclamavam; dissolveu os corpos de linha, que se haviam indisciplinado, debelou a insurreição da Ilha das Cobras em 7 de Outubro de 1831, creou o corpo municipal permanente, em 10 do mesmo mez e anno e esmagou os movimentos armados e sediciosos de 3 e de 7 de Abril de 1832.

Tendo o inergico ministro proposto a suspensão do tutor do imperador menor, e cahindo no Senado esta proposta, retirou-se do ministerio em 26 de Junho de 1832, e recolhendo-se á sua provincia foi eleito senador pela provincia do Rio de Janeiro e escolhido por carta imperial de 5 de Fevereiro de 1833.

Essa eleição foi annullada pelo Senado na sessão de 13 de Abril, entrou segunda vez em lista triplice e foi escolhido novamente por carta imperial de 1 de Julho de 1833, tomando assento na sessão de 15 do mesmo mez.

Procedeu-se a eleição de regente do imperio na fórma do acto adicional; o reconhecimento publico elevou o ministro de 31 á suprema altura conferindo-lhe o alto cargo de regente; prestou juramento no Senado a 12 de Outubro de 1835.

Tão depressa attingira á supremacia do encargo como se foram desencadeando obstaculos e contrariedades que se levantavam por toda a parte e por todos os modos.

Surge no Rio Grande do Sul a guerra desastrosa assolando vidas e fortunas e ameaçando a

integridade do imperio. E' preso Bento Gonçalves, chefe dos revoltosos; mas apezar disso a lucta prosegue com a mesma, ou maior intensidade.

O Pará ensanguenta-se em uma lucta fratricida; o general Andréa domina e põe termo á guerra.

Na camara temporaria levanta-se contra o regente uma opposição tenaz e intransigente, de sorte que, camara e regente não se podiam mais entender e Feijó era por demais rispido para com o poder legislativo.

Vendo o regente a posição falsa em que estava collocado, a impossibilidade de preencher as medidas, que lhe pareciam indispensaveis e a inutilidade a que ficava reduzido, demittiu-se do mando.

Retirou-se o ex-regente para a sua provincia, foi viver vida placida e tranquillã; não comparecendo, por doente, a toda a sessão do Senado de 1838.

A 10 de Julho desse mesmo anno, sem suggestão e muito espontaneamente, como elle proprio o declara, julgando, que em seus escriptos, ou discursos pudesse ter se afastado das doutrinas sãs da disciplina ecclesiastica e não querendo em nada separar-se da igreja catholica, nem escandalisar á pessoa alguma; revogava e desdizia-se « de tudo quanto pudesse directa, ou indirectamente offender a doutrina ecclesiastica, que a mesma igreja julgou ser conservada, ou á pessoa alguma ».

Da vida tranquillã e bonançosa em que hia passando seus já dilatados annos, ainda resurgiu com aquella força de vontade e ardimento que

constituíram sempre parte notavel de seu caracter. Abraçou a revolução de S. Paulo de 1842, e de Campinas, onde então se achava, caminhou para Sorocaba a tomar parte activa e militante na mesma revolução.

Foi preso, remettido para Santos e deportado para a provincia do Espirito Santo, onde esteve seis mezes, vindo defender-se no Senado, do crime de cabeça de rebelião.

Respondeu ao processo em 12 de Maio de 1843, onde apresentou ainda grande energia e altivez. Voltou para sua provincia, fallecendo na cidade de S. Paulo, na rua da Feira n. 11, no dia 10 de Novembro de 1843.

Sua vida foi um exemplo de probidade e desinteresse; serviu o seu paiz com a maior dedicação, segundo a orientação de suas idéas politicas e sociaes; subio ao fastigio, á mais alta posição a que seu paiz o podia elevar, teve adversarios e incensadores, não abusou nunca de seu poderio, morreu pobre e na obscuridade.

Estas qualidades tão admiraveis por isso que são extraordinariamente raras, foram o apanagio do brasileiro illustre, ministro da justiça em 1831, regente do imperio pelo acto adicional e que occupára tão imminente cargo desde 12 de Outubro de 1835 até 19 de Setembro de 1837.

**General Osorio, Marquez do Herval**—Este brasileiro illustre nasceu a 10 de Maio de 1808 na freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, e foi baptisado á 24 do mesmo mez.

Falleceu n'esta Capital no dia 4 de Outubro de 1879, na casa de numero 117 á rua do Riachuelo.

Foram seus paes Manuel Luiz da Silva Borges e D. Anna Joaquina Luiza Osorio.

Aprendeu as primeiras lettras com seu tio e padrinho Bernardino José Luiz Osorio, e vindo por ordem de seu pae, para a povoação do Salto, em companhia de sua mãe, ahí frequentou seus modestos estudos, na escola que havia aberto o capitão de dragões Domingos José da Silveira.

O pae de Osorio, que falleceu á 4 de Janeiro de 1836, fôra furriel em Santa Catharina e passando-se para o corpo de milicias de Porto Alegre, mais tarde regimento 20 de cavallaria, fez a campanha do exercito libertador, alcançando todos os postos até capitão, distinguindo-se sempre por grande bravura, e sendo ferido na batalha de Catalã, a 4 de Janeiro de 1817, fôra promovido a major por distincção.

A vida militar do general Osorio começou aos seus 14 annos de idade, quando seu pae, já tenente coronel, em 1822 seguiu do Salto para Montevidéo levando-o em sua companhia, não era ainda militar; porém seu pae obrigava-o a estudar os regulamentos militares, obrigando-o aos rigores da vida dos acampamentos; finalmente no dia 1 de Maio de 1823 sentou-lhe praça voluntariamente na cavallaria da legião de S. Paulo, havendo lhe o general barão da Laguna dispensado os dez dias, que lhe faltavam para completar os quinze annos.

Na qualidade de primeiro cadete fez o resto da campanha de Montevidéo, que terminou a 4

de Março de 1824, sendo promovido á alferes em Dezembro d'esse mesmo anno.

Desejando estudar mathematica obteve do governo, licença para tal fim, e estava prompto á seguir para o Rio de Janeiro, quando foram casadas todas as licenças, por haver sobrevindo a guerra oriental, que teve principio em 1825.

Ficando o joven official desgotoso por essa inopinada contrariedade, pediu para marchar no primeiro contingente que sahisse de Montevidéo para a campanha; fazendo parte da força, que seguiu para a Costa do Uruguay procurando reunir-se á força do general Abreu, que seguia do Rio Grandê do Sul para reforçar o exercito de occupação de Montevidéo.

No arroio Miguelete em frente ao Estado Oriental em uma guerrilha foi o alferes Osorio ferido, e marchou de Mercedes, com o general Bento Manuel, para Montevidéo, entrando no combate de Sarandy em 12 de Outubro de 1825.

Tendo aquelle general cahido em uma *sanga* e proximo a ser morto pelo inimigo, o alferes Osorio com pequeno numero de companheiros correu a salvar o general, o que effectivamente conseguiu.

Quando ia n'esse acto de inaudita coragem, foi cercado por dois inimigos armados; pondo-se-lhe um á direita, outro á esquerda e ambos com as espadas levantadas; elle com a pistola que trazia matou um e o outro cahiu do cavallo atordoado com uma pancada, que recebeu no rosto.

Bento Manuel, então tenente-coronel confiou ao joven alferes o commando das forças da reta-

guarda, apezar de haver n'ella officiaes mais graduados.

Assistiu toda batalha do Rosario 1827, tendo sido nomeado commandante da ala direita da guerrilha, que protegia a retirada do exercito.

No decurso d'esta campanha, quando as forças inimigas invadiram a provincia, escolhida uma força de cavallaria do nosso exercito para pôr-se á frente do inimigo, foi ainda Osorio o nomeado para commandal-a, preterindo embora á officiaes mais velhos e mais graduados; foi promovido á tenente para dragões em 1828.

Em fins de 1827, em consequencia de grandes temporaes haviam ficado inutilizados todos os cavallos pelo rigoroso inverno; toda essa força que constava de 400 homens ficou extremamente reduzida, tres officiaes nomeados para commandal-a recusaram-se successivamente; n'estas tristes e graves circumstancias Osorio offereceu-se ao commandante; este acto de bravura valeu-lhe os maiores applausos do commandante.

Foi promovido a capitão em 1839 e tres annos depois a major para o 2º regimento, que commandou desde 1843.

Quando termininou a revolução do Rio Grande era Osorio tenente-coronel.

Foi nomeado coronel e dignatario da ordem do Cruzeiro em recompensa; como diz o decreto: *de actos de bravura, ainda uma vez comprovada no campo da batalha.*

Em 1854 voltou Osorio na divisão auxilia-dora brazileira á Montevidéo commandando uma brigada.

Foi ainda nomeado commandante para a fronteira de Missões afim de observar a attitude do Paraguay.

Foi depois commandar a fronteira do Jaguarão de onde partio para a Côrte por ordem do governo.

Na Côrte pedio Osorio sua reforma; porém o governo deu-lhe por despacho a effectividade no posto de brigadeiro, em 15 de Junho de 1859, em que era graduado desde 2 de Dezembro de 1856, e teve ordem de regressar á provincia.

Em Outubro de 1864 foi mandado fazer parte do exercito invasor, onde commandou a segunda divisão, que abrio a campanha em 2 de Dezembro desse mesmo anno.

Durante a sanguinolenta e prolongada guerra do Paraguay o general Osorio por sua indomavel bravura e insolita temeridade levantou á suprema altura o nome e a gloria do paiz, que se exalta e honra escrevendo em seus annaes as façanhas heroicas deste valoroso soldado, seu predilecto filho.

A passagem do Paraná Osorio a fez com seis mil homens, tendo nós, os brazileiros, a honra de sermos os primeiros assignalados nessa empreza.

Na batalha de 24 Maio á frente da 8ª brigada salva a cavallaria de Corrientes ao mando do general Caceres, havendo-se com inexcedivel bravura, animando os soldados, que o viam por toda parte nos pontos de maior perigo.

No Potrero Pires foi elle o verdadeiro heroe do dia; na batalha do Chaco commandava o 3º corpo do exercito e por caminhos quasi impene-traveis contorneou o inimigo pelo flanco direito,

cortando-lhe a retaguarda ; no transpôr do arroio *Ivahy* foi gravemente ferido no rosto.

O marquez de Caxias na ordem do dia n. 5 dirige ao inclyto soldado o maior elogio e reconhecimento «ao bravo e arrojado general pelos sacrificios que tem feito e continúa a fazer, sempre á testa do corpo da vanguarda do exercito, apesar do estado precario de sua saude.»

O mesmo marquez de Caxias torna a elogiar o tenente general visconde do Herval «por haver executado o reconhecimento do dia 16, dando como sempre, admiravel exemplo do mais decidido valor, sangue frio e abnegação.»

A primeira investida dos paraguayos contra as forças do general Osorio foi em 17 de Abril de 1866.

No dia 15 formado o 1º corpo do exercito brasileiro, Osorio, seu commandante em chefe fez-lhe uma energica proclamação ; nesse mesmo dia ás 11 horas achava-se embarcada a expedição sob seu commando.

Apenas o vapor chegou á barranca, o general com o maior denodo e temeridade desembarcou de lança em punho.

No *Diario do Exercito* do acampamento junto á fortaleza de Itapirú, louva-se a coragem e intrepidez com que Osorio desde o momento do desembarque até á tomada daquella poderosa fortaleza, fazendo renascer o enthusiasmo tanto no exercito brasileiro como no alliado ; dizendo-se : «vê-se que o bem combinado plano e a boa execução que lhe deu o general Osorio produzio o melhor resultado.»

No combate de 2 de Maio de 1866 foi ainda elle verdadeiro propheta, contrapondo-se ao plano do general Mitre, e os successos posteriores vieram provar a previdencia do homem pratico e anticipado por instincto nas eventualidades da guerra; este combate de 2 de Maio foi um dos mais sanguinolentos episodios da guerra do Paraguay.

Na vespera Osorio fez ver aos generaes Mitre e Flores a possibilidade de uma surpresa da parte do inimigo, elles porém, assim o não julgaram, mas os factos vieram justificar a previsão do general brasileiro,

Approximou-se rapidamente a força paraguaya precipitando-se sobre as nossas quatro peças raiadas e foram arrebatadas e conduzidas com incrível rapidez.

Os batalhões brasileiros ns. 21º, 28º e 1º de voluntarios da patria e 7º de linha foram envolvidos e recuaram em desordem.

O nosso valente general estava na sua barraca recebendo a visita do Sr. Tamandaré, que o tinha vindo visitar, apenas ouviu os tiros deu rapidamente ordem para que avançasse a 6ª divisão do exercito e saltando no cavallo partio á galope para o campo de combate; sua presença e a do batalhão que comsigo trazia, deu novo alento ás forças; o inimigo poz-se em fuga precipitada deixando o campo juncado de cadaveres, sendo orçado em cerca de mil e duzentos o numero de mortos.

A batalha de Tuyuty, que segundo o que se tem escripto, tambem se pôde chamar da Lagoa

Branca, e que é considerada como a maior batalha da America do Sul, é geralmente denominada de 24 de Maio, pelo dia em que foi pelejada, começou ás 11 1/2 horas da manhã, terminando ás 4 1/2 da tarde, foi ella uma das mais porfiadas e sanguinolentas, que naquellas inhospitas regiões se pelejaram; o 4º batalhão de voluntarios da patria foi quasi todo assolado, deixando os paraguayos no campo de batalha mais de quatro mil mortos e trinta e sete prisioneiros.

Osorio commandava a 2ª e 3ª linhas do centro. « As primeiras e brilhantes acções desta campanha, diz a Historia da Guerra do Paraguay, foram dirigidas pelo bravo marechal Osorio, militar de uma intrepidez admiravel e de uma actividade extraordinaria, heroe de todos os combates, commandou com um tino raro a sanguinolenta batalha de 24 de Maio; apparecendo em todas as partes de maior perigo, salvando com sua indomita coragem o exercito brasileiro aniquillando o do inimigo.»

Em 15 de Julho daquelle mesmo anno Osorio muito arruinado em sua saude foi substituido pelo marechal de campo Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão.

Ainda na tomada da fortificação de Sauce o legendario general prestou importantes serviços; em Março de 1868, no acampamento de Tuyuty commandando as forças do 3º corpo do exercito brasileiro, parte das forças do 1º corpo e das do exercito argentino e oriental atacava as posições fronteiras em Tuyu-Cuê, ficando em poder dos brasileiros todas as posições do quadrilatero desde Curupaity até Passo-Pocú.

No reconhecimento de Humaitá, 16 de Julho de 1868, o invencível general á testa de duas divisões de infantaria, um corpo de cavallaria, um batalhão de engenheiros e a brigada de artilheria volante arrostando o vivissimo fogo de artilheria, transpoz a primeira linha de fossos.

No dia 25 de Julho de 1868 os paraguayos abandonaram a sua fortaleza de Humaitá, até então considerada inexpugnável. A primeira tropa brasileira, que entrou nessa formidável praça de guerra foi a brigada do coronel Camillo Mercio Pereira, sendo sua entrada ás 4 horas da tarde, chegando pouco depois o Marquez de Caxias mandando logo no dia 27 cortar as correntes.

Ozorio á testa de força conveniente havia seguido para Humaitá afim de sondar de perto o estado em que se achava aquelle baluarte, e voltando dessa importante commissão trouxe a noticia de que, o inimigo se havia retirado.

No Chaco, á 5 de Agosto renderam-se os paraguayos em numero de 1.200 homens.

Ozorio, o providente e esforçado paladino d'aquella cruzada, desde o dia 15 de Abril de 1866 em que, á frente do 1º corpo do exercito brasileiro lhe dirigio a primeira e entusiastica proclamação, até á terminação daquella sangui-nolenta e prolongada luta por terrenos invios e nunca explorados, foi sempre o batalhador arrojado, admirável, invencível e digno de ser commemorado perpetuamente nas paginas mais gloriosas da nossa historia.

Tendo fallado das altas façanhas dos brasileiros illustres, defensores esforçados e indomitos da nossa honra nacional, nas terras inhos-

pitadas do Paraguay, e das grandes calamidades e scenas sanguinolentas passadas naquellas paragens; julgámos, que não seriam descabidas algumas palavras, ainda que, muito de passagem, acerca do cavilloso e arrogante provocador de tantas desgraças; para esse fim vamos pedir de emprestimo á um eloquente orador sagrado, da tribuna portugueza, as palavras com que define e retrata o truculento e obstinado dictador do Paraguay :

« E' o presidente do Paraguay, diz elle, um d'aquelles caracteres excepçionaes em que os extremos mais distanciados se tocam e abraçam em conjuncção hýbrida e assombrosa; se attentamente fitardes a sua physionomia intellectual e moral topareis com uma intelligencia perspicaz, com uma condição fragueira, com uma ambição immensa, com uma pertinacia derrancada, com um patriotismo heroico, com uma alma, que era um cahos povoado de contradições.....

..... Incarnação monstruosa dos brios do heroe e dos instinctos do algoz, resumo e substanciação formidavel do patriotismo de um povo; crueldade de Mario consorciada á pujança de Annibal, selvagem grande como o deserto, envasado em moldes luzentos como a civilisação, aborto nascido em nação pequena como o Paraguay, que ha de tomar espaço em theatro immenso como a historia; tal é a incompleta e descorada imagem de Francisco Solano Lopez. (1)

---

(1) O conego Joaquim Alves Matheus—Oração gratulatoria que pelo termo da guerra do Paraguay e triumpho das armas brazileiras, pronunciou em 21 de maio de 1870, na cidade de Braga—Portugal.

Deixando agora o desvio em que entrámos e voltando de novo á estrada luminosa de nossas glorias patrias, vamos ainda rememorar algumas datas, que se referem ao nosso heróe o inclito Osorio.

Foi nomeado marechal de campo em 8 de Julho de 1865, tenente general em 1 de Junho de 1867, marechal do exercito graduado em 2 de Junho de 1877.

Foi agraciado com os titulos: de barão, visconde e marquez do Herval, nome de uma freguezia no municipio de Jaguarão, no Rio Grande do Sul.

Foi condecorado com as gran-cruzes de São Bento de Aviz e do Cruzeiro, com a commenda da Rosa, medalhas de Monte-Caseros, de Paysandú, de Uruguayana, de merito e bravura militar e a medalha de bronze dos canhões tomados ao inimigo na guerra do Paraguay.

**José Maria da Silva Paranhos**, visconde do Rio Branco — Este insigne estadista, sabio diplomata e proeminente cidadão nasceu na provincia, hoje Estado da Bahia, a 16 de Março de 1819.

Foram seus paes Agostinho da Silva Paranhos e sua mulher D. Josepha Emerenciana de Barreiros Paranhos.

Seu pae de nacionalidade portugueza, foi negociante abastado; porém por eventualidades da sorte cahira em pobreza, entre os annos de 1823 a 1835, falleceram pouco depois, ficando o joven Paranhos desprovido dos carinhos paternaes e mesmo ficaria em desamparo a não ser a

protecção de seu tio materno o coronel de engenheiros Euzebio Gomes Barreiros, que chamando-o a si preparou-o nos rudimentos necessarios para o ensino superior.

Passou-se para o Rio de Janeiro, onde chegou á 9 de Fevereiro de 1836, matriculando-se na escola de marinha á 3 de Março desse mesmo anno.

Foi promovido á guarda-marinha em 20 de Fevereiro de 1841, sendo-lhe permittido seguir o curso da escola militar, e á carencia de outros recursos ia dando explicações de mathematica para manter-se.

Em 1843 ligou-se em consorcio com D. Theza de Figueiredo Faria.

Em 9 de Fevereiro do mesmo anno foi promovido á 2º tenente, e á 20 de Abril do anno seguinte, foi nomeado para reger interinamente a cadeira de artilheria da escola de marinha; sendo em 9 de Maio desse mesmo anno nomeado lente substituto de mathematica, passando para a cadeira da mesma disciplina, na escola militar em 10 de Dezembro de 1845.

Em 11 de Maio de 1848 foi nomeado lente de artilheria daquella escola, e em 1856 foi transferido para a cadeira de mechanica.

Na reforma das escolas militares em 1860 veio reger a mesma cadeira na escola central, e em 1863 foi transferido para a cadeira de economia politica, estatistica e direito administrativo.

Em 13 de Setembro de 1875 foi nomeado director da escola polytechnica, jubilando-se em 1877.

Já desde 1844 havia elle se estréado na imprensa, redigindo o *Novo Tempo*; em 1845 foi

eleito membro da assembléa legislativa provincial do Rio de Janeiro; pouco depois foi nomeado secretario do governo provincial e em 1846 vice-presidente da mesma provincia, servindo de presidente, de Maio a Setembro, em que prestou bons serviços.

Foi eleito deputado á assembléa geral em 1847. pela provincia do Rio de Janeiro.

Dissolvida a assembléa em 1848, voltou Paranhos á imprensa como redactor do *Correio Mercantil*; retirou-se porém da imprensa, sendo esse facto interpretado diversamente, segundo o modo de julgar dos partidarios politicos.

Em 1850 voltou á imprensa, escrevendo no *Jornal do Commercio* as *Cartas do amigo ausente*.

Honorio Hermeto conhecendo as habilitações e a grande perspicacia de Paranhos, convidou-o para seu secretario na missão especial enviada ao Rio da Prata.

Nessa missão houve-se Paranhos com tanta agudeza no entendimento, prestando tão relevantes serviços, que mereceu elogios geraes e até dos estranhos em cujo paiz estava.

Concluida a missão foi elle nomeado ministro residente em Montevideo, por decreto de 19 de Agosto de 1852.

Nessa prova de sua grande capacidade prestou Paranhos os mais assignalados serviços, sempre com admiravel bom senso e previdencia.

Em 14 de Dezembro de 1853 foi nomeado ministro da marinha.

Retirando-se o visconde de Abaeté em missão diplomatica para o Rio da Prata, foi substituido

no ministerio de estrangeiros por Paranhos em cujo encargo continuou a patentear as mais notaveis habilitações e a grande clareza de seu espirito, decidindo os negocios diplomaticos pendentes, já entre o Paraguay, já com o governo inglez a respeito do trafico africano, questão de summa gravidade.

Foi ainda Paranhos quem com a sua excepcional habilidade diplomatica poude alcançar o livre transito do Rio Paraguay para as bandeiras de todas as nações.

Por esse notavel serviço foi condecorado com a dignataria d : Cruzeiro.

Occupou a presidencia da provincia do Rio de Janeiro, deixando-a em Dezembro de 1858.

Vindo com votação quase unanime na lista triplice por Matto-Grosso, foi escolhido senador á 26 de Novembro de 1862.

Em 1866 foi o illustre diplomata nomeado conselheiro de estado; e em 16 de Julho de 1868 foi nomeado ministro de estrangeiros no gabinete organizado pelo visconde de Itaborahy, e deixando temporariamente a pasta seguiu para o Rio da Prata em Fevereiro de 1869, e depois de haver sido um poderoso auxilio nos aprestos para a campanha das Cordilheiras, no Paraguay, regressou á Buenos Ayres afim de firmar o accordo para a organização do governo provisorio.

Na volta dos relevantes serviços prestados no Rio da Prata em tão arduas e complicadas questões, foi o grande estadista nomeado conselheiro de estado ordinario e visconde do Rio Branco com as honras de grandeza.

Em 20 de Fevereiro de 1871 tendo sido chamado para organizar o ministerio pela retirada do ministerio do marquez de S. Vicente, organisou o ministerio de 7 de Março de 1871.

Por dissidencias parlamentares vio-se Paranhos na necessidade de dissolver a camara, em 22 de Maio de 1872; esse gabinete estende-se até Junho de 1875, periodo que foi fertil em reformas utilissimas, como fossem: a reforma da guarda nacional, a lei do recrutamento e outras.

Paranhos então presidente do conselho, ainda mais uma vez poudo por seu tino administrativo e admiravel sagacidade, obter, que as potencias platinas chegassem ao accordo de sujeitarem-se á um arbitramento acêrca da questão grave e calorosamente disputada pelos diplomatas respectivos sobre a villa Oriental, que por sua posição geographica pertencia ao Paraguay e não ás republicas do Prata, como pretendiam, sendo certo que por esse recurso evitou-se a guerra com uma daquellas potencias, e assim pela interferencia directa do ministerio cujo chefe era Paranhos, ficou o Paraguay com a referida Villá Occidental fronteira á sua capital.

Não bastavam tamanhas glorias para o nome e fama do distincto estadista, do famoso parlamentar e acendrado diplomata, era ainda necessario, que lhe apparecesse um campo ouriçado das maiores difficuldades, para que elle como um novo Ajax tivesse a combater Hectóres e Diomedes, não por um dia, mas por mezes, subindo á tribuna parlamentar quasi todos os dias e sempre robustecido e cheio de novas energias, tornando-se invensível pela exactidão de suas conclusões e

fertil sempre em argumentos novos e irrefutaveis, podendo afinal levantar á suprema altura e desfaldar perante o universo inteiro a bandeira em que, se lia a inscripção bemdita da liberdade dos filhos nascidos de mulher escrava.

Subindo ao poder o ministerio de 7 de Março de 1871, como se disse, sendo Paranhos o presidente do conselho, tornou-se o egregio combatente, o libertador dos innocentes escravizados pela avareza desordenada dos habitos infelizmente tradicionaes; foi elle o gladiador triumphante, que deu a luz da liberdade e da igualdade aos anjos, que sorriam nos folguedos de sua infancia bem alheios á maldição do captivo, á passibilidade, ao desprezo e ao vilipendio de uma vida inteira.

Toda essa alvorada de redempção, todo esse prodigio veio da lei de 28 de Setembro de 1871, de que foi o visconde do Rio Branco o mais convicto e valoroso defensor.

Este grande homem no seio de seu proprio paiz havia enchido a medida de seu grande entendimento de uma admiravel somma de conhecimentos politicos, scientificos, e litterarios; suas aptidões eram multiplices, e cada uma dellas de per si bastára para tornar um homem abalisado naquella a que se dedicasse.

As grandes, prolongadas e incessantes luctas o tinham cançado; o refocillar das fadigas era-lhe indeclinavel necessidade, e seu espirito de observação exigia campos mais largos e variados para outros acertos.

Partiu para a Europa em 1878.

Por toda parte foi recebido com os louvores, applausos e cortezias devidos á seu grande mere-

cimento, pois que seu nome o havia precedido pelas paragens as mais remotas

Voltou ao Rio de Janeiro em 30 de Julho de 1879, sendo recebido no meio dos mais entusiasticos e sinceros applausos; parecendo que, a população inteira desta grande cidade ia instinctivamente victoriar o complexo das mais distinctas e extremadas qualidades de um espirito superior, guiados por uma previsão excepcional e todo este conjuncto harmonico consubstanciado na individualidade de um só homem.

A' tantas glorias porém, ia seguir-se o quadro negro da adversidade.

A doença fatal e ensidiosa, cuja erupção lhe sobreviera na Europa e da qual parecia curado, reaparecera em sua volta á patria, soffreu dolorosas operações com admiravel resignação; o inimigo pareceu recuar.

O gladiador voltou ainda á arena de seus gloriosos combates; occupou-se ainda de importantes pareceres para o conselho de estado.

Finalmente, no dia 1 de Novembro de 1880 pelas 7 horas da noite passou da vida transitoria á eternidade o grande cidadão o vencedor das lutas incruentas, aquelle, cuja palavra vibrante convencia, persuadia e deleitava, aquelle que tudo deveu á si proprio e que, deixou um exemplo perpetuo e animador do quanto póde a probidade, o saber e o verdadeiro amor da patria, e cujo nome nos mostra o poder da vontade daquelle, que hade ser sempre lembrado com orgulho e admiração pelas gerações futuras.

Era o visconde do Rio Branco major de engenheiros, grande do imperio, senador por

Matto-Grosso, membro ordinario do conselho de estado, veador de S. M. a Imperatriz, dignatario da ordem do cruzeiro, commendador da Rosa, gran-cruz das ordens da Legião de Honra, de França, de Christo e da Conceição de Villa Viçosa de Portugal, das imperiaes ordens russianas de Aguia Branca e Sant'Anna de 1ª classe, da real ordem italiana de São Mauricio e São Lazaro e da distincta ordem hespanhola de Carlos III.

---

---

# INDICE

	PAGS.
Considerações preliminares.....	5

## PRIMEIRA PARTE

Christovam Colombo.....	11
Pedro Alvares Cabral.....	12
José de Anchieta.....	12
Salvador Corrêa de Sá.....	13
Henrique Dias.....	16
Antonio Felipe Camarão.....	17
Tira-Dentes (Joaquim José da Silva Xavier)....	18
José Bonifacio de Andrade e Silva.....	24
D. Pedro I (Fundador do Imperio Brasileiro)...	26
D. Pedro II (Ex-Imperador do Brazil).....	37
Duque de Caxias (Luiz Alves de Lima e Silva),	71
Marechal Manoel Deodoro da Fonseca (Fundador da Republica Brasileira).....	88

## SEGUNDA PARTE

Padre Manoel da Nobrega.....	95
Nicoláu Durand de Villegaignon.....	106
André Vidal de Negreiros.....	113
João Fernandes Vieira.....	120
Domingos Fernandes Calabar.....	130
Padre Antonio Vieira.....	135
Bartholomeu Bueno de Siqueira.....	143
Claudio Manuel da Costa.....	149

	PAGS.
Ignacio José de Alvarenga Peixoto.....	152
Thomaz Antonio Gonzaga.....	157
Alexandre Rodrigues Ferreira .....	161
Frei José Mariano da Conceição Velloso.....	163
José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú.....	165
Martim Francisco Ribeiro de Andrada.....	167
Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.....	171
Evaristo Ferreira da Veiga.....	175
Diogo Antonio Feijó.....	181
General Ozorio, marquez do Herval (Manoel Luiz Osorio).....	185
Visconde do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos).....	195

## EDIÇÕES MAIS RECENTES

DA

**LIVRARIA DO POVO, DE QUARESMA & C.**

### O ORADOR DO POVO

Collecção de modernísimos discursos familiares e populares para baptisados, casamentos, anniversarios natalicios, EXAMES E FESTAS COLLEGIAS, felicitações, recepções, manifestações, inaugurações de companhias industriaes, enterros, fundação de clubs, lyceus, bibliothecas e companhias commerciaes, apresentação de balanços e relatorios de bancos e companhias, etc., etc., pelo

**Dr. Annibal Demosthenes**

1 grosso volume enc.. 3\$000; brochado.. 2\$000

### A HISTORIA E A LEGENDA

Interessante e utilissima obra do abalidado historiador brasileiro, conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA.

3 grossos volumes de mais de mil paginas, encadernados 15\$; brochados 9\$000.

Neste importantissimo trabalho encontrará o leitor descriptas em linguagem castiça e estylo fluente as scenas mais curiosas da historia, com profusão de factos ainda não divulgados, analyse critica de diversos personagens que na scena do mundo representaram proeminente papel bem como instruir-se-ha nos movimentos mais importantes que abalaram a vida dos povos.

O merito d'este trabalho do eminente historiador só á vista poderá ser aquilatado, pois além de constituir uma diversão agradabilissima, é proficuo e fecundo em lições e ensinamentos de todo o genero.

### VIDA DE S. FRANCISCO DE PAULO

**Fundador e primeiro superior geral da Congregação da Missão**

Approvada pelos bispos de Marianna e Rio de Janeiro e arcebispo da Bahia, D. Romualdo de Seixas, seguida de orações approvadas pela santidade de Benedicto XIII.

1 vol. in 4º com a verdadeira effigie do glorioso santo.... 2\$000

**LIVRARIA DO POVO — RUA DE S. JOSÉ, 65 e 67**

# LYRA POPULAR

Escolhida collecção das mais celebres poesias de poetas  
brazileiros e portuguezes, comprehendendo muitas  
que unicamente se encontram neste colossal trabalho

1 bello volume de perto de 400 paginas..... 3\$000

---

A obra que acabamos de publicar contém todas as poesias do conselheiro José Bonifacio, conselheiro Pedro Luiz e conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa poesias estas que se achavam esparsas em jornaes de diversos Estados e que á força de immensos sacrificios pudemos reunir para apresentar ao publico no presente volume.

Além das poesias destes tres maviosos poetas brazileiros, encontrará o leitor na Lyra Popular, as mais celebres poesias de Guerra Junqueiro, João de Deus, João de Lemos, Soares de Passos, Guilherme Braga, Faustino Xavier de Novaes, Gonçalves Crespo, Thomaz Ribeiro, Xavier Cordeiro, J. C. Monteiro, João d'Aboim, Castro Alves, Fagundes Varella, Casimiro de Abreu, João Nepomuceno Kubitscheck, (actual vice-presidente do Estado de Minas), Luiz Guimarães Junior, Pedro de Calazans, Magalhães, Affonso Celso, Nuno Lossio, Machado de Assis, Carlos Ferreira, Alvares de Azevedo, Mucio Teixeira, Figueiredo Pimentel, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Quintino Bocayuva, Damasceno Vieira, Laurindo Rabello, Rozendo Moniz e outros poetas de reputação universal.

---

LIVRARIA DO POVO — RUA DE S. JOSÉ, 65. E 67

## PHYSIOLOGIA DAS PAIXÕES

E

Sentimentos moraes do homem e da mulher

Pelo sabio J. L. ALIBERT

Traducção do illustrado escriptor Annibal Mascarenhas

1 grosso vol. de 300 pags., enc. 3\$000, broc. 2\$000

Contém este importante trabalho todas as paixões humanas, quer grandiosas, quer vis e ignobeis, taes como: o egoismo, avareza, orgulho, vaidade, fatuidade, coragem, modestia, esperança, preguiça, medo, prudencia, aborrecimento, intemperança, o instincto de imitação, a inveja, ambição, benevolencia, estima, amizade, respeito, consideração, desprezo, zombaria, adulação, admiração, ingratião, odio, vingança, amor conjugal, paternal e filial, ciume e outras paixões que aviltam e ennobrecem o coração humano.

E' tal a importancia deste trabalho, que a imprensa da Capital Federal o acclamou como obra prima.

## DICCIONARIO

DAS

## FLORES, FOLHAS E FRUCTAS

OU

## MANUAL DOS NAMORADOS

Contendo além do significado de todas as flores, os annaes da vida de uma solteirona, o verdadeiro manual de sinas, ou oraculo das damas e cavalheiros, pelo qual póde qualquer pessoa ler o seu fado ou destino que tem a seguir fatalmente na terra, e isto tanto pela cartomancia e buena-dicha como pelo dia do seu nascimento; seguido de uma escolhida collecção de

Recitativos, Modinhas, Poesias, amorosas  
Cantatas, etc., etc.

1 grosso vol. enriquecido de estampas..... 1\$000

LIVRARIA DO POVO—RUA DE S. JOSÉ, 65 e 67

## LICÇÕES DE HISTORIA GERAL

Organizadas de accôrdo com o actual programma approved pela  
Inspectoria Geral de Instrucção Publica para os exames geraes

POR

**ANNIBAL MASCARENHAS**

1 elegante volume encadernado..... 3\$000

Este trabalho, que ainda em manuscripto recebeu a aprovação de nemerosos e habilitadissimos professores aos quaes foi apresentado, é o unico que pôde servir aos examinandos de historia, pois nelle encontrarão claras dissertações sobre todos os pontos do programma para os exames, dissertações estas escriptas de accordo com o espirito que dictou aquelle programma, e que tende a dar nova orientação aos estudos historicos.

Os pontos mais difficeis do programma, taes como os que se referem á PREHISTORIA, AOS PRIMEIROS TYPOS SOCIAES, Á SCIENCIA DA HISTORIA, da qual se deduzem OS DADOS COSMOLOGICOS, PHYSICOS E PSYCOLOGICOS, foram tratados com toda a proficiencia e orientação didactica pelo Sr. Annibal Mascarenhas, que, sem refohos, explanou estes variados assumptos de modo a facilitar sua comprehensão a todas as intelligencias.

Descrevendo as ANTIGAS CIVILISAÇÕES, o auctor para se conformar com o programma e poder offerecer um livro de utilidade real aos estudantes de historia, poz em evidencia a influencia dos HABITATS e a razão do apparecimento dos diversos factos historicos.

Podemos assegurar que sobre o assumpto não foi até hoje entre nós publicado trabalho de tanta importancia, quer pelo methodo de exposição, quer pela clareza da linguagem.

---

A' venda em casa dos editores QUARESMA & C.

65 E 67—RUA DE S. JOSÉ—65 E 67

RIO DE JANEIRO

E em todas as livrarias dos Estados do Brazil

1895

M/337

03/04 C.62 cada